



Amor ^e Sacrifício

WANDA A. CANUTTI

pelo espírito Eça de Queirós

EDITORA
EVE

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe do *ebook espírita* com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O *ebook espírita* disponibiliza conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento espírita e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: www.ebookespírita.org.



www.ebookespírita.org

Orelha

Nesse eterno intercâmbio entre os encarnados e os libertos, podemos perceber quão intensa é a influência que recebemos da Espiritualidade. Influência essa que depende do teor dos nossos pensamentos, das intenções que nos movem, voltadas para o bem ou para o mal.

A par disso, muito claramente foi demonstrado que até aos que têm sombrios propósitos de vingança ou de traição, os Espíritos de luz, após sondagem dos mais íntimos pensamentos e pretensões, também levam esclarecimentos e orientações, na esperança de desviá-los daqueles perigosos atalhos que os afastam do Criador.

Vale a pena acompanhar o desenrolar desta narrativa até os últimos momentos; são aprendizados para todos, são experiências que bem podemos transpor para nossa vida, mesmo distante de castelos e de toda a realeza, uma vez que a verdadeira nobreza, sem coroa e sem brasões, é a do Espírito.



PALAVRAS DO AUTOR

Graças vos damos, Senhor, pelas oportunidades Hque nos são oferecidas!

Graças vos damos quando conseguimos fazer de cada oportunidade que nos ofereceis, momentos dedicados a vós!

E o que desejamos, Jesus, fazer dos nossos momentos, momentos que seriam vossos, se ainda estivésseis entre nós! Mas felizes ficamos pela oportunidade de obrarmos em vosso nome, ajudando nossos irmãos a encontrar um caminho que os leve a vós, pela prática dos ensinamentos que nos viestes trazer!

Esse caminho é difícil, muitas pedras atravancam a nossa caminhada e outras nos são atiradas quando passamos. Entretanto, se com todos os entraves e ataques, conseguirmos continuar sem que nenhuma atiremos de volta aos que desejavam nos ofender, quão felizes nos sentiremos!

Se as dores da primeira pedra forem muito intensas, mas nos curvamos e prosseguirmos, as outras que recebermos doerão menos, e o sacrifício que fizermos em continuar, nos será benéfico. Ao fim da caminhada, nem sequer perceberemos se há pedras espalhadas pelo chão, ferindo-nos, ou se há alguém à margem da nossa estrada, atirando-nos outras. Quanta felicidade sentiremos e quão feliz faremos o nosso Senhor, que nos testou nesse caminho, porém conseguimos vencê-lo!

Ah, mas há ainda muito mais que poderemos fazer!

Sim, quando já não sentirmos as pedras que nos ofendem, se conseguirmos retomar, recolhendo as que ficaram espalhadas pelo chão, para que outros não se firam, quão felizes ficaremos e mais feliz tornaremos o Senhor!

Se, além de recolhermos as pedras com amor, chegarmos até aqueles que as traziam nas mãos para nos atirar ou atirar em outros que passassem pelo caminho, e, carinhosamente, com muita compreensão e boa vontade os desarmarmos, conseguindo que eles no-las entreguem ou simplesmente as deixem cair ao chão, quão maravilhosa será essa estrada, e quanta paz sentirão aqueles que por ela passarem!

Sejamos nós aqueles que retornam recolhendo as pedras, mesmo feridos pelas que recebemos que, num futuro muito próximo, essa mesma estrada estará toda florida e, ao passarmos por ela, sentiremos apenas o perfume das flores que nós mesmos deixamos florescer!

Eça de Queirós Araraquara, 5 de fevereiro de 1994



Capítulo 1 NUM PEQUENO REINO...

Estamos num pequeno reino, no ano de 1614!

Ao redor do palácio real agregavam-se pequenas casas, simples, formando a comunidade gerenciada pelo rei, que nele morava com seus familiares e seu séquito subserviente.

Não podemos dizer que ele fosse mau, mas tinha que manter sua postura e tomar as providências que as diversas situações premiam, e, em vista disso, nem sempre podia ser generoso e complacente com aqueles que o cercavam de forma traiçoeira.

Sua família, ao contrário das da época, não era grande. Para seu profundo desgosto, nunca tivera o filho homem que tanto desejara, mas apenas duas filhas, agora jovens e bonitas, prontas para o matrimônio.

Ele poderia, por esse fato, ter dispensado a esposa e casado com outra que pudesse satisfazer esse seu desejo. Contudo, apesar das esperanças frustradas por não receber no lar um varão para substituí-lo, nunca quis desfazer-se dela porque a amava. Respeitava-a e adorava as filhas, que sempre foram, desde o nascimento, a sua alegria, os seus momentos de paz, quando os problemas do reino o atribulavam.

A mais velha, de nome Mafalda, era loura de olhos azuis muito temos e amava o pai. Crescera e se tomara uma linda jovem, cobiçada por muitos para uma união de interesses.

A mais jovem tinha nos olhos a negritude dos olhos da mãe, vinda de outro reino mais distante para unir-se ao rei em matrimônio, por isso, com características diferentes das dos que lá viviam. Os cabelos claros, porém, herdara do pai, e também era uma jovem muito bonita, aguardando a chegada de algum príncipe que a levasse para um reino encantado, porque essa — Margarida era o seu nome — era muito mais romântica e sonhadora que a irmã.

O rei era feliz. Admirava a beleza das filhas e, embora ambas estivessem prontas para um consórcio matrimonial, tinha receios. Amava-as e nunca quisera entregá-las a nenhum daqueles que já lhe haviam feito várias propostas.

Elas, às vezes, inquiriam o pai a respeito, mas ele respondia que não tivessem pressa. No momento certo, o príncipe lhes chegaria.

A rainha-mãe, sempre em companhia das filhas, orientava-as, aconselhava-as, para que um dia, quando fossem levadas para um novo lar, acompanhando aqueles que as receberiam como esposas, soubessem conduzi-lo diante da posição que ocupariam.

Na época, a união de interesses era um preceito e, por meio dos matrimônios, uniam-se reinos, mas o rei não pensava nisso. Não desejava ampliar domínios por intermédio das filhas, porém, esperava surgir algum pretendente que pudesse permanecer com eles e substituí-lo, no momento em que se visse impedido pela idade, pelas enfermidades, ou mesmo pela sua partida. Por isso não tinham pressa.

As festas para distraí-los eram freqüentes, como sempre ocorre nos palácios onde a fartura é regra geral, mesmo que, ao redor deles, a miséria seja uma realidade. Com isso não se preocupavam.

Nessa rápida descrição, tomamos conhecimento do ambiente onde começará a nossa história, da situação em que lá viviam, bem como da pequena família real.

Enquanto nada acontecia de anormal, a rotina era aquela já conhecida.

Os domínios do rei eram pequenos, mas a região, ao redor, muito bonita. A Natureza fora privilegiada por Deus, e a beleza dos campos floridos, dos rios de águas límpidas sob um céu muito azul, quando da primavera e do verão, completavam aquele quadro que, nem o mais exímio dos pintores conseguiria retratar.

Por isso as jovens, segregadas à vida do palácio, não obstante sempre com muitas distrações, gostavam de sair e realizar passeios. O pai, zeloso das filhas, permitia, desde que a mãe as acompanhasse, protegidas ainda por uma guarda especial que se mantinha mais a distância, mas atenta e com os olhos em todas as direções.

Elas obedeciam, porém, certa vez Mafalda, a mais velha, conversando com o pai, perguntou-lhe:

— Papai, por que cada vez que saímos precisamos ter tantos a nos olhar? Perdemos a nossa liberdade e não aproveitamos o passeio como desejaríamos!

— O que pretende, filha, realizar nos seus passeios, que não gosta de ser vigiada?

— Nada mais do que fazemos, mas sabendo que estamos livres para correr, se quisermos, sem que ninguém nos corra atrás! Deitarmo-nos na relva, à beira do rio, sem que ninguém nos observe. Sinto-me mal, papai! Gostaria muito de ir só! Eu mesma dirigindo o nosso carro, ou até sair a cavalo por esses campos e cavalgar sem destino, sentindo a aragem agradável batendo em meu rosto!

— É muito perigoso, filha! Isso nunca poderá fazer! Sua reputação seria maculada pelos comentários, em prejuízo até dos pretendentes que pudessem se achar. Afora isso, nunca se sabe, poderá encontrar alguém que não só a moleste, como até realize alguma traição.

— Nisso não acredito! Todos gostam muito do senhor! Ninguém se atreveria a nada! Pelo contrário, quando passamos na carruagem, com o séquito a que nos obriga, todos param o que estão fazendo, reverenciam-nos com um sorriso nos lábios, felizes por nos verem.

— Acredito que sim, mas sempre há, entre os que nos amam, os descontentes! Se encontrar um desses mais enraivecidos, poderá atingi-la, mesmo com toda a guarda que a acompanha.

— Então nunca poderei andar livremente?

— Não, filha, não é conveniente! Limite-se a ficar circunscrita ao palácio! Nossos jardins são muito belos, e nesta época do ano estão floridos, pode ver daqui da janela.

— Sei que estão floridos e acho-os belos, mas são sempre iguais, sem surpresas! Compreendo os seus cuidados, e sinto, às vezes, ser filha de um rei e não ter a liberdade de que todos nós necessitamos. As moças do nosso reino são muito mais felizes do que eu!

— Não diga isso! Tenho a certeza de que todas a invejam e gostariam de estar em seu lugar e no de sua irmã!

— Quem sabe não poderíamos trocar um dia, não é mesmo, papai? Uma delas passaria um dia, aqui, como princesa, e eu iria lá, como provinciana! Seria uma experiência extraordinária!...

— Pare, filha, com pensamentos absurdos, e fique feliz com o que possui!

O rei ficou assustado pela conversa da filha. Jamais imaginou que ela se sentisse tolhida em sua liberdade, e muito mais que isso, que conseguisse ter tais anseios e manifestá-los, quando o uso, o comum da época era aquele, ainda mais para uma família real.

Pensando, concluiu que ele próprio deveria ser o culpado. Sempre quis que elas tivessem instrução. Sempre aguardou o filho varão que nunca chegou, e proporcionou às filhas o que proporcionaria a ele. Elas sabiam ler e escrever correntemente, e liam muito. Tudo o que lhes caísse às mãos não ficava sem que seus olhos passassem por todas as letras, tomando conhecimento do que se tratava. A biblioteca do palácio compunha-se de muitos compêndios, e cada novidade que chegava, era disputada por ambas, para ver quem a leria primeiro.

Com isso, os anseios, os devaneios aumentavam e extrapolavam os limites do palácio, dentro do qual se sentiam segregadas. As duas partilhavam desse mesmo pensamento, mas fora Mafalda quem tivera a coragem de extemá-lo.

Eram belas, tinham cultura, grande para a época em que as mulheres, não sendo reconhecidas como merecedoras de ter seus horizontes ampliados pela instrução, deveriam apenas se preparar para saber executar trabalhos concernentes ao lar, ou mesmo dirigi-los, como no caso das princesas. Mas Mafalda e Margarida eram diferentes das outras jovens.

Possuíam, a par da cultura, a preparação necessária para desempenhar suas funções de donas do lar, quando os pretendentes fossem aceitos — que desse particular a mãe era ciosa.

Ambas estavam prontas, aguardando aqueles que roubariam seus corações ainda virgens de amor, contudo, até aquela data, os que haviam se apresentado, foram recusados pelo pai, sem que nenhum ressentimento ficasse nelas.

Divertiam-se nas festas, recebiam convidados vindos de outros reinos para um intercâmbio de amizade e de interesses, dançavam, passeavam nos limites do palácio, todavia nada, ninguém ainda lhes tocara o coração como esperavam, principalmente o de Margarida, mais romântica e sonhadora.

Ela imaginava o amor, a convivência com o esposo num elo intenso de felicidade, mas só o admitia, amando. Às vezes, em conversa com a irmã, conjeturava:

— Já pensou, Mafalda, em como será o homem que terá o nosso amor, aquele que também nos amará? Não vejo a hora de ter o meu coração todo tomado por um jovem belo que eu ame, que me ame e me faça muito feliz! Será a felicidade maior de minha vida e o aguardo ansiosamente!

— Não sonhe tanto, Margarida! Se um dia aparecer algum pretendente que papai julgar conveniente, entregará uma de nós! Seus sonhos ficarão frustrados e você se sentirá muito infeliz se não conseguir amá-lo.

— Papai não faria isso conosco! Já tem recusado tantos sem nem nos consultar!

— Isto porque não lhe convinha! Mas quando encontrar algum que se disponha a aqui ficar, ajudando-o a reinar, saindo em empreitadas, tomando providências de acordo com o que lhe interessar, nos dará em casamento.

— Se eu não gostar dele, não aceitarei! — respondeu Margarida, decepcionada, vendo desmoronarem as suas esperanças.



Capítulo 2 AGUARDANDO VISITAS

Assim transcorria a vida das jovens princesas, no palácio real, cansadas, às vezes, da rotina, ou felizes quando uma festa, um passeio, ou alguma visita vinha quebrar a monotonia de todas as horas que ali passavam.

Visitas de parentes ou de emissários de outros reinos, que vinham tratar de interesses, sempre as tinham. Quando isso ocorria, os jantares eram mais requintados, divertimentos eram-lhes propiciados após, no grande salão, e a reunião se prolongava pelas horas, que, em outras ocasiões, eram destinadas ao repouso.

Naquele dia, um emissário de um país vizinho chegara com uma mensagem, dizendo que delegação influente de seu reino viria, daí a três dias, para tratar de assunto importante com Sua Majestade, e que também o filho do seu soberano, jovem intrépido, forte e belo, os acompanharia.

Quando tomaram conhecimento, o coração das jovens perdeu a tranquilidade e sobressaltou-se. Sabiam que aquele rei tinha três filhos, dois já casados, sendo que o mais velho deles se colocara, uma vez, como pretendente de Mafalda.

Agora vinha o mais jovem, que não conheciam, mas do qual tinham notícia pela sua intrepidez, força, coragem e beleza.

As jovens estavam afoitas. Queriam saber do pai o que os traria ao palácio, de que tratariam, mas o rei, sempre solícito em atender às perguntas das filhas, nada pôde responder porque a mensagem não especificava. Dizia apenas que chegariam daí a três dias, e permaneceriam o tempo que lhes fosse necessário à resolução do que os levava até lá, pedindo que os hospedasse durante o referido período.

Todas as providências foram tomadas, no palácio, para a recepção dos visitantes, mas, em relação às jovens, o armário de roupas estava sendo consultado a todo instante, para dele tirarem as sugestões das vestes que usariam. Até trajes novos pediram à mãe, para as cerimônias que certamente o rei mandaria preparar para visitas tão ilustres.

A mãe, cuidadosa e experiente, acalmava as filhas, explicando-lhes que não sabiam quem viria, nem a que viriam.

— Sabemos disso, mamãe! — dizia Margarida. — No entanto, se vem um jovem forte e belo, por que não devemos nos apresentar bem? Não sabemos de suas intenções! E se vier em pedido a alguma de nós? Se gostarmos dele e quisermos que papai o aceite?

— Que pedido, filha? Não sabe o que os traz! Contenha essa ansiedade e espere!

— De qualquer forma, teremos visita e precisamos nos apresentar bem!

— Ambas são lindas, de qualquer jeito que se apresentem!

Os três dias que mediaram entre a mensagem e a chegada dos visitantes, foram poucos para tantas diligências.

Visitas vindas de outros reinos, sempre as tiveram e muitas: soberanos, membros importantes de outras cortes, e sempre se prepararam bastante para recebê-las. Dessa vez, porém, foi diferente. As jovens participaram de tudo e exigiam até mais do que normalmente se fazia ao mais digno dos reis. Nem sabiam quem viria e a que viriam. Somente que o jovem, único filho ainda solteiro do soberano, cujo reino era vizinho ao deles, os acompanharia.

Os outros dois já haviam se casado com princesas de outras regiões, e o mais velho deles, certa vez se manifestara como pretendente de Mafalda, mas fora recusado pelo rei, seu pai. Na condição de varão primogênito de uma família real, ele teria que permanecer em seu reino, levando sua filha, deixando-o sem possibilidades de conseguir-lhe um marido que ali pudesse ficar.

Agora vinha o mais jovem, sem oportunidade de pretensões junto ao reino do pai, por ser o terceiro filho, e poderia, sem dificuldade, servir para o que o rei desejava.

Esse pensamento passara pela mente do soberano e de sua esposa, sem manifestá-lo às jovens. Não desejavam antecipar-se, nem sabiam como as filhas, embora ansiosas, o receberiam.



Capítulo 3 O PRÍNCIPE FERNANDO CONTINI

O dia tão ansiado chegou. Desde as primeiras horas todos os preparativos foram ultimados, mas o rei foi avisado somente no fim da tarde, de que a caravana, trazendo os visitantes, se aproximava.

Para a cerimônia de recepção, ele colocou-se no salão do trono acompanhado da esposa e das filhas, que fizeram questão de estar presentes desde o primeiro momento em que eles fossem introduzidos no palácio.

Logo mais, foram anunciados e adentraram o grande salão. Tendo o jovem à frente, encaminharam-se até Sua Majestade para as reverências habituais.

As filhas, postadas do lado esquerdo do pai, admiravam-no desde os primeiros passos que ele dera em direção ao soberano. Era alto, forte, cabelos negros e bastos, olhos brilhantes numa tez morena. Muito belo! — concluíram as jovens.

Depois de transmitir ao rei as recomendações de seu pai, cumprimentou a rainha mãe e as jovens, com um leve aceno de cabeça. As duas, ante seus olhos, eram dois esplendores de beleza. Difícil seria, se tivesse que dizer — esta ou esta é a mais bela. — Não conseguiria!

Passado o primeiro instante, um membro da comitiva adiantou-se e transmitiu ao rei a razão primeira da visita, que se apresentava de interesse político e administrativo de ambos os reinados.

O rei, em resposta, disse-lhe que deveriam reunir-se para, mais detalhadamente, estudarem o assunto. Porém, deixá-lo-ia para o dia seguinte, uma vez que tudo havia sido preparado para que permanecessem por alguns dias. Não haveria pressa. Que descansassem nos aposentos que lhes

havam sido preparados, para onde seriam levados por um criado, pois, logo mais, queria todos reunidos para partilharem do jantar com seus familiares.

Num leve aceno de cabeça, retiraram-se do salão, e as jovens começaram os comentários que lhes haviam sido difíceis de conter, diante de presença tão bela. Cada uma, à sua maneira, entusiasmada, falava sem parar, impedindo qualquer manifestação dos pais. Num dado momento, o rei recomendou-lhes:

— Agora chega, já falaram o bastante! Penso que até demais, por tão pouco tempo em que eles aqui permaneceram. Vocês viram o que nem eu nem sua mãe vimos!

— Porque não estavam interessados nele! O senhor estava pensando nos negócios que iria realizar, nas propostas que eles trouxeram. Nós, como não temos nada a ver com reinados nem com outros interesses, vimos somente a ele! — e, como se algo lhe acudisse à mente, continuou: — É mesmo, lembrei-me agora, não soubemos o seu nome! O senhor sabe, papai? — perguntou Mafalda, depois destas considerações.

— Conhecemos o nome de família! Ele é Contini, sabe disso, mas seu prenome não sei.

— À hora do jantar, saberemos! — interferiu a mãe.

— O que importa o nome, se já simpatizamos com ele! — dizia Margarida. — Terá ele também simpatizado conosco?

— Não viu que demorou o olhar em nós, quando se despediu, e como nos olhava enquanto o emissário que o acompanhava expunha a papai o objetivo da visita?

— observou Mafalda.

— Resta-nos saber agora, de qual das duas ele gostou mais! — voltou a falar Margarida.

— Já falaram demais sobre isso! Esperemos até a hora do jantar! Quem sabe poderão conversar com ele, saber seu nome, e se realmente se interessou por alguma de vocês. Vão agora, aprontem-se para o jantar e voltem bem bonitas se o querem atrair!

— Não fale assim, querido! — recomendou a rainha.

— Depois sou obrigada a ouvir que não têm roupas suficientes nem adequadas aos seus desejos. Não estimule mais a vaidade em nossas filhas!

Elas retiraram-se, continuando os comentários animados, deixando o rei e a rainha sós.

— Não podemos encorajá-las para depois se decepcionarem, — dizia a rainha — mas também percebi como ele as olhava!

— Talvez tenha chegado a hora que tanto desejamos!

Os Continis são pessoas de bem, e, sendo os nossos reinos contíguos, muito nos favoreceria, não na extensão de nossos domínios, que com isso não me importo, mas na utilização das suas experiências, porque têm mais possibilidades que nós, pela própria constituição familiar — três filhos varões!

— E melhor não nos precipitarmos! — recomendou a rainha.

— Se ele não tivesse esses mesmos pensamentos, não teria vindo! Por que veio, se foi o emissário que expôs os planos que traziam? Apenas para que ficasse livre para observar! E se os planos forem somente o pretexto para finalidades maiores?

— De qualquer forma, aguardemos! Só tenho um receio, querido!

— Por que receio, se tudo caminha melhor do que esperávamos?

— Eu conheço o coração de nossas filhas, e sei o quanto Margarida é sensível, romântica e fácil de apaixonar, ainda mais por um rapaz tão belo! Se ele for solícito com ela, ao primeiro galanteio, estará completamente apaixonada.

— E isto é mau? — perguntou o rei.

— Não seria, se não houvesse também a Mafalda! Ela é mais racional, mas, por ser a mais velha, pode ser a escolhida. Ela também tem o coração ansiando por amor, por um companheiro!

— Há dias tivemos uma conversa, e ela revelou-me estar cansada da monotonia de sua vida aqui, desejando mais liberdade...

— Eu sei e, por isso, receio! Talvez ela se insinue a ele, mesmo que a escolhida seja Margarida, apenas para mudar sua vida.

— Vamos aguardar, querida, a hora do jantar, pois poderemos verificar melhor! Após, proporei algumas distrações para estendermos mais o ensejo de ficarmos juntos, e teremos algum prognóstico. Vamos também nos preparar, que a noite de hoje pode ser decisiva para o nosso reino.

— Isto demonstra que também está esperançoso!

— Sempre tivemos essas preocupações!



Capítulo 4 O JANTAR

Assim que as jovens chegaram aos seus aposentos, começaram a desfazer-se das vestes que usavam e a escolher outras que as tomassem mais belas, mais atraentes para o tão ansiado jantar.

A mãe deixou-as a sós com as criadas que as ajudariam, e também foi preparar-se.

À hora marcada, antes de se dirigirem à sala onde uma mesa repleta de iguarias os aguardava, era hábito que a família esperasse os hóspedes no grande salão. O rei novamente estava postado em seu trono, com a esposa e as filhas na mesma disposição de quando os receberam à tarde.

Ele não se fez demorar. Vinha à frente de sua delegação, composta de seis membros.

Ao apontar no salão, as princesas, já inquietas, perturbaram-se. Imponente e belo em seus novos trajés, ele foi chegando; cumprimentou o rei, a rainha e as filhas, seguido pelos que o acompanhavam.

O rei dirigiu-lhes algumas palavras de cortesia e convidou-os para acompanhá-los até à mesa do jantar, recomendando-lhe:

— Acompanhe minhas filhas, Alteza! Elas o conduzirão!

Ele, num aceno de aquiescência, estendeu a mão a ambas que desceram do patamar onde se encontravam, e ofereceu-lhes o braço, uma de cada lado, e caminharam sem nada dizer.

Quando se aproximaram da mesa, foi-lhe indicado um lugar entre as duas, com as quais poderia, se quisesse, conversar.

Tendo feito as mesuras que recomendava a etiqueta, para que elas se sentassem, depois de dizer que estavam muito belas, sentou-se também.

As iguarias e os vinhos começaram a ser servidos, e todos comiam animadamente. Ele, entre as duas, não sabia a qual se dirigir primeiro, mas Margarida não esperou. Falou-lhe logo, perguntando o seu nome.

— O meu nome é Fernando Contini! E o seu, bela jovem que deslumbra e agrada os meus olhos?

— Chamo-me Margarida, Alteza, e sinto-me feliz que esteja conosco! Minha irmã, — acrescentou, para ser gentil — é Mafalda!

— Admira-me que duas jovens tão belas, aqui estejam sós, sem que nenhum príncipe as tenha descoberto ainda!

— É muito galanteador, Alteza! — atreveu-se Mafalda.

Entre uma e outra, durante a refeição, ele empregou o seu tempo. As duas tinham seus encantos e as duas sentiam-se entusiasmadas por ele.

Os pais observavam-nas, enquanto conversavam com os outros membros da comitiva, e o jantar terminou.

O rei convidou-os a se dirigir ao salão, onde alguns divertimentos lhes seriam proporcionados. Novamente, ao se retirarem, Sua Alteza ofereceu o braço às jovens, levando-as a sentarem-se no lugar determinado às princesas, permanecendo em pé, atrás, entre as cadeiras das duas, como era próprio a um cavalheiro.

Quando o rei entrou, acompanhado pela rainha e pelos outros que participaram do jantar, parou junto das filhas, dirigiu-lhes algumas palavras e depois falou ao jovem:

— Alteza, estou feliz que esteja fazendo companhia às minhas filhas! Elas são sempre sós, e a sua presença lhes dá alegrias. A sua experiência de vida em outro reino, lhes trará assuntos diferentes que lhes interessarão sobremaneira. Após algumas distrações que promoveremos, poderão dançar, se desejarem. Os músicos estarão a postos. Se iniciarem, todos da corte os seguirão.

— Agradecido, Majestade, por tanta deferência e por confiar-me jovens tão belas e agradáveis. Será uma honra poder acompanhá-las nas danças!

A retirada do rei, as duas, felizes, comentavam as suas palavras, e cada uma, silenciosamente, disputava o privilégio de ser escolhida em primeiro lugar.

A noite decorria e, enquanto as distrações se sucediam, pouco puderam conversar, tão grande era o distanciamento — ele, em pé, atrás de suas cadeiras, e elas, sentadas. Vez por outra ele se curvava e fazia algum comentário, deixando-as felizes.

Quando a música começou, ele não sabia como fazer e consultou-as:

— Terei a honra de dançar com ambas, Altezas, não somente uma vez, espero! Mas qual será a primeira? Prefiro que as senhoritas me sugiram, para não parecer que estou sendo indelicado com a que ficar! Por favor, ajudem-me!

Pretendendo demonstrar desprendimento, cada uma indicou a outra.

Como resolver tal situação?

Ele percebera que as duas estavam entusiasmadas, e que teria junto delas a pessoa para ser sua esposa — viera com esse propósito! Contudo, escolher somente pela aparência e pelo interesse que demonstravam por ele, seria impossível, pois havia igualdade de posição. Deveria conversar com cada uma separadamente e descobrir por qual delas o seu coração penderia. Não que o amor importasse nessas uniões, mas desde que deveria escolher entre duas, em que uma nada tinha a perder para a outra, deixaria a escolha para ele.

Era perigoso, naquelas circunstâncias, quando sabia o que o rei esperava do marido de suas filhas, entregar uma resolução ao coração, que não tem a coerência da razão para fazer escolhas. É cego e estouvado em seus cometimentos, mas deixar-se-ia levar por ele...

— Bem, desde que a escolha está difícil e estamos perdendo o tempo em que já poderíamos estar dançando, faço uma sugestão. Começarei pela mais jovem, sem que com isso esteja ofendendo a mais velha. As senhoritas mesmas terão que me dizer. Por mim, jamais saberia qual a mais jovem e qual a primogênita!

Margarida, à sua palavra, levantou-se imediatamente para ser conduzida ao meio do salão.

Os pais, embora entretidos com os outros visitantes, estavam atentos, sem saber o que o levava a escolher Margarida.

Ela estava feliz junto dele e deixava-se levar pela dança, com leveza, harmonia, mas com o coração inquieto e ansioso. Ele também estava satisfeito e, nos momentos em que podia dirigir-lhe a palavra, dizia-lhe galanteios. Mas a dança terminou, eles retomaram, e, quando foi reiniciada, ele conduziu Mafalda ao meio do salão.

O resto da noite foi assim, revezando-se entre uma e outra, dançaram algumas vezes. No momento de se recolherem, elas o convidaram para um passeio pelos jardins do palácio, na manhã seguinte, deixando-o satisfeito. Quem sabe, num outro ambiente, à luz do dia e entre as flores, ser-lhe-ia mais fácil sentir com qual das duas o seu coração estaria mais feliz.

Ao se retirarem, a rainha não se conteve. Apesar de nada ter deixado transparecer das suas pretensões, foi ao aposento das filhas para ouvir-lhes os comentários.

Encontrou-as entusiasmadas. Cada uma sentindo que também não havia sido indiferente ao príncipe, fazia comentários elogiosos à sua

pessoa.

— A senhora viu, mamãe, o quanto ele é cavalheiro? — perguntou-lhe Margarida.

— Só porque a convidou para dançar em primeiro lugar?

— Dizendo estar confuso, pediu a nós mesmas que sugeríssemos! Como cada uma indicou a outra, deixando-o ainda em situação difícil, ele resolveu começar pela mais nova, quando deveria ter sido o contrário! Não pensa assim, mamãe? — explicou-lhe Mafalda.

— Ele saiu-se bem! É muito difícil fazer a corte às duas! Ele teria que encontrar uma solução.

— Mamãe, a senhora imagina que ele se interessou por alguma de nós? — perguntou-lhe Margarida.

— Não sabemos, filhas! Vocês não devem se entusiasmar para não sofrer! — aconselhou-as a mãe.

— Eu gostei muito dele e, se me pedisse a papai, sentir-me-ia muito feliz. — afirmou Margarida. — Ele é jovem, belo e galante!

— Não se antecipe! — recomendou ela à Margarida. — Você e Mafalda têm que estar preparadas! Caso ele tenha alguma intenção, se sentirá confuso, como se sentiu ao escolhê-las para uma simples dança. Não se esqueçam disso, e não se entusiasmem demais! Do momento em que ele escolher uma, se o fizer, a outra ficará preterida. Ele não poderá casar com as duas, se alguma intenção, nesse sentido, tem. Aguardem, mas deixem seus corações distantes, não os envolvam para não sofrerem. Usem somente a razão! Ela leva a caminhos de menos sofrimentos, que os levados pelo coração, sempre um insensato. Deixem-se apaixonar apenas quando ele se decidir, e não antes! Estejam em sua companhia, dêem-lhe a oportunidade de estar feliz, dêem-lhe o ensejo de até se apaixonar por uma de vocês, mas tenham cuidado! Não quero ver uma de minhas filhas feliz e a outra sentindo-se desventurada.

— Está bem, mamãe, sabemos de tudo isso! Se ele veio com essa intenção, fatalmente só uma de nós será a escolhida! Estamos preparadas! — tranquilizou-a Mafalda.

— Não ficaria tranqüila, filhas, nem vocês mesmas!

A preferida não estaria feliz com a irmã sofrendo. Sempre foram amigas e souberam até dividir os brinquedos com harmonia, mas agora já não se trata mais de um brinquedo.

— Entendemos, mamãe! — reafirmou Mafalda. — Não precisa ter tantos cuidados! Pode ser que, terminado o tempo das negociações, ele vá embora sem nada dizer...

— Sabemos disso, mas é bom que o coração de cada uma também o saiba!



Capítulo 5 O PASSEIO

Aquela noite mal conseguiram dormir. Tinham muito em que pensar — no que ocorrera naquele dia e no que ocorreria no dia seguinte.

Cada uma desejava ter para si as atenções do jovem que, além de belo, poderia preencher as condições almejadas pelo pai, e as condições ansiadas pelos seus corações. Sonhavam de olhos abertos, vendo-se conduzidas ao matrimônio por ele. Chegaram até a imaginar a grande festa, reunindo a nobreza dos dois reinos, mais os convidados de outros que certamente viriam. Seria um grande acontecimento.

Na manhã imediata, tão aguardada, ele levantou-se cedo e, antes de encontrá-las, percorreu todos os domínios do palácio, intramuros, e sabia já de todos os seus detalhes.

Quando retornou, conferenciou rapidamente com os membros da sua comitiva, quanto às negociações que empreenderiam, não se esquecendo de recomendar-lhes que nada decidissem com urgência, que demorassem o mais que pudessem, porque a negociação maior seria outra, e dela estava cuidando ele. Que não apressassem a volta, enquanto a sua missão, aquela particular, importante, que envolvia não só pequenas transações, mas todo o reino, ainda não estivesse, pelo menos, firmada e confirmada.

Ao encontrar as princesas para o passeio anteriormente combinado, ofereceu-lhes o braço como o fizera na véspera, e conduziu-as ao jardim, contando-lhes que já o havia percorrido todo, logo que se levantara.

Margarida, um tanto decepcionada, perguntou-lhe:

— Então não nos deixou a oportunidade de conduzi-lo aos recantos mais aprazíveis, aqueles de que mais gostamos?

— Não se ofendam por isso! Levantei-me cedo e precisava respirar o ar puro do jardim e caminhar um pouco, mas deixo-me conduzir agora. Levem-me aonde desejarem!

— Vossa Alteza é sempre muito cortês e galante, e de forma alguma ficaríamos ofendidas! — acrescentou Mafalda, mais comedida em suas atitudes.

Eles efetuaram o passeio por todo o imenso jardim, e chegaram a um recanto, onde uma grande pérgula lhes ofereceria o abrigo para o calor do sol e o descanso da caminhada. O príncipe convidou-as para entrar. Enquanto elas se sentavam, felizes, ele as deixou por um instante, e rapidamente voltou trazendo duas belas rosas — uma vermelha que entregou a Mafalda, e uma branca que ofereceu a Margarida. Felizes com a delicadeza do gesto, Mafalda perguntou-lhe:

— Por quê, Alteza, nos ofertou as rosas de cores diferentes?

— Porque as flores trazem a linguagem dos nossos sentimentos!

— O que quer dizer com isso? — perguntou-lhe ingenuamente Margarida.

— Não sei, senti assim em meu coração! Que a senhorita, D. Mafalda, deveria receber a vermelha, e a senhorita, D. Margarida, deveria receber a branca! Nada de mais importante, apenas um impulso do momento.

— Mas falou em sentimentos! — retrucou, curiosa, Mafalda, sentindo-se já a escolhida por saber o significado da rosa vermelha.

— Sim, sentimentos de amizade que nutro por ambas, e em agradecimento a tanta gentileza que me têm dispensado.

— Vossa Alteza também tem nos trazido felicidade com a sua presença, quando a nossa vida, aqui, é tão segregada a nós mesmas. Foi uma alegria muito grande recebê-lo! — confessou-lhe Mafalda.

— A alegria e os momentos de felicidade que me têm proporcionado, diante esta minha permanência aqui, são muito grandes e eu é quem lhes devo agradecer!

— Não veio para tratar de negócios com papai? — aventurou-se a perguntar Margarida.

— Sim, viemos! Mas para isso trouxe a minha comitiva, os emissários de papai! Eles participarão das reuniões e eu tenho a alegria de fazer-lhes companhia!

— Até quando pretende permanecer? — indagou Margarida, visivelmente interessada em saber por quanto tempo ainda desfrutariam da sua companhia.

— Nada está determinado! Dependerá dos entendimentos que realizarem com seu pai. Eu, por mim, já vi que não preciso ter pressa. A companhia tão agradável que me proporcionam, faz-me querer ficar aqui para sempre.

— Vossa Alteza sabe que, ao nos casarmos, papai pretende que o nosso marido permaneça aqui para ajudá-lo e herdar o seu reino? Por isso tem negado todos os pedidos dos pretendentes que se apresentaram até agora! — disse-lhe Margarida.

— Não sabia, ou talvez tenha ouvido dizer alguma coisa e não me lembrava! Então se explica por que, sendo tão belas, ainda permanecem solteiras.

— Estamos esperando aparecer algum príncipe de quem gostemos, e que preencha os requisitos exigidos por papai, para também nos casarmos! — afirmou Mafalda.

— Muito interessante essa afirmativa, muito interessante...

Ele expressava-se como se nada soubesse, mas, na verdade, viera para isso. Apenas estava se deixando levar, e esperaria até que seu coração o ajudasse a decidir.

A hora foi transcorrendo e eles deveriam retomar. Estavam há um longo tempo fora do palácio, e a rainha, ansiosa, os aguardava.

Enquanto passeavam, os emissários do reino Contini estiveram em reunião com o rei, para a discussão de algumas das propostas que haviam trazido, mas tão diversificado era o assunto, que nada ficou resolvido, como era desejo do príncipe Fernando. No dia seguinte se reuniriam novamente, e, enquanto isso, iriam tendo oportunidade de um estreitamento maior, para a decisão do verdadeiro motivo que os trouxera.

As duas, entusiasmadas, foram aos seus aposentos, seguidas pela rainha, enquanto Fernando foi ter com os membros da sua comitiva, ainda reunidos com o rei.

A rainha ouviu delas o relato de todas as conversas, até da rosa que haviam recebido, comentando o significado da cor de cada uma.

— Estará ele, mamãe, — perguntou-lhe Mafalda — interessando-se por mim, por ter me agraciado com a vermelha?

— Ele mesmo deve dizê-lo, filha! Já falamos sobre isso, e não quero que sofram, colocando ilusões em seus corações.

— Se assim for, eu não tenho mais esperanças porque recebi a branca!

— A branca é sinal de pureza, de paz, filha! Talvez a tenha recebido por ser a mais jovem! Quem sabe ele percebeu mais ternura e meiguice em você. — e, falando às duas, aconselhou-as: — Esqueçam-se disso! O príncipe deve tê-las dado sem nenhuma das preocupações que tomam agora. De qualquer forma já tiveram um contato maior com ele. E se é isso que pretende, deu para conhecê-las melhor.

— Hoje teremos mais oportunidades de estar em sua companhia!

- Seu pai disse que quer preparar um baile para hoje à noite! Mais descansados da viagem, eles poderão participar das festividades.
- Mas ontem já dançamos também! — exclamou Margarida.
- Ontem foi apenas para as distrações se prolongarem um pouco mais, mas hoje, o motivo principal será o baile e haverá mais chances... Ele fará o comunicado durante o almoço.
- Estaremos com o príncipe novamente, mas seria bom se uma o deixasse estar com a outra, mais a sós, para verificarmos a sua reação! — falou Mafalda.
- É uma ótima idéia! — concordou Margarida. — Todavia, cada uma tem que revelar à outra toda a conversa, exatamente como se passou, sem esconder nada! Talvez, a sós, ele tenha o ensejo de decidir, pois poderá nos avaliar mais intimamente. Após o almoço dar-lhe-emos essa oportunidade com a apresentação de alguma desculpa.
- Qual de nós se retirará em primeiro lugar? — perguntou Mafalda.
- Como a idéia foi sua, você escolherá! — sugeriu a irmã.
- Está bem! Eu fico e você se afasta com algum pretexto, depois volta, e quem se retira sou eu! Que tal essa idéia, mamãe?
- Tenho receios, já lhes disse! Vão devagar e com muito cuidado!
- Pode confiar em nós que saberemos como agir! — tranqüilizou-a Mafalda.



Capítulo 6 FAVORECENDO OPORTUNIDADES

Assim combinado, voltaram a se reunir para o almoço que transcorreu em amabilidades, como no jantar da noite anterior.

Terminada a refeição, durante a qual o rei lhes fez a comunicação do baile da noite, Mafalda, em cumprimento ao combinado, disse a Sua Alteza:

— Príncipe Fernando, gostaria de mostrar-lhe a nossa biblioteca. A leitura é a nossa melhor distração, e nossa biblioteca é muito rica!

— Com muito prazer, senhorita! Acompanha-nos, D. Margarida? — perguntou-lhe.

— Tenho uma providência a tomar para hoje à noite, e logo mais os encontrarei lá! Vá, que Vossa Alteza gostará!

Margarida pediu licença e retirou-se, deixando-os a sós. Fernando ofereceu o braço a Mafalda que o conduziu à biblioteca, mostrando-lhe e explicando o que encontravam pelo caminho.

Ao entrarem, Mafalda fechou a porta e começou a falar a Fernando sobre os livros que lá existiam, destacando os que havia lido, e ele, muito atento, disse-lhe:

— Admira-me, senhorita, que fale dessa forma a respeito de livros e de seus assuntos, dos quais, pelo que me conta, já tem conhecimento!

— Eu e Margarida lemos muito! É a forma de nos distrairmos da vida monótona aqui no palácio.

— Sente sua vida monótona? Mas é tão bela, inteligente, ocupa posição invejável, não deveria sentir monotonia!

Era o ensejo de que necessitava para insinuar-se a ele, e, aproveitando, respondeu:

— Deve ser a solidão que me faz sentir insipidez em tudo! Quando o meu príncipe chegar, talvez me sinta mais alegre em sua companhia e esqueça o insulamento em que vivo.

— Tem um príncipe em sua companhia! Como está o seu coração agora?

— Muito feliz da companhia que ele me faz, mas é muito pouco, porque a passagem desse príncipe por este reino, será rápida, e, quando ele partir, o meu coração estará mais solitário que antes.

— Agrada-me ouvir isso, senhorita! Meu coração também é solitário de amor e também espero a minha princesa.

Antes de qualquer resposta ou definição, a porta se abriu e Margarida entrou, causando muita raiva em Mafalda.

Margarida percebeu um clima de ternura entre ambos, mas nada disse, apenas comunicou à irmã que a mãe a esperava para resolver um traje para a noite.

Conforme o combinado, Mafalda retirou-se, prometendo voltar assim que se desvencilhasse do problema.

Quando ela os deixou, ele, muito solícito, começou a conversar com Margarida.

— A senhorita também se interessa por leituras? Admirei-me quando sua irmã me disse que passam longas horas do dia, aqui, em leituras.

— É verdade, Alteza, nos distraímos bastante com os livros!

— Por quê, senhorita? Também sente solidão, monotonia, como me afirmou sua irmã?

— Nossa vida é semelhante! Não podemos passear à vontade, não viajamos como Vossa Alteza. Só quando temos visitas, nos distraímos mais, como agora, com a sua agradável companhia.

— Gosta de minha companhia, então?

— Muito, Alteza! Tem nos feito felizes, mas sentiremos quando partir...

— As senhoritas precisam se casar! Teriam uma vida diferente, logo viriam os filhos e as preocupações seriam outras.

— Tem razão! Estamos esperando o nosso príncipe, que está custando a chegar por causa das pretensões de papai!

— Sabe que eu poderia preencher perfeitamente as exigências de seu pai, Sua Majestade, o rei?

Margarida, simulando recato, abaixou a cabeça e nada respondeu.

— Nada me diz, senhorita?

— Que diria, Alteza?

— Diga-me, pelo menos, o que sente a meu respeito!

— Não posso! Não desejo sofrer, se dissesse que me é importante. E existe minha irmã que pode já ter conquistado o seu coração.

— O meu coração só a mim pertence! Não o entreguei a ninguém ainda, mas também anseio por constituir a minha família, ter meus filhos!

— Se pudesse confiar a mim, os cuidados do seu coração, só me faria feliz!

— Por que não tentamos? Quem sabe eu o entregue totalmente aos seus cuidados.

— Que posso responder, Alteza? Como entender as suas palavras?

— Entenda-as como quiser! Devemos tentar, do contrário, como saber se posso entregá-lo à senhorita?

— Deixa-me confusa e perturbada.

— Hoje teremos o baile, no qual tenho muitas esperanças! Durante as danças escolherei, entre a senhorita e sua irmã, a quem devo entregar o meu coração. Ele estaria muito bem cuidado pelas duas, mas, como o coração só se entrega a uma pessoa, terei que esperar.

A porta abriu-se e Mafalda retornou. Estava ansiosa para saber o que havia se passado na sua ausência, e aborrecida por ter sido

interrompida, quando algo de muito importante poderia ter resultado.

Quando ela se aproximou, o príncipe, sem nenhum pejo, falou-lhe:

— Senhorita, dizia à sua irmã que meu coração também anseia por amor, e disse-lhe que, hoje à noite, durante a realização do baile, o deixarei decidir-se com qual das duas sentir-se-á melhor, mais feliz, sem que, com isso, esteja desprezando a outra. Não! Ele estaria bem com as duas, mas só uma deverá cuidar dele. Não poderei entregá-lo a ambas, porque um coração repartido é muito infeliz!



Capítulo 7 O FACTO

O baile passou a ter outro significado, muito mais importante que um simples entretenimento.

Era intenção do rei, ao promovê-lo, efetivar uma aproximação mais estreita entre o príncipe Contini e suas filhas. Não imaginava, porém, o rumo que os acontecimentos haviam tomado, e a significação maior que ele teria para elas, para si próprio e para todo o seu reino.

Os minutos custavam a passar...

Os trajes já estavam escolhidos, mas, diante da importância do acontecimento, duvidavam se os que haviam separado, seriam adequados a momento tão significativo.

Muito falaram, comentaram, contaram à mãe que se sobressaltou e após contou ao rei. A ansiedade era grande...

Qual das duas seria a escolhida para partilhar com o príncipe, dos seus momentos de ternura e amor?

Qual das duas dividiria com ele a oportunidade de também gerir o reinado de seu pai, podendo até vir a ser a rainha?

Os prognósticos eram muito felizes para a escolhida, entretanto, e a outra, a rejeitada, como se sentiria? Tanto poderia ser Mafalda, quanto Margarida! Como deveriam se portar depois?

Até então só haviam pensado na vitória, na preferida, mas essa preocupação começou a invadir o coração de Margarida, a mais esfuizante em demonstrações de entusiasmo. Com o ânimo um tanto arrefecido, ela disse à irmã:

— Tenho receios, Mafalda!

— Receio por quê? Hoje será a noite que tanto aguardamos! Uma de nós será pedida, ou, pelo menos, o príncipe se definirá! O que a preocupa?

— Mãe advertiu-nos e sabemos que, do momento em que uma for a escolhida, a outra será preterida.

— Ah, muito bem lembrado! Desde que a decisão será hoje, devemos deixar bem determinadas as nossas posições, após!

— Como faremos? — indagou Margarida, preocupada: — Se o príncipe concordar com as exigências de papai, e se o casamento se efetuar, o casal continuará a viver aqui no palácio, em constante contato com a outra! O que devemos fazer?

— Isto é muito fácil! — afirmou-lhe com segurança Mafalda. — Se organizamos um plano para favorecê-lo na decisão, devemos traçar outro para o depois!

— Será muito difícil!

— Não será, pois ainda não o amamos! Estamos entusiasmadas porque vimos nele a nossa oportunidade. Vir a amá-lo, depois, não será difícil! No entanto, a preterida terá que compreender a sua decisão e portar-se de modo a nunca se insinuar, perturbando e comprometendo a felicidade da irmã.

— Eu nunca faria isso, Mafalda!

— Nada devemos prometer sem sabermos como será hoje à noite, mas temos que acertar, para que cada uma fique feliz no seu lugar, sendo escolhida ou não, entendeu? Não devemos deixar o coração influenciar nossas atitudes para não sofreremos, se formos a preterida, nem se formos a escolhida! Sejamos leais uma com a outra e compreendamos a decisão do príncipe! A que ficar, logo terá também a sua oportunidade. Se o príncipe Contini aqui veio e poderá permanecer, até ficará mais fácil para a outra!

— E verdade! Papai talvez não faça mais a mesma exigência, e logo a outra terá o seu marido.

— E isso mesmo! Sempre nos demos muito bem, e a nossa amizade continuará! Não seremos responsáveis pela escolha que ele fizer, portanto, temos que acatá-la sem sofrer.

— Combinado, então! Sempre amigas?!...

Abraçando-se para consolidar o pacto e perpetuar a amizade que sempre as unia, elas exclamaram em uníssono:

— Sempre amigas!



Capítulo 8 O BAILE

A noite tão ansiada chegou!

Io jantar foi concluído, e, passado o tempo que o separou do início do baile, as danças começaram, ao som que os músicos do palácio retiravam de seus instrumentos, numa harmonia perfeita, propiciando a todos momentos muito agradáveis.

Quando o baile se realizava em razão de algum acontecimento oficial, como Sua Majestade transformara aquele, era sempre aberto pelo rei que, convidando a rainha, conduzia-a ao meio do salão, iniciando as danças.

Ninguém se atreveria a sair dançando, mesmo que a música estivesse enchendo o ar com seus acordes melodiosos, antes que isso acontecesse. Depois, sim, o amplo salão estava à disposição de todos.

Muitas moças da corte estavam presentes, disputando o privilégio de ser convidadas pelos membros da comitiva dos Continis.

O príncipe fazia companhia às princesas, e o momento de levá-las ao salão, chegou.

Para que nenhum embaraço houvesse, disse-lhes que faria como na noite anterior, e levaria primeiro Margarida, desculpando-se com Mafalda.

Enquanto dançavam animados, um outro membro da corte convidou-a, e ela, acompanhando-o, não tirava os olhos de Fernando e Margarida. Na impossibilidade de ouvir-lhes a conversa, ela desejava, pelo menos, perscrutar-lhes os gestos e a expressão fisionômica.

O rei fora avisado de que, naquela noite, uma de suas filhas seria escolhida, entretanto, como nenhum comunicado oficial lhe chegara, mantinha-se calado, mas muito observador. Para ele, qualquer uma das duas estaria bem para os seus propósitos, desde que o príncipe concordasse com suas exigências. A rainha, porém, conhecedora do coração das filhas, estava temerosa.

Muito as havia aconselhado, mas, em assuntos do coração, nem sempre os conselhos são ouvidos, e ela temia pela outra, justamente porque a convivência continuaria. Contudo, nada poderia fazer, e tinha que aceitar, dispondo-se a ajudar a preterida para não sofrer, vendo a irmã feliz.

As músicas sucediam-se e o príncipe não dançou com mais ninguém, a não ser com as duas princesas. Revezava-se entre uma e outra, dizia galanteios a ambas, e o baile quase se findava pelo transcorrer das horas, e ele nada ainda havia falado que lhes confirmasse as pretensões.

Num dos intervalos entre uma música e outra, quando ele fazia companhia a ambas, esperando o reinício das danças, Mafalda perguntou-lhe:

— Príncipe Fernando, está se divertindo com o baile?

— Certamente, senhorita! Ambas têm sido para mim uma companhia muito agradável, e não saberia dizer qual das duas dança melhor.

— Sempre as incertezas, não é mesmo, Alteza? - falou-lhe Margarida. - Hoje, à tarde, nos prometeu algo e, no entanto, nada nos disse ainda!

— Como pode falar assim ao príncipe, Margarida? Ele deve saber o que fazer, e, se nada nos disser, será sua decisão! Hoje ele pode ter sido levado por um entusiasmo do momento, por ter estado a sós conosco!

— Não fale assim, princesa! Sei cumprir minha palavra e, se lhes disse que deixaria a minha escolha ao meu coração, tenho que aguardar o que ele me diz! Já está querendo dizer-me algo,... mas,... aguardarei o final do baile! Nesta noite sairemos daqui com um compromisso, tenha certeza! Quando o baile terminar, dirigir-me-ei a Sua Majestade, e a ele farei a minha confissão, o meu pedido!

— Sem antes falar conosco? - perguntou-lhe Margarida.

— Sim, Alteza! Foi a melhor forma que encontrei, sem deixar nenhuma das duas aborrecida comigo. Quero que saibam que estaria feliz com qualquer uma das duas, entretanto, só posso escolher uma. Que a outra continue a ver em mim, sempre um grande amigo que a admira e quer vê-la feliz!

Ao final destas palavras, a música recomeçou, e ele, convidando Mafalda, retomou ao salão.

Durante a dança ela interpelou-o, dizendo:

— Pelo que compreendi, príncipe, já tem sua escolha feita, apenas não quer nos ofender!

— É muito perspicaz, senhorita! Logo o baile estará terminado, pedirei uma audiência ao rei e far-lhe-ei a comunicação, solicitando-lhe o consentimento para realizar o meu sonho.

— E deixa-nos nesta ansiedade até o momento de falar com papai?

— Não posso fazê-lo de modo diferente! É-me penoso ter que decidir, quando as duas têm todos os predicados para ser ótimas esposas.



Capítulo 9 A DECISÃO

Algumas poucas danças mais, e o baile Iterminou.

Quando anunciado foi que seria a última, o príncipe, sem convidar nenhuma das jovens para dançar, ofereceu-lhes o braço e levou-as junto de Sua Majestade.

- Divertiu-se, Alteza? — perguntou-lhe o rei, vendo-o feliz entre suas filhas.
- Tive uma das noites mais belas de minha vida e devo agradecer a Vossa Majestade!
- Nada deve agradecer-me, Alteza!

— Sim, agradeço-lhe, não só pelo baile, mas sou-lhe grato por possuir duas filhas tão belas, tão encantadoras, que tomaram a minha noite feliz!

- Sua Alteza gostou da companhia de minhas filhas?
- Estou encantado, Majestade, e gostaria de lhe falar justamente sobre elas.
- Pois fale, que seremos toda atenção!
- É-me difícil dizer o que preciso, neste instante, e para o qual peço-lhe licença e perdão, se porventura vier a ofendê-lo, que não é essa a minha intenção...

- De que se trata, Alteza? Alguma de minhas filhas o magoou?
- Longe disso! Eu é que receio magoar uma delas, neste momento!
- Por que me diz isso? O que fará que poderá magoar uma delas?
- Majestade, se me permite, tenho a honra de pedir a mão de sua filha Mafalda em casamento!

Mafalda, ao ouvi-lo, não podia manifestar-se diante do rei e da situação, mas ficou exultante. Margarida, porém, a mais tema e sensível, a que prometera não se abalar e ficar feliz qualquer que fosse a escolha, sentiu uma punhalada no coração, e teve ímpetos de deixá-los e sair correndo para o seu quarto. No entanto, tinha que manter a posição que ocupava e a promessa feita. Com os olhos secos mas o coração em prantos, sorriu com a alegria da irmã.

- O que o leva a pedir Mafalda em casamento?
- Espero não ter ofendido a Vossa Majestade com o meu impulso, sem que nenhuma preparação lhe tenha sido feita. *É* meu modo de ser! Gosto de surpresas, e, se Vossa Majestade me compreender e aceitar, far-me-á um homem muito feliz.

- Nada tenho a impedir, desde que preencha as minhas pretensões e necessidades do meu reino, que já deve saber quais são!
- Sim, Majestade! Se me atrevi a fazer o pedido é que estou plenamente de acordo com todas as condições que me impuser.
- Fico feliz, mas ainda não respondeu a minha pergunta! O que o levou a escolher Mafalda?

— Gostaria de não mencionar, Majestade, para que elas não se sintam ofendidas. Suas duas filhas estariam à altura de compartilhar das alegrias do meu coração, méis só uma me era dado o direito de escolher!

O rei, dirigindo-se à filha que até então nada pudera dizer, perguntou-lhe:

- Que me diz, filha, do pedido do príncipe? Nada quero resolver que não vá ao encontro dos seus desejos, sabe disso!

— Curvo-me, papai, à sua vontade, mas saiba que me sinto venturosa! A companhia do príncipe, nestes poucos dias em que está conosco, tem me feito feliz, e aceitarei o seu pedido com muita alegria.

- Concede-me, então, Majestade, a mão de sua querida filha?

— Se é de seu gosto, só tenho a dizer que também estou feliz! Mas temos ainda muito sobre o que conversár, e não o faremos hoje, pelo adiantado da hora.

- Certamente! Curvo-me também aos seus desígnios e ao que me determinar, contanto que não me impeça de unir-me à sua filha Mafalda!

Estava sendo penoso para Margarida ali permanecer, e a rainha percebia. Gostaria de sair de seu lugar, abraçar a filha, consolá-la, porque compreendia que ela estava sofrendo.

- Amanhã converséremos, Alteza, e decidiremos não só os nossos interesses, mas o prazo que pretende, a cerimônia, tudo...
- Aguardarei ansioso esse momento, e depois partirei para fazer a comunicação a papai, que também ficará feliz!
- Talvez não, porque sabe das minhas exigências!

— Ele tem meus irmãos, Majestade, que o ajudam e que herdarão o trono! Eu sou o terceiro, não lhe farei falta, a não ser no seu coração, mas essa, saberei como supri-la! — e, completando, indagou-lhe: — Tenho a sua permissão de estar um pouco a sós com a senhorita Mafalda, e dirigir-lhe algumas palavras? Posso retirar-me e acompanhá-la até a porta de seu quarto?

A estas palavras, a rainha pediu licença, e, levantando-se, foi ao encontro de Margarida para conduzi-la de volta ao quarto, antes que todos saíssem. Ela, com um leve curvar de cabeça, retirou-se com a mãe.



Capítulo 10 PREPARATIVOS

Ah, pobre Margarida! Fez-se forte, mas não o era. Formulou propósitos, mas não sabia se teria forças para cumpri-los, e já sofria muito... Era um misto de derrota que fere o orgulho, era a rejeição, era a solidão, porque perderia até a companhia da irmã com quem sempre partilhara a sua vida, e, além de tudo isso, o que não revelara, o que tentara esconder até de si própria, era o amor que sentia pelo príncipe.

Sua mãe entendia e, acompanhando-a ao quarto, conduzia-a sem nada dizer. Ninguém precisaria saber o que se passava. Mas, quando entraram e fecharam a porta, Margarida lançou-se nos seus braços e chorou muito.

A mãe, tema e compreensiva, acariciava-lhe os cabelos e confortava-a com palavras de encorajamento, mas ela a nada reagia. Num dado momento, percebendo a filha mais calma daquele choro convulso, falou-lhe:

— Filha, por essa atitude, concluo que já estava apaixonada por ele! E isso verdade?

— Sim, mamãe, é verdade! Apaixonei-me desde que o vi entrar no salão, quando aqui chegou!

— Mas não devia! Foi uma temeridade de seu coração!

— Como evitar? A senhora me conhece! Não pude resistir aos seus encantos, aos seus galanteios.

— Que ele dizia também à sua irmã! — completou a mãe. — Devia ter sido mais cuidadosa! Avisei que não queria ver minhas filhas sofrerem!

— Não foi por minha vontade! O que feirei agora? Não quero que Mafalda me veja assim. Ela tem direito de ser feliz, foi a escolhida. Não quero atrapalhar a sua felicidade...

— Você se acostumará com a idéia e o tirará do coração! O príncipe não poderia escolher as duas, sabe disso, e sabe também que gostou de você.

— Como vou receber Mafalda a hora que ela entrar?

— É muito simples! Limpe os olhos, seja forte, que ela, tão feliz, nada perceberá! Fizeram um pacto, não é verdade? Pois cumpra-o! Mesmo sofrendo, nada deve demonstrar. Logo ele irá embora, e, uns dias longe daqui, a ajudarão a esquecê-lo.

— No entanto, quando voltar, será definitivo e muito pior.

— Até lá já se acostumou com a idéia e não se importará mais! Teremos muito trabalho para providenciar a cerimônia das núpcias, você tomará parte dos preparativos e o esquecerá.

— Como esquecer, se estarei participando do que gostaria de realizar para mim?

— Lembre-se, filha, de que desde criança a ensinei a orar! Ligue-se a Deus e peça-Lhe que a ajude! Ore bastante que encontrará conforto!

— Vou tentar, mas estou sofrendo muito!

— Porque descuidou do seu coração! Venha, vou colocá-la na cama e, se não quiser falar hoje com Mafalda, faça de conta que dorme. Amanhã estará mais calma! Verá que o amanhã não será tão negro quanto se lhe apresenta agora. Apoie-se na oração, filha, peça a Deus que Ele a ajudará!

Enquanto a mãe auxiliava a filha, Mafalda e o príncipe conversavam, e logo que a rainha se retirou, eles chegaram à porta do quarto.

— Querido príncipe, hoje Vossa Alteza me fez a mulher mais feliz da Terra!

— Então somos os dois mais felizes, porque também me sinto assim!

— Contudo, falta dizer-me por que fui eu a escolhida!

— Esqueça-se disso! O que importa é que a escolhi e não por que o fiz. Estamos juntos e seremos felizes, pense somente nisso!

— No entanto quero saber, para que a minha felicidade aumente ainda mais!

— Contente-se com a que já está sentindo, e deixe a sua curiosidade!

— Irá partir, agora? Sentirei muito a sua falta!

— Preciso comunicar a meu pai, bem como levar o resultado das conferências com Sua Majestade!

— Diga-me, príncipe, quando aqui veio, tinha já a intenção de nos conhecer e até de escolher a sua esposa?

— Nada disso me movia, mas não pude resistir ao seu encanto! Amanhã combinarei com seu pai os detalhes do nosso casamento e da cerimônia. Depois partirei, e, quando retornar, permanecerei para sempre a seu lado e a farei muito feliz, como também o serei!

— Sinto-me venturosa ao ouvir isso! Meu coração alegre-se e a minha felicidade é imensa! Entretanto, tenho um pouco de receio por Margarida. Ela também estava aguardando ser escolhida como eu.

— Mas não o foi! Gosto muito dela, mas escolhi a senhorita, e isso basta!

— Por que, Alteza, eu fui a escolhida e não ela?

— Outra vez a mesma pergunta! Não quer que me zangue?

— De forma alguma! Quero que me cime muito, como eu já o amo! Quero ser feliz e fazê-lo feliz!

— Então esqueça o que não tem importância, e pense somente em nós!

Quando Mafalda entrou no quarto para regozijar-se com Margarida, encontrou-a *dormindo* profundamente, como sua mãe lhe recomendara, impedindo qualquer comentário que a fizesse sofrer mais, deixando Mafalda perceber.

Ela também deitou-se, mas tinha tanto em que pensar que não conseguiu dormir senão quase pela madrugada, e demorou-se a acordar. Margarida levantou-se antes dela e foi caminhar pelo jardim, para esquecer um pouco suas mágoas.

O príncipe reuniu-se com Sua Majestade, o rei, e todos os acertos concernentes às bodas foram efetuados. Determinado foi que o prazo mínimo necessário a que todas as providências fossem tomadas, os convites expedidos, o aposento do casal preparado, — um mês! Após um mês a cerimônia seria efetuada.

O príncipe permaneceria mais um ou dois dias para uma convivência mais estreita com a então sua noiva, e retomaria para junto dos familiares. Sua comitiva teria tempo de também terminar as negociações com o rei, e partiriam, levando tudo o que haviam vindo em busca, mas que nem o rei nem Mafalda sequer sonharam. — Que ele, o príncipe Fernando Contini, ali estivera em missão de união mais estreita dos reinos!

Ele combinou com o rei, seu futuro sogro, que em vinte dias estaria de volta com pequena comitiva, bem como com um seu criado de confiança para permanecer, e que a família de seu pai chegaria nos dias mais próximos ao enlace.

Os dois dias que o separaram da sua partida, foram de muito enlevo para Mafalda, que parecia não mais caminhar, nem mudar os passos, mas

deslizar e flutuar, tanta era a sua felicidade.

Margarida evitava o mais que podia a presença de ambos, mas nem sempre era possível. Soube fingir até diante da irmã que nada percebeu, embora seu íntimo sofresse mais ainda por vê-los tão felizes. Não sabia se suportaria a vida do dia-a-dia, naquelas circunstâncias, após o matrimônio.

Num momento em que o príncipe a surpreendeu sozinha, olhando-a temamente nos olhos, indagou-lhe:

— Já estou perdoado, senhorita Margarida?

— Perdoado por quê, Alteza? Não me consta que tenha me ferido em nada!

— É melhor assim! Não poderia escolher as duas, não obstante quero que saiba que também tocou muito o meu coração. A sua ternura quase ingênua, a sua simplicidade, cativaram-me sobremaneira!

— Mas escolheu minha irmã, e fico feliz com isso!

— Sim, a escolhi, mas tenho os meus motivos!...

Nisso Mafalda entrou, surpreendeu-os conversando,

mas nada a molestou. Quando se aproximava, o príncipe dirigiu-lhe alguns galanteios, e ela, satisfeita, não teve tempo para receios. Fora a escolhida sem que nada tivesse feito para isso, portanto tinha que confiar. Com a irmã havia um pacto feito, e sabia que Margarida nunca impediria a sua felicidade.

Transcorridos os dois dias, o príncipe com sua comitiva partiu, levando o sucesso em todas as negociações que viera realizar, principalmente naquela que fazia parte somente do mais íntimo de seu ser e de todas as suas pretensões. Voltava feliz e levaria a notícia ao pai. — Sim, dir-lhe-ia que, o que o irmão não havia conseguido tempos atrás, ele o conseguira agora. Que seus domínios logo estariam aumentados, acrescidos de mais um reino que, fatalmente, seria seu. Casar-se-ia com a filha mais velha, e nada o impediria legalmente de ser o herdeiro do trono do sogro, que logo uniria ao de seu pai, formando um grande reino, para a felicidade das pretensões de seus familiares, os Continis.



Capítulo 11 AS BODAS

O espaço de tempo pretendido e solicitado para os preparativos decorria e, vinte dias após, dez antes da cerimônia, o príncipe Fernando estava de volta. Colocaram-no nos aposentos que pertenceriam ao casal, para que ficasse bem instalado, aguardando apenas a realização do enlace para levar a esposa, a princesa Mafalda.

O dia da cerimônia chegou. Convidados de outros reinos vieram com suas comitivas, e os Continis já estavam no palácio havia dois dias.

A azáfama era intensa. Foi necessário contratar mais criados no reino, para que nada falhasse. O assunto em todas as rodas, mesmo fora do palácio, era o casamento da princesa.

Quebrando as normas obrigatórias para que toda a cerimônia fosse realizada em palácio, a princesa pediu licença à Sua Majestade, seu pai, para casar-se na igreja do pequeno reino, fora do palácio. Era justo que também o povo participasse, pelo menos vendo-a passar em sua carruagem, porque a igreja era pequena até para os convidados.

O rei concordou, como também o príncipe, e a cerimônia do casamento estendeu-se além do palácio.

A igreja foi decorada como requer a uma princesa; o isolamento para que o público não a invadisse foi feito, e a cerimônia transcorreu como Mafalda desejava.

Quando ela deixou a igreja com o príncipe, o povo, acotovelando-se para vê-la, aplaudia muito. Nunca haviam visto uma festa semelhante. O rei determinara algumas concessões ao povo, e todos estavam felizes.

De retomo ao palácio, uma grande festa os aguardava. Músicas e as mais finas iguarias faziam parte do grande banquete.

A alegria e a felicidade era geral, menos no coração de Margarida. Quanto havia se esforçado para aparentar alegria! Estava já no limite de suas forças e não via a hora de que os festejos terminassem, para poder ficar só em seu quarto e chorar muito. Até então, com a presença de Mafalda, precisara fingir a todo o instante. Mas agora teria o aconchego do seu travesseiro, confiante e amigo para receber-lhe as suas lágrimas e ouvir-lhe os lamentos. Teria a liberdade de manifestar a sua tristeza, todavia, só a simples lembrança de que Mafalda estaria em outro aposento, com o príncipe, fazia-a sofrer mais. — Uma, tão embriagadoramente feliz, e a outra, tão desventurada.

Esforçara-se o mais que pudera para nada demonstrar e não perturbar a felicidade da irmã. Queria que ela fosse para o casamento, consciente de que tudo estava bem e de que o pacto estava sendo cumprido. Mas até quando suportaria, não sabia ainda.

Pensara muito nos últimos dias, e tinha uma idéia em mente. Por nada seria empecilho à felicidade da irmã, mas também precisava cuidar de si própria. Se seu sofrimento continuasse a atormentá-la, se não conseguisse ver o príncipe com Mafalda, sem sofrer, sabia já o que fazer.

Nada mais esperava da vida, porque tinha certeza de que a nenhum outro conseguiria amar como amava o príncipe Fernando, e, sem amor, nunca se casaria. Mesmo que algum pretendente aparecesse, recusaria, e o pai não teria como obrigá-la a aceitar. — Para seu mal, só havia um lugar. Nada diria por enquanto, mas acalentava esse pensamento, vendo-se já, recolhida num local onde os sofrimentos de amor são superados, e uma vida de contemplação a Deus era o bálsamo de que necessitava. Esperaria mais algum tempo e decidir-se-ia.

Passadas as festividades, todos os convidados retornariam a seus lares, e a vida no palácio estaria novamente circunscrita somente aos familiares, entre os quais o contato seria mais freqüente.

Em presença de Mafalda, Margarida estimulava-a a parecer mais bela diante do príncipe, a fazer o de que ele gostava, contudo, no íntimo, era o que ela própria gostaria de fazer para ele.

Seus passeios pelo jardim passaram a ser mais freqüentes, e ela percebeu que estava sendo observada pelo príncipe. Às vezes, quando Mafalda estava distraída ou ausente, surpreendia-o olhando atentamente para ela, e isso a preocupava. Em outra época se sentiria lisonjeada e muito feliz, mas agora não poderia permitir.



Capítulo 12 A ROSA BRANCA

Dias após o enlace, quanto tudo entre ele e Mafalda I parecia felicidade, Margarida, passeando pelos jardins do palácio, chegou até a pérgula onde uma vez estivera com o príncipe e recebera dele uma rosa branca. Com os olhos fechados, entregue a seus pensamentos, percebeu que alguém entrava. Abriu os olhos e, à sua frente, estava o príncipe Contini, com outra rosa branca nas mãos.

— Lembra-se, Alteza? - indagou ele, estendendo a mão para entregar-lhe a rosa.

— O que faz aqui, príncipe? Deveria estar em companhia de Mafalda!

— Sua irmã estava ocupada com uma providência em nossos aposentos e resolvi sair. Eu a vi pela janela, passeando pelo jardim, e quis lhe falar!

— Tudo o que quiser me falar, agora, faça-o diante de Mafalda! Não quero que ela o veja aqui! Deixe-me entregue aos meus pensamentos e vá embora!

— Sempre a tive na conta de pessoa tema e delicada, e não posso acreditar que me mande embora. Trouxe-lhe a rosa branca, o símbolo da paz e da pureza que sinto em seu coração, Alteza!

— Não devo aceitá-la! Leve-a à Mafalda que agora é a sua esposa. Ela deve estar sentindo a sua falta. Por favor, deixe-me!

— Eu a deixarei, sim, mas só depois de dizer que não consigo tirá-la do meu pensamento!

— E muito tarde para isso! Deveria ter pensado antes!

— Eu precisava casar-me com Mafalda, mas é a senhorita que meu coração ama!

— Não continue, por favor! Não me faça sofrer mais do que já tenho sofrido!

— Se tem sofrido é porque me ama também!

— Isto não vem ao caso, agora! Por favor, vá embora e deixe-me em paz, senão serei obrigada a falar com papai!

— E o que ele poderá fazer? Tenho a certeza de que não terá coragem de lhe dizer nada! Dê-me um beijo apenas que me sentirei feliz e depois vou-me embora.

— Não se atreva, Alteza! Não toque em mim! — manifestou-se com energia ao perceber que ele se aproximava. — Não é digno de nenhum sentimento bom que eu pudesse ter a seu respeito!

— Ninguém manda nos seus sentimentos, não comandamos o nosso coração!...

— O senhor fará a minha irmã infeliz! Por que se casou com ela? Tomo a dizer que não é digno do amor de ninguém.

Dizendo isso, levantou-se rapidamente para se retirar, mas ele tentou segurá-la. Assustada e temerosa, conseguiu desvencilhar-se e saiu correndo. Nunca imaginara ser alvo de tal situação. Quanto tivera que resistir, mas quanto estava decepcionada com ele.

Temia já pela felicidade da irmã. Se ele a escolhera, era porque tinha algum plano em mente, desses do qual o coração não participa, e, numa união, só traz infelicidade.

Margarida correu muito e entrou em casa cansada. Ao dirigir-se a seu quarto, Mafalda surpreendeu-a apressada e ofegante e perguntou-lhe:

— O que a assustou, Margarida? Você entrou correndo nem me viu, e está cansada!

— Nada me assustou! Lembrei-me de uma obrigação a cumprir e não queria esquecê-la novamente!

— Que obrigação é essa, tão importante, para ficar assim?

— Coisas minhas, nada de importante aos outros!

— Está bem! Viu o Fernando? Estou procurando-o!

— Não o vi!... Estava no jardim mas não o vi!

— Vou continuar a procurá-lo!

Margarida entrou em seu quarto e chorou muito. Sua vida, daí para a frente, seria um tormento. Ele não a deixaria em paz e ela não sabia até quando resistiria. O melhor seria fazer o que tinha em mente.

Imaginara afastar-se de casa para não sofrer, vendo a felicidade da irmã, mas nunca supusera ter que fazê-lo para não comprometer essa felicidade, pelo assédio do príncipe. Ele demonstrou que não tinha caráter e, a qualquer hora, sua irmã o surpreenderia insistindo, atrevendo-se a atos com os quais ela jamais concordaria.

Limpou os olhos e novamente saiu do quarto à procura da mãe. Passou por uma sala onde Mafalda já estava junto do príncipe, em demonstrações de carinho. A irmã chamou-a, dizendo:

— Já encontrei Fernando, Margarida! Ele também veio do jardim, mas disse-me que não a viu.

— E verdade! O jardim é muito grande e podemos passear por ele sem nos encontrarmos!

— Aonde vai agora? — perguntou-lhe Mafalda.

— Estou à procura de mamãe, preciso falar-lhe! Sabe onde ela se encontra?

— Eu a vi com papai, no grande salão!

Ela foi reunir-se a eles, e compreendeu que também o príncipe dissera não tê-la visto. Foi melhor, Mafalda não ficaria preocupada.



Capítulo 13 RENÚNCIA

Margarida encontrou os pais conversando e percebeu que o rei, animadamente, fazia planos, esperando contar com Fernando. Teve receios. Algum motivo muito forte o fizera escolher Mafalda, colocando em perigo o reino de seu pai, e demonstrando, por isso, ser uma pessoa sem caráter, como também o era pelo que tentara há instantes.

Depois de passar um tempo com eles, Margarida indagou ao pai:

— Posso, papai, tirar por um pouco a mamãe de sua companhia? Preciso falar-lhe.

— Certamente, filha! Se a companhia dela me é importante como esposa, como mãe, a você, deve ser muito mais!

— Vamos comigo, então, mamãe?

Margarida levou-a ao jardim para conversarem a céu aberto, e, ao perceber que ninguém estava por perto, contou-lhe o sucedido.

— Eu sei que essas palavras lhe trarão preocupações, mas tinha que dizê-las, para que entenda o que vou falar agora!

— Mais ainda, filha?

— Sim, mamãe! Desde que Mafalda foi a escolhida, abrigo um pensamento em mim, mas aguardava ainda um tempo para tentar esquecer o príncipe e sofrer menos. Todavia, depois do que houve hoje, a minha presença será uma constante ameaça à felicidade de Mafalda. Não que eu pretenda desrespeitá-la, mas ele não me deixará em paz. Mesmo recusando as suas propostas, ela poderá surpreendê-lo e não acreditar em mim!

— O que pretende, filha? O que tem em mente há tempos, como diz?

— Quero ir embora! Sei que sentirei muito a sua falta, a de papai, de Mafalda e até do príncipe, mas, para a felicidade de todos nós, não posso mais permanecer neste palácio. Eu o esquecerei e todos aqui ficarão tranquilos e felizes.

— Embora como, filha? Este é o seu lar, nós somos a sua família!

— Eu sei disso, e senti-me sempre muito feliz aqui, mas agora não é mais possível! Vou para um lugar de muita paz.

— Que lugar é esse?

— A senhora sempre nos ensinou a orar, a crer em Deus, não é mesmo? Pois então, vou dedicar-me a Ele! Quero ir para um convento!

— Convento, filha!? — perguntou a mãe, surpresa e assustada. — Logo surgirá também alguém que lhe queira e você se casará!

— Não me casarei com ninguém! Nenhum homem é merecedor do nosso amor! Amo o príncipe e senti muito não ter sido a escolhida, mas, pelo que ele me disse hoje, é desonesto; se tivesse casado comigo, certamente estaria assediando Mafalda. Não me casarei, mamãe! Quero ir embora. Pelo menos sofrerei um pouco pela ausência de todos, mas logo me acostumarei e não serei ameaça à felicidade de ninguém!

— Seu pai não concordará!

— A senhora o convencerá, explicando-lhe os meus motivos! Ele compreenderá e me dará razão! O seu reino não pode ser ameaçado, justamente agora que conseguiu o genro de que precisava, e que espero, nunca o decepcione! Depois do que houve hoje, não me será difícil esquecê-lo. Ele não merece o amor de ninguém!...

— Filha, como vou dizer tudo isso a seu pai?

— E preciso, até para que ele fique prevenido contra o príncipe! Apenas Mafalda não deve saber de nada. Peça-lhe que providencie a minha ida o mais rápido possível! É a minha decisão! Entremos, mamãe, e fale-lhe agora mesmo! Vou para meu quarto e a aguardarei lá!

Margarida foi para o seu quarto onde esperaria pela mãe. Sabia que o pai concordaria porque, acima do amor de pai, estava a obrigação como soberano supremo daquele reino, que não poderia ver-se ameaçado nem ser alvo de nenhum escândalo, o que ela pretendia evitar.

Esperou mais de uma hora. Olhava para todos os objetos que decoravam seus aposentos, olhava as paredes, o armário de belos vestidos — nada daquilo servir-lhe-ia mais... Do momento em que sua mãe chegasse, trazendo a resposta do pai, nada mais teria valor. Tudo ali permaneceria, e ela partiria apenas com a roupa do corpo. Para onde pretendia ir, o luxo e a vaidade não teriam lugar... Todas seriam iguais — a mais rica, a mais pobre, a mais humilde, todas usando o mesmo traje, utilizando-se dos mesmos objetos, o mínimo imprescindível às necessidades mais prementes.

Ela começava a ficar impaciente, e pensou ir ao encontro dos pais para reforçar o pedido com seus próprios argumentos, mas conteve-se. Confiava na mãe, e ela saberia como fazê-lo. Ah, como sentiria sua falta, sempre tão tema, amiga e compreensiva! Tão preocupada com a felicidade das filhas, orientando-as para que não sofressem. Mas, por mais que tivesse sido advertida, o seu coração não obedeceu e, rebelde e insensato, deixou-se apaixonar tão intensamente, a ponto de ela ser obrigada a deixar a companhia dos familiares que tanto amava.

Em meio a esses pensamentos e reflexões, a porta do quarto se abriu e a mãe entrou. Ela levantou-se imediatamente e foi ao seu encontro.

— Então, como papai reagiu ao meu pedido, a tudo o que lhe contou?

— Ficou furioso com o que lhe aconteceu e decepcionado. Tem receio de que o príncipe esteja lhe preparando alguma cilada, através do casamento, mas ficará atento. Quanto ao seu desejo, ficou consternado. Sabe que seu pai muito ama as filhas e sentirá a sua falta, mas compreendeu que, para o momento, é a melhor solução. Quem sabe, num futuro, se algo mudar, você poderá retomar.

— Não, mamãe! Quando sair, não voltarei mais!

Entregarei minha vida a Deus e para Ele viverei. Sentirei muita falta de todos, mas logo me habituarei. Estando ligada a Deus, e naquele ambiente de paz e simplicidade, ser-me-á mais fácil...

— Ficarei triste, filha, sem a sua presença!

— A senhora se acostumará! Logo Mafalda poderá ter um filho e a casa ficará alegre outra vez!... Quando papai tomará as providências para a minha ida?

— Disse que mandará um emissário, amanhã mesmo, ao convento mais próximo de que tem notícia, e, quando ele regressar, você poderá, se a aceitarem, começar a preparar-se.

— Do momento em que tomei a decisão, já estou preparada, desde que nada poderei levar! Irei só com a roupa do corpo!...

— Você sofrerá muito, filha!

— Sentirei a falta de todos, é nisso que estará o meu sofrimento! Mas, mesmo assim, sofrerei menos que permanecendo aqui, colocando em risco a felicidade de Mafalda. Mamãe, tenho outro pedido a fazer!

— O que deseja agora, filha?

— Gostaria que nada comentasse, no palácio, sobre essa decisão. Quero que Mafalda e o príncipe saibam apenas quando estiver saindo e for

me despedir. Não desejo ouvir nenhuma palavra de Mafalda para convencer-me do contrário, nem que o príncipe me assedie novamente. Procurarei ficar o mais reclusa possível, assim irei me acostumando. Não gostaria, também, de entrar no convento com o título de princesa, conquanto ele de nada adiante lá! Prefiro passar por alguma jovem do povo.

— Isto não será possível, filha! Como irá se apresentar com identidade falsa?

— Quando chegar, pedirei, então, à mãe, que esqueça quem sou, e trate-me igual a todas as que lá estão!

— Nunca pensei, fôssemos nos afastar dessa maneira! Imaginei que um dia até pudesse sair daqui, mas levada por alguém a quem amasse, que partisse feliz e cheia de esperanças.

— Parto feliz, mamãe! Não iria, se não gostasse do que vou fazer!

— Seu pai quer conversar com você antes de mandar o emissário. Se quiser, levá-la-ei à sua presença agora mesmo!

— É melhor irmos! Assim tudo ficará resolvido logo, e o emissário poderá partir amanhã bem cedo. Pelo que sei, os conventos ficam muito longe daqui!

— Vamos, filha, que ele a espera!



Capítulo 14 A PARTIDA

Margarida foi à presença do pai que, consternado e preocupado, também não via outra solução.

Abraçou a filha, compreendendo o seu sacrifício e até agradecendo-lhe, porque, acima do seu coração de pai que sofreria muito, estava seu dever de soberano.

Prometeu-lhe cumprir o seu desejo, mas que ela partisse ciente de que ele sentiria muito a sua ausência, assegurando-lhe que, se a situação, de alguma forma mudasse, mandaria buscá-la de volta.

Margarida afirmou-lhe que a sua decisão não teria volta. Caso esquecesse o príncipe, receava o seu assédio constante, podendo ocasionar graves transtornos à segurança do reino.

No dia seguinte, pela manhã, um emissário partiu para o convento indicado, levando uma carta à madre superiora. Foi-lhe recomendado que aguardasse a resposta.

A distância era muito longa e, embora seu animal fosse veloz, não daria para retomar àquele mesmo dia. Seria um dia para ir e, em sendo recebido logo no convento, descansaria numa hospedaria, esperando estar de volta no dia seguinte.

Essas providências tomadas, Margarida sabia que só teria a resposta em dois dias. Após, partiria imediatamente.

Durante esse período, pouco saiu do quarto. O príncipe procurava-a com os olhos, sempre atento ao jardim. Visitava a biblioteca diversas vezes ao dia, mas nunca a encontrou. Nada disso passou despercebido à rainha. Viam-se no horário da refeição, depois Margarida convidava a mãe para acompanhá-la à biblioteca, escolhia um livro que levava ao quarto, e lá ficava entretida com a leitura.

Mafalda sentia a irmã diferente, e foi ao seu quarto saber o que estava acontecendo. Ela, porém, demonstrando, mesmo com o sofrimento do coração, um sorriso de alegria ao vê-la, nada revelou que causasse preocupação.

Disse que se sentia bem ali, agora que o quarto era só seu, e tinha a tranquilidade para ler sem atrapalhar alguém mais que quisesse utilizar-se da biblioteca.

A mãe ficava em sua companhia todo o tempo de que dispunha, pois logo não a teria mais consigo. Sofria já, pensando na sua ausência, mas nada poderia fazer.

Afinal, na tarde do terceiro dia, desde que conversara com o rei, o emissário chegou trazendo a resposta.

O rei leu-a com ansiedade e mandou chamar a filha, em seguida. Quando ela chegou, entregou-lhe a carta para que ela mesma a lesse. Ao terminar, perguntou ao pai:

— Posso partir hoje?

— Já é tarde, filha! Amanhã tomaremos as providências necessárias, e esse mesmo emissário deverá acompanhá-la. Conhece bem as estradas e guiará o cocheiro da carruagem que a levará. Deixemos para depois de amanhã! Sabe o quanto me é doloroso tomar essas medidas para afastá-la de casa, mas cumpro um desejo seu. Eu, por mim, por mais ameaçado estivesse meu trono, nunca a afastaria da nossa companhia, não fosse a sua própria vontade.

— Sei disso, papai, mas vou feliz! Não tenha cuidado comigo, que vou para um lugar muito bom e estarei em paz.

— E só isso que me conforta, filha! A certeza de que estará bem e até feliz!

— Amanhã, então, será o meu último dia aqui, e, à noite, após o jantar, farei a comunicação à Mafalda. Em seguida, irei para meu quarto; nem ela nem o príncipe me verão mais! Quanto a vocês, meus queridos, quero-os na hora da minha partida, para receber o seu abraço e suas bênçãos.

— Não obstante com o coração em pranto, ficaremos em sua companhia até o último momento! Sua mãe poderia acompanhá-la, mas não é conveniente que uma rainha saia assim, e a viagem é muito longa para quem terá de voltar.

O dia seguinte foi tranquilo. Margarida olhava com atenção para todos os detalhes do palácio, querendo reter em sua memória o local onde fora tão feliz. Gostaria de voltar à pérgula do jardim e lá refletir muito, mas nem isso pôde fazer, com receio. Não tinha mais liberdade.

Na madrugada do dia imediato, tudo estava pronto para a partida.

Quando fez a comunicação à Mafalda, logo após o jantar, ela ficou estupefata, pensando que fosse uma brincadeira da irmã.

— Não, Mafalda, nunca brincaria com um assunto desses! Parto amanhã, ao alvorecer, e nunca mais voltarei. Se sentir saudades, poderá visitar-me, mas eu, aqui, não retomarei!

O príncipe sentiu essa revelação como uma punhalada no peito, tamanha a dor que experimentou. — Ele a amava, mas sua ambição fora maior. Receava que, escolhendo-a, outro pretendente aparecesse a Mafalda que, como mais velha, teria todo o direito, bem como o seu marido, sobre o reino, e não queria deixar perder a oportunidade. Esperava até conseguir alguma atenção especial de Margarida, após, como tentara. Teria paciência, e, mais dia, menos dia, ela cederia aos seus desejos, mas não contava com essa decisão tão drástica. Tudo estava consumado e a sua vida, naquele palácio, não seria feliz. Só lhe restava atingir o outro objetivo, que se fizera maior que os próprios sentimentos, e esse, ele o conseguiria. Não teria pressa, mas conseguiria...

Após a comunicação, Margarida despediu-se e recolheu-se para o descanso.

A madrugada encontrou-a pronta para partir. A carruagem aguardava-a. Os pais acompanharam-na, e ela, despedindo-se com um grande abraço, reprimindo as lágrimas, partiu...



Capítulo 15 VIDA NOVA

Margarida seguia sua viagem com o coração em pranto.

Uma escolta acompanhava-a e protegia-a, mas dentro da carruagem, ela estava só. Só com as tristezas, só com as parcas esperanças... A solidão que sentiria, mesmo convivendo com muitas companheiras, como esperava, seria muito grande, e já começara desde que entrara na

carruagem.

Seu coração estava dorido e sua vontade era de chorar. Esforçava-se, porém, e fazia-se forte. Deveria exercitar e começava ali mesmo, do momento em que renunciava ao que sempre tivera e esperara da vida. Tudo ficava para trás, à medida que a carruagem se afastava... Era como se deixasse, pelos caminhos, a Margarida que fora, atirando pela janela da carruagem suas esperanças, seus sentimentos e suas dores.

Quando chegasse, queria ser outra, e para isso se esforçava. Quanto mais longo fosse o percurso, teria mais tempo para preparar-se.

Ao final de muitas horas de viagem, ela avistou, ao longe, um prédio majestoso, bem afastado da cidade, num local aprazível, mas solitário. O emissário que a acompanhava, aproximou-se da carruagem e indicou-lhe como sendo o convento para onde se dirigiam. — Era o de que precisava, era o que esperava. O local oferecer-lhe-ia a paz que tanto desejava.

Alguns minutos mais pararam à porta. O emissário, conforme instrução de Sua Majestade, adiantou-se e fez-se anunciar, dizendo que havia estado ali há três dias, e que trouxera a jovem para ficar.

Foi orientado para que ela entrasse, que logo mais a madre superiora a receberia.

Ele voltou até Sua Alteza, dando-lhe essas instruções, e ela, descendo, agradeceu aos que a haviam acompanhado, e entrou naquele novo ambiente, ao qual nunca supusera pertencer um dia.

Nada demorou e a madre superiora, uma senhora ainda moça, aparentando muita austeridade, veio recebê-la.

— Então é a princesa, filha do nosso Soberano, que temos a honra de receber para estar conosco?

— Sou uma humilde jovem que, a partir deste instante, quer apenas servir a Deus, esquecida de quem foi.

— Muito bonito de sua parte! Mas o que uma jovem bela e com a sua posição deseja entre nós?

— Servir a Deus, estar feliz e em paz, e, se me for permitido, gostaria de fazer-lhe um pedido.

— Todos os que desejar, Alteza!

— Por favor, meu nome é Margarida! Pediria que esquecesse quem fui e não o dissesse a ninguém!

— Seu pai nada nos enviou, como é hábito?

— Sim, mandou-me entregar-lhe este pacote, dizendo que estará sempre à disposição para todas as necessidades que tiverem.

A madre, sorridente, pegou o pacote, ao mesmo tempo que chamou uma auxiliar, pedindo-lhe que encaminhasse Margarida ao seu alojamento. Que lhe desse todas as instruções necessárias a esse começo, a fim de que ela se sentisse integrada na vida que teria daí em diante.

Margarida seguiu-a, e foi levada por um longo corredor escuro, ao quarto que ocuparia, no qual estavam instaladas mais duas companheiras. Uma, vinda há também não muito tempo, e a outra, já com seu hábito definitivo, servindo de orientadora às recém-chegadas.

Ela deu-lhe a roupa que deveria usar, igual à de todas nas mesmas condições de noviça, até que recebesse seu hábito definitivo. Qualquer outra informação, a irmã que fazia parte do mesmo quarto, dar-lhe-ia, como também a conduziria aos locais que passariam a fazer parte de sua vida ah: a igreja, o refeitório, o pátio, e outros. Seria orientada, até que conhecesse toda a instituição e pudesse movimentar-se sozinha. Recomendaram-lhe que descansasse por aquela noite que já se aproximava e, no dia seguinte, aguardasse uma entrevista com a madre, para orientá-la quanto ao regulamento a seguir e às funções que desempenharia, porque, ali, todas trabalhavam.

Margarida ouviu sem nada dizer, e a auxiliar retirou-se, deixando-a só. A tristeza não tinha medida em seu coração. O ambiente era tético, assustador. O corredor, escuro, os móveis do quarto onde deveria ficar, pesados e sombrios. Que saudade sentiu da claridade de seu quarto, com as janelas dando para o imenso jardim. Mas deveria esquecer. Ela própria escolhera sua nova vida e precisaria adaptar-se.

Pouco depois, entrou no quarto a outra jovem noviça e, muito alegre, perguntou-lhe:

— E a nova companheira? Estarei feliz com alguém como eu, principiante também. Como é seu nome?

— Chamo-me Margarida e também estou feliz em tê-la em minha companhia!

— Meu nome é Celeste e vamos nos dar muito bem. Vou instruí-la com tudo o que já aprendi, mas não agora! Deve descansar, que amanhã será outro dia! A irmã que está conosco no quarto, nos orienta e está sempre atenta ao que fazemos. E mais velha que nós, meio ranzinza, mas não me incomoda. Descanse que o dia, aqui, começa às cinco e meia, pois temos que nos levantar para a missa. Assim que a irmã Felícia chegar, dar-lhe-á as instruções.

Logo mais ela voltou da tarefa que realizava, avisada de que a jovem esperada, chegara.

Encontrou-a conversando com Celeste e deu-lhe algumas instruções quanto ao modo de se portar, avisando-a de que, em sua presença, não queria conversas. Os assuntos mundanos haviam ficado do portão para fora, e agora deveria dedicar-se intensamente à nova vida que escolhera, esquecendo-se de tudo o que deixara, vivendo somente para ajudá-las e para Deus.

Margarida ouvia-a atenta. Era a primeira orientação que recebia em relação às suas atitudes, e prometeu obedecer. Mostrou-se dócil e compreensiva, manifestando desejo de se esforçar para cooperar.

Irmã Felícia disse que a levaria para tomar uma refeição leve, pois a hora do jantar — ali muito cedo — já havia passado, e que, após, descansasse. No dia seguinte, depois da missa, seria levada à madre, de quem receberia as instruções que faltavam, e começaria alguma atividade indicada por ela.

Margarida não tinha vontade de comer nada. Alimentara-se durante o percurso com algumas frutas que trouxera, e, se permitido lhe fosse, gostaria de recusar a refeição e ir direto ao repouso.

Celeste, ouvindo as instruções da irmã, ficou calada e foi se preparando para dormir. Margarida fez o mesmo e, no dia seguinte, à hora determinada, estavam em pé.

Diariamente, todas assistiam à missa, oficiada por um padre designado para esses serviços. Ele tinha seus aposentos contíguo ao convento, e ali residia para executar as suas tarefas, e em auxílio à madre. Realizava os ofícios religiosos todas as manhãs e à noite. Os da noite eram privativos às irmãs mais graduadas, e ouvia-as todas em confissão, desde as noviças até à madre superiora.

As vezes o padre que servia o convento era chamado para outro lugar, e vinha um novo para substituí-lo. Nunca ficavam ao desamparo de um confessor, nem dos ofícios religiosos. Ele era também um colaborador e orientador da madre, nas suas lides administrativas e no relacionamento que deveria manter com as congregações a que estavam subordinadas.

Após a missa a que assistiu com muita devoção, pedindo fervorosamente a ajuda de Deus para essa nova vida que iniciava, tão diferente da que sempre tivera, e após o parco café da manhã, Margarida foi levada à madre, por irmã Felícia, como fora recomendado.

A madre, ocupada com um afazer, pediu que ela aguardasse um pouco, dispensando a irmã que a acompanhava, e logo mais a recebeu.

— Como se sente, princesa, entre nós?

— Se me é permitido pedir, não me chame de princesa. Não quero que ninguém ouça. Trate-me como a todas!

— O seu desejo será cumprido plenamente! Vou estabelecer a sua tarefa agora, que aqui todas executam um trabalho. O que vou lhe determinar, eu sei, não é digno de uma princesa como a senhora, mas se fizesse de outra forma, iriam descobrir quem é, e a senhora não gostaria, não é mesmo?

— Sim, quero ser igual a todas, sem que ninguém saiba quem sou, nem de onde vim!

— Pois então, para que nunca isso aconteça, e ninguém desconfie, terá de fazer um trabalho bem simples.

— Eu o executarei com dedicação, seja qual for!

— Estamos precisando de mais alguém que auxilie na cozinha. Sei que não deve saber cozinhar, mas aprenderá pelo menos a limpar! — E o que fará! O serviço lá é muito, o nosso convento é grande, e terá bastante trabalho. Será bom e lhe fará bem. Esquecerá logo de onde veio. Nem mesmo você se lembrará de que é uma princesa! Ninguém saberá, como deseja!

— Realizarei o que me determinar!

— Deixe-me ver suas mãos! — ordenou.

Margarida estendeu-as — brancas e delicadas, unhas bem feitas e polidas.

— Mãos de verdadeira princesa, mas logo as terá como as de uma camponesa! É o que quer, não?

— Farei o trabalho que me for ordenado! Se no começo não souber realizá-lo bem, acostumar-me-ei e logo farei melhor!

— Estabelecida a sua tarefa, que começará amanhã mesmo, ainda falta um outro detalhe muito importante, para que possa iniciar aqui os seus esforços, e receber, um dia, o seu hábito definitivo.

— Estarei pronta para obedecer!

— Você precisa passar pela confissão, para viver somente a sua vida aqui! Deverá confessar todos os motivos que a levaram a tomar essa decisão, todos os seus anseios e frustrações... Deve expor o seu coração ao nosso confessor que a ouvirá. Ele a espera na capela! Após, a irmã Felícia a levará a conhecer alguns dos nossos departamentos, para que saiba movimentar-se dentro do permitido e necessário, sem que ninguém precise acompanhá-la. Amanhã, logo após a missa, começará a desempenhar a sua tarefa! Irmã Felícia a conduzirá também à cozinha, e a apresentará à nossa irmã encarregada daquele setor. Ela está incumbida de determinar a sua atividade. Agora pode ir! Já sabe ir à capela, não?

— Sim, senhora! Assisti à missa e sei onde é!

— Pois pode ir que o nosso padre a espera!



Capítulo 16 CONFORTO

MMargarida, humildemente submissa à vontade de He às determinações da mãe, deixou a sua companhia e seguiu em direção à capela.

Sabia o caminho e ia destemida. O confessor era-lhe necessário naquele momento.

Sempre abria o seu coração à mãe, mas agora, que deveria ficar ali, tendo renunciado à sua vida anterior, um confessor seria uma bênção. Ouviria o seu desabafo, os seus anseios e teria para ela a palavra de conforto e paz por que tanto ansiava. Após, sim, confortada e encorajada, enfrentaria qualquer tarefa que lhe determinassem. Nela se aplicaria intensamente, para que, a cada manhã, ao acordar, tivesse diminuídas em seu coração, as recordações de sua vida no palácio, ou melhor pensando, até a palavra palácio deveria ser esquecida... Colocaria em seu lugar sua nova habitação, com tudo o que ela representaria para os seus sentimentos e esperanças — o convento.

Chegou à capela, confiante, e observou que ela se encontrava completamente vazia. Viu no primeiro banco, de costas, o padre que a esperava.

Submissamente caminhou até ele e, apresentando-se, disse-lhe:

— Senhor, a mãe enviou-me para que me confessasse! Aqui estou à disposição, e esperançosa no conforto que me dará!

— Filha, — disse-lhe ele, levantando os olhos do seu livro de orações — já a esperava! Pouco sei a seu respeito, mas, em confissão, no seu desabafo, poderei conhecê-la melhor e a aconselharei como me pede.

Levantando-se, ele dirigiu-se ao confessionário, indicando-lhe a parte de fora onde ela deveria ajoelhar-se e começar a falar.

Margarida contou-lhe a sua história, não tão longa pelo período que fora vivida, mas tão intensa em sentimentos, que falou por mais de uma hora, partindo do momento em que o príncipe entrara no palácio.

Ele a ouviu atentamente, interrompendo-a vez por outra com alguma indagação e, ao final, pedindo-lhe que orasse bastante, abençoou-a e deixou o confessionário.

Tão emocionada estava e tão profundamente envolvida na situação, que não se levantou de imediato, precisando o padre tocar-lhe o ombro e fazê-la retornar ao momento presente.

Antes de se retirar da capela, ele convidou-a:

— Sente-se aqui um pouco, filha, se quiser ainda falar alguma coisa que não seja em caráter de confissão!

— Quero apenas agradecer! Aliviei-me bastante e sinto-me confortada. Não conto mais com mamãe para ouvir-me, e tenho sofrido muito por causa do meu coração.

— Aqui, seus sofrimentos passarão! Dedique-se a Deus, que é o nosso Pai e vela por nós, que sua nova vida terá a paz por que tanto anseia! Você tomou a decisão correta, retirando-se daquele ambiente comprometedor de sua honra e da honra de sua família. Se nada mais tem a dizer, vá em paz e, quando precisar, sabe que pode contar comigo.

— Agradeço-lhe muito, e peço-lhe que não comente ter vindo eu de um palácio e ter sido uma princesa.

— O que ouço em confissão, deixo dentro do confessionário! Vá tranquila com as bênçãos de Deus, e procure realizar as suas tarefas em obediência a Ele, que será muito feliz!

Margarida retirou-se confortada e esperançosa. O padre lhe transmitira confiança e alguma esperança de paz. Aplicar-se-ia intensamente à sua nova vida e teria nele um confessor para suas aflições e um amigo. Ficou satisfeita.

Em seu quarto, encontrou irmã Felícia que a levou para receber as determinações da responsável pela cozinha, conforme recomendação da mãe.

Ficou assustada com o tamanho dos utensílios onde preparavam as refeições, com a quantidade imensa de alimentos, e pensou no seu trabalho. Obteve as orientações da encarregada, que a recebeu com a fisionomia austera e fechada, transmitindo-lhe um pouco de receio.

Muitas irmãs ali trabalhavam e ela seria mais uma. Sua tarefa seria promover a limpeza de tudo, desde as panelas, após servidas as refeições, pratos e talheres, bem como o chão. Era muito serviço que dividiria com mais duas companheiras. Em pouco tempo tudo deveria estar em ordem, para o preparo da refeição seguinte. Teria que chegar antes do café da manhã e permanecer até o término da limpeza do almoço. Outras companheiras entrariam para a arrumação do jantar, deixando as mesas postas para o café da manhã. Trabalharia nesses dois turnos em forma de revezamento semanal.

O serviço era muito e a ele não estava acostumada, mas nada disse. Nunca havia entrado numa cozinha, a não ser quando criança, ao correr atrás de Mafalda ou fugindo dela, durante as brincadeiras, assim mesmo não era tão grande.

Receava não conseguir cumprir bem suas tarefas, mas se esforçaria. No dia seguinte, logo após a missa, deveria já se apresentar à encarregada.

O resto do dia foi mais tranquilo para Margarida, que permaneceu no quarto, pensando, pensando, ou conversando com Celeste, quando ela estava livre de suas obrigações, e sem a presença de irmã Felícia.



Capítulo 17 EM TAREFA

Toda a vez que lhe vinham à mente lembranças do lar, dos familiares, Margarida, num grande esforço, afastava-as, procurando reter somente as preocupações da vida no convento. A tarefa do dia seguinte a inquietava, não por ter que trabalhar, pois enquanto estivesse entretida numa atividade intensa, esquecería de si própria, mas temia não corresponder às exigências quanto à sua realização.

Receava ter que manejar aqueles utensílios tão grandes e não conseguir fazer uma limpeza adequada. Mas como tudo se aprende e com boa vontade se executa, cumpriria suas funções o melhor que pudesse.

No dia seguinte, logo pela manhã, apresentou-se para iniciar o trabalho, e foi recebendo as orientações à medida que terminava cada tarefa. Cansava-se muito, as mãos doíam-lhe, e temia não agüentar até o final do turno. Todavia, com muito esforço, conseguiu. A encarregada chamou-lhe atenção algumas vezes, porém as companheiras, que também haviam passado por situação semelhante, tentavam ajudá-la.

Quando encerrou o seu horário, não agüentava mais. Foi direto para o quarto e deitou-se, mas logo irmã Felícia chegou, dizendo-lhe que aquela não era hora de ficar deitada e deu-lhe uma outra obrigação mais leve, porém não a deixou descansar. À noite, quando pôde repousar, dormiu logo e só acordou ao ser chamada para começar tudo novamente.

Os dias foram passando, e, aos poucos, ela foi se acostumando ao trabalho. Quando mudou de turno, verificou que o serviço não era tão pesado. A parte maior era realizada pela manhã.

Entre o revezamento dos turnos de trabalho, entre os ofícios religiosos e alguma leitura — pouca pelo tempo que lhe restava — alguns meses passaram.

Quem a visse, talvez não a reconhecesse mais, contudo era ainda muito bela, e destacava-se entre as outras. As mãos perderam a delicadeza, mas, longe de serem grosseiras, guardavam ainda os traços da nobreza que trazia no sangue. Nunca, a não ser da madre, ouvira um comentário a respeito de sua condição de princesa.

O tempo transcorria e, a par do trabalho, preparava-se para receber o hábito definitivo, após o voto que deveria fazer.

O capelão que a ouvira em confissão, logo no primeiro dia, sempre a confortava e a compreendia, e tinha para com ela um carinho especial, pois sabia do seu sacrifício, pela posição que ocupava.

Margarida via nele a única pessoa amiga que a aconselhava e a encorajava, estimulando-a a adaptar-se cada vez mais à vida de reclusa. Era como um pai para o qual não tinha segredos.

Entretanto, dia chegou que ouviu dizer que ele fora chamado para uma missão em outro local, como às vezes acontecia aos padres que se dedicavam ao convento, e ele partiria. Ela pediu licença para confessar-se, pois queria lhe falar, dizer o quanto lhe devia em conforto e em amizade; que sentiria a sua falta e receava que o próximo não a compreendesse como ele.

Ele abençoou-a, aconselhando-a a sempre orar a Deus, em quem encontraria o conforto para as necessidades, mas que ela não estaria ao desamparo de um amigo. No mesmo dia em que partiria, outro chegaria. Margarida despediu-se e nunca mais o viu.

No dia imediato, à hora da missa, era outro que lá estava para oficiá-la, e diferente de seu amigo. Esse era muito jovem ainda, e mesmo bonito, se assim poderia pensar. Não lhe inspirou a confiança do antecessor, méis não se preocupou. Suas atividades seriam desenvolvidas, ela acostumar-se-ia a esse novo confessor e a vida prosseguiria como sempre.

Naquela mesma manhã, após a missa, Margarida, habituada e consciente das obrigações, foi direto à cozinha para as lides do dia, que eram grandes. Sofrerá muito no início, mas estava mais acostumada. Não reclamava, pois com tanto trabalho e no cuidado para realizá-lo bem, sem despertar o mau humor da chefe, ocupava o pensamento e ia se esquecendo do motivo principal de sua vinda ao convento. Lembrava-se do carinho dos pais, da amizade da irmã, e, às vezes, sentia muita saudade do lar, porém, quando se lembrava do príncipe, agradecia a Deus ali estar, afastada de problemas que poderiam ter sido muito sérios se lá tivesse continuado.

Ocupada com os afazeres, ouviu uma conversa estranha aproximando-se da cozinha, e constatou que a madre, acompanhando o novo sacerdote, penetrava naquele ambiente. Pelo que Margarida pôde compreender, ela acompanhava-o a uma visita a todas as dependências do convento, para adaptá-lo ao lugar onde ele prestaria os seus serviços.

Quando entraram, Margarida levantou os olhos para vê-los, e, no seu olhar, encontrou também o do sacerdote, ouvindo a madre chamá-lo de irmão Cirino. Ela continuou o serviço, e ele, afastando-se da madre, chegou-se mais perto dela, perguntou-lhe o nome e dirigiu-lhe algumas palavras que Margarida apenas ouviu e agradeceu. Fez o mesmo com algumas das companheiras, estimulando-as ao trabalho e até dizendo que a cozinha, juntamente com a capela, eram as partes mais importantes do convento, porque ambas propiciavam a cada um o de que necessitavam — o alimento para o corpo e para o Espírito! Parecia ser alegre, e Margarida esqueceu aquela primeira impressão, ao vê-lo durante a missa.

Ao se retirar, disse a todas que as esperava para as confissões, e que estava à disposição para o auxílio espiritual, como também esperava delas o aconchego para o seu estômago faminto.



Capítulo 18 PADRE CIRINO

A rotina diária continuou, e mais alguns dias passaram. Margarida, às vezes, pensava na sua situação, querendo saber se nunca mais mudaria de atividade, e chegou a perguntar à irmã Felícia. Tinha cultura suficiente para efetuar outros serviços, mas nunca ninguém lhe

oferecera nada. Nem a madre falara mais com ela sobre trabalho. Parecia tê-la esquecido propositadamente, para que nem ela própria se lembrasse de que fora uma princesa.

Escreveu duas ou três vezes aos familiares, mas nunca obteve resposta e nada sabia do lar. Eles também lhe haviam escrito, e até um mensageiro do palácio fora enviado, mas, como toda a correspondência passava pela censura da madre, ela interceptara, tanto as que deveriam ter sido enviadas como as que chegaram. Se ela desejava esquecer sua identidade, nada deveria ligá-la à vida anterior, era preciso ficar segregada somente ao convento, sem nenhuma recordação. Percebia-se, nessa atitude, não o desejo de ajudar, mas uma espécie de irônica punição.

Mais alguns meses e ela receberia, juntamente com diversas noviças, o hábito definitivo. Era uma cerimônia muito bonita à qual já havia assistido quando da vez de outras companheiras. Gostaria de ter a presença dos pais, porém sabia que seria impossível.

Margarida precisou entrar em contato mais direto com o padre Cirino, para as confissões que realizavam constantemente. Ao procurá-lo, ele reconheceu-a, perguntando-lhe:

— E Margarida, a jovem que trabalha na cozinha?

— Sim, e venho para que o senhor me ouça em confissão!

— Aqui estou, filha, e serei todo ouvidos, mas nada deve esconder! Deus sabe de todos os nossos passos e, se não os reconhecermos, seremos castigados por Ele.

— Nada esconderei, senhor, e nada tenho também que me condene, mas gostaria de ouvir algumas palavras de conforto. Sinto muita saudade de casa, estou também cansada do serviço que realizo, e gostaria, quem sabe, com o seu auxílio, de mudar de atividade.

E assim lhe contou que possuía conhecimento necessário para realizar outro trabalho. Não que se queixasse, agradecia a Deus tê-la colocado lá, pois serviu para esquecer tantas mágoas que trouxera, porém, sentia-se cansada e poderia ajudar em outro setor. Com esses esclarecimentos e a recomendação de nada esconder, contou-lhe quem era e por que viera, como havia feito ao seu antecessor, de quem havia recebido muita ajuda.

Padre Cirino ouvia-a atentamente, perguntando muito, e, no final, sem que dissesse uma única palavra do conforto que ela esperava, falou-lhe apenas:

— Eu logo adivinhei que não poderia ser uma simples serviçal naquela cozinha! Percebi em você um certo ar de nobreza, talvez pela beleza de seus traços! É muito bela, sabe disso, não?

Margarida, que não esperava aquele comentário, corou e abaixou a cabeça. Indagada, logo após, por que se calara, ela apenas conseguiu dizer:

— O que mais me empenho em esquecer, é que fui uma princesa! Nunca ostentei, nem no palácio, esse ar de nobreza que me atribui. Procuro ser simples e obediente, por isso tenho realizado minhas tarefas com esforço e boa vontade.

— Está bem, eu a compreendo! — respondeu. — Não se zangue comigo, mas sua nobreza está no sangue. Nem sempre é possível disfarçar! Esqueça o que eu disse, menos que é muito bonita!... Isto não pode esconder!... Prometo-lhe que conversarei com a madre a seu respeito e veremos o que fazer.

Margarida deixou a companhia do padre um tanto preocupada. Desde que chegara, nunca mais ouvira nenhuma referência à sua beleza e, se a possuía, esquecera. Aquelas palavras não deveriam ter sido ditas por um sacerdote, mas por um homem comum... O que se esconderia no coração de padre Cirino? Teve receios e, em vez de sair confortada como desejava, saiu mais preocupada e mais ligada ainda à sua vida anterior.

Chegou ao quarto, que naqueles dias trabalhava no turno da tarde, e ficou muito pensativa. Pegou o livro de orações e orou muito a Deus, pedindo que a ajudasse, que a protegesse e lhe desse forças de levar o que pretendia até o fim de seus dias.

Enquanto orava, foi se sentindo melhor, e percebeu que Celeste entrara no quarto, mas ficara em silêncio, ao vê-la orando.

Quando a companheira viu que ela terminara, perguntou-lhe:

— Como foi sua confissão com padre Cirino?

— Foi bem, mas estranhei muito! Estava acostumada com o que partiu!

— Eu ainda não me confessei com ele, mas o farei logo, talvez amanhã mesmo! Você viu como ele é jovem e bonito?

— Não prestei atenção se é bonito, mas é bem mais jovem que o outro!

Nisso entrou irmã Felícia e a conversa encerrou-se:

— Margarida, a madre quer lhe falar!

— A mim, por quê?

— Vá até ela e saberá!

— Terei feito alguma coisa errada?

— Não posso saber! Vá que ela a espera!

Meio receosa, Margarida foi à sala da superiora, encontrando lá Padre Cirino.

— Mandou chamar-me, senhora?

— Sim! Padre Cirino esteve conversando comigo e disse-me que está precisando de alguém que o ajude mais diretamente em seus serviços. Alguém que faça apontamentos, anote-lhe horários, copie orações, enfim, ele precisa de alguém que tenha bons conhecimentos em escrita e leitura, e como sabe que os tem, pediu-me para tirá-la da cozinha para ajudá-lo. Fará o mesmo horário que fazia lá, e, nas horas vagas, como também está habituada ao trabalho, promoverá a arrumação dos aposentos dele, colocará ordem nos seus livros...

— É uma ordem, senhora, ou poderei recusar?

— Sim, é uma ordem! Padre Cirino, aqui, é o representante de Jesus, e um pedido seu precisa ser atendido. Portanto, considere-se desligada da cozinha, e amanhã, após a missa, ficará à disposição para o que ele desejar.

— Gostaria muito de sair da cozinha e ajudar em algum outro setor, mas esse trabalho, agora...

— Não tem recusa nem escolha! Quem escolhe aqui somos nós — ele a escolheu e eu ordeno. Pode retirar-se e amanhã, após a missa, espere-o para receber as determinações.

Margarida saiu consternada. Como pôde confiar nele para o seu desabafo? Como lhe revelou que estava cansada do trabalho que realizava? Se tivesse permanecido calada, nada disso teria acontecido. Até gostaria de realizar aquela atividade, e o faria com muito gosto, se fosse com o padre anterior em quem confiava, mas esse, agora, tão diferente, esquecido de que era um sacerdote, falava em beleza. Estava receosa, mas não tinha alternativa! Errara em confiar e agora tinha que arcar com seu erro. Não o conhecia e não poderia imaginar o resultado de sua confissão.

Muito preocupada, voltou ao quarto, retomou o livro de orações e orou muito, com ainda mais fervor que o havia feito instantes atrás, pedindo a Deus proteção para a nova tarefa que desempenharia, porque tinha muito medo.

Nem irmã Felícia nem Celeste estavam mais no quarto e, após as orações, ela refletiu bastante, mas os receios continuavam. Pensou que deveria confiar, porque, se ele era ali o representante de Jesus, como a madre dissera, nada de mal lhe faria. Jesus amava seus irmãos e só queria o seu bem. Precisava confiar.



Capítulo 19 ATIVIDADE CONSTRANGEDORA

Margarida quase não dormiu àquela noite, tão preocupada ficou. Teria que estar na companhia de padre Cirino e, talvez, ele não a respeitasse, mas precisava confiar. Ele era um sacerdote, um representante de Jesus e nada lhe faria. O convento era um lugar abençoado, e nunca, nada de mal lhe aconteceria. Mas, nesse misto de pensamentos, pelo que ele lhe dissera e pela ordem que recebera, tendo que ir também a seus aposentos promover a arrumação, sentia um grande desconforto.

Quando o novo dia amanheceu, surpreendeu-a acordada há muito tempo. Levantou-se, arrumou-se e dirigiu-se à capela para assistir ao ofício religioso.

Durante a realização da missa, prestava muita atenção em padre Cirino e via que ele observava todas as irmãs ali presentes, sobretudo as noviças.

Ao término da missa, Margarida foi tomar o café e colocou-se à disposição dele.

Padre Cirino possuía uma sala no corpo principal do convento, na parte administrativa, à porta da qual esperava com um sorriso cordial.

Levando-a para dentro, deu-lhe uma mesa pequena, que pediu, fosse colocada bem em frente à sua. A posição era muito desconfortável para ela, mas, como só deveria obedecer, nada disse. Recebeu uns escritos para que fizesse algumas cópias e aplicou-se ao trabalho. De início, desculpou-se por sua letra não estar tão bonita como antigamente, pelo trabalho que realizara, mas prometeu que logo faria melhor.

Padre Cirino, que não estava interessado em letra nem no que mandara copiar, disse que estava muito bem. Sentado à sua frente, constantemente lhe dirigia a palavra para que ela erguesse os olhos do trabalho e olhasse para ele. Margarida percebeu que ele se extasiava nesses momentos, tendo até, num deles, lhe feito um pedido:

- Pare um pouco, que quero mirar a sua beleza que me deslumbra!
- Não devo, senhor! Aqui vim para um trabalho e quero realizá-lo bem.
- Quem foi que a tirou daquele serviço tão árduo e indigno de uma princesa?
- Por favor, esqueça o que lhe contei! Aqui sou como todas as outras! Sou apenas Margarida!
- Não pode negar sua origem! Logo farei com que suas mãos tenham a mesma delicadeza de quando chegou! Mãos de princesa!
- Por favor, padre Cirino, deixe-me trabalhar!
- Pois que o faça, Margarida, pois que o faça!...

Margarida abaixou a cabeça para continuar a tarefa, mas não conseguia escrever mais. A letra piorou pelo tremor das mãos e ela parou um pouco.

Ele a observava nos menores gestos.

— Já se cansou, princesa?

Margarida nada respondeu e ele insistiu, advertindo-a:

— Quando falo ou pergunto quero ser atendido!

— Perdão, senhor! Mas não consigo trabalhar pelas suas palavras. Por favor, deixe-me realizar a minha tarefa!

— Está aqui para isso! Ninguém a impede de trabalhar tranquilamente!

— Estou nervosa pelo que me fala!

— Nada disse que a ofendesse, pelo contrário, louvo- lhe a beleza e me comprazo em olhá-la! Que mal há nisso? Mas, se a perturbo, vou sair um pouco. Pode continuar!

A vontade de Margarida, quando ficou só, era sair correndo e esconder-se em seu quarto, mas sabia que não podia. Seria castigada pela desobediência a ordens superiores.

Enquanto ele esteve fora, ela colocou a cabeça entre as mãos, em atitude de muita reflexão e desespero, e pensou muito... Não no que passava naquele instante, mas no que teria que suportar ainda... Melhor ter ficado na cozinha, cujo trabalho, apesar de pesado e cansativo, era tranquilo. A encarregada era ranzinza, mas nunca ninguém a molestara, como padre Cirino o fazia.

Logo ele estava de volta e, surpreendendo-a nessa atitude, indagou-lhe:

— Não continuou o seu trabalho? Por que está assim? Vejo que em nada o adiantou.

— Por favor, senhor! Se eu trabalhar sossegada, logo aprontarei tudo o que me pediu.

— Ninguém a impede! Parece uma ave assustada quando se vê ameaçada por um felino! Eu não a ameaço em nada! Não tenho culpa se é bela e se me agrado de sua beleza.

Dessa forma transcorreu todo o primeiro dia daquele novo trabalho. Apenas no horário do almoço ficou mais serena, mas mal conseguiu alimentar-se. Completado o horário, ele a dispensou, dizendo que a aguardava no dia seguinte, e que à tarde, quando o trabalho estivesse terminado, precisava que ela fosse a seus aposentos fazer uma arrumação em seus livros.



Capítulo 20 ULTRAJE

Ah, pobre ave assustada!

Antes, quando deitava para o repouso, tão cansada vinha, que dormia bem toda a noite, serenamente, apenas aguardando para o dia seguinte, mais trabalho, mais trabalho...

Todavia, e agora? A cama não era mais o seu lugar de repouso. Não, não era possível repousar, sentindo-se ameaçada. Padre Cirino em nada a desrespeitara, a nada se atrevera, a não ser suas palavras de jovem galanteador, estranhas na boca de um sacerdote... Porém, não precisava mais, só isso a perturbava e a punha inquieta, e ela temia.

No silêncio da noite, quando os pensamentos criam temores que se agigantam dentro de nós, martirizando-nos e tirando-nos completamente o repouso, Margarida pensava, temia e se atormentava...

A noite foi longa, mas o dia surgia e era hora de levantar-se e recomeçar. Pensava muito no que ele dissera ao despedi-la na véspera. — Que a queria em seu quarto para a arrumação de seus livros!

Logo foi para a missa e, recolhida em si mesma, orou fervorosamente. Tão alheia do ambiente ficou que, na hora da comunhão, teve que ser avisada pela companheira do lado. Caminhou de cabeça baixa, sem levantar os olhos um só instante, e a missa terminou. Fez a primeira refeição e retomou à sala dos tormentos, — assim a considerava.

Ele recebeu-a com aquele mesmo sorriso com que a recebera no dia anterior, e deu-lhe outras cópias para serem feitas. Margarida obedeceu-lhe e começou o trabalho.

— Hoje, — disse ele — vou deixá-la mais à vontade! Tenho que voltar à capela para as confissões, mas, quando terminar, esteirei aqui e, à tarde, como já lhe disse, iremos aos meus aposentos pois quero ensinar-lhe o que deve fazer lá.

Margeirida nada respondeu e ele retirou-se. Ah, que alívio sentiu sem a sua presença! Não fossem as estranhas atitudes, o trabalho em si era muito agradável e ela gostava de realizá-lo.

Sozinha, logo cumpriu tudo o que ele determinara, e o realizou bem. Até a caligrafia ficou bonita. Ah, se todos os dias fossem assim, como estaria tranqüila, segura! Ao ter esses pensamentos, porém, lembrou-se de que, logo mais, teria que estar a sós com ele, num local desligado do corpo principal do convento, e temia.

Os aposentos dele compunham-se de um quarto, uma pequena saleta particular, um local para banhos e nada mais. Não poderiam estar dentro do próprio convento, pela condição de ser padre. Mais afastados, como era hábito, a sua tranqüilidade e a de todas as irmãs estaria preservada. Ele era o guardião de todas elas, o auxiliar que ali estava em nome de Deus, e tinha que ter o seu conforto, a sua vida privada, embora passasse quase todo o dia em atividade no convento.

Quando o dia terminou, Padre Cirino conduziu Margarida ao quarto dele. Ela ia receosa, encolhidinha e de cabeça baixa, como um animalzinho assustado. Ao entrarem, ele disse:

— Seja bem-vinda aos meus aposentos! Hoje, sendo a primeira vez que aqui vem, quero que esteja feliz e sem preocupação! Olhe para mim! Nada receie!...

Margarida continuava na mesma atitude e ele insistia:

— Trouxe-a para arrumar meus livros que estão fora de lugar! Veja esta estante, está quase vazia! — e, mostrando uma pequena mesa em sua saleta, falou-lhe: — Há livros sobre esta mesa, há livros pelo quarto! Eu sou desorganizado e preciso de sua ajuda...

Os livros não eram muitos, e pareceu a Margarida que haviam sido retirados da estante e espalhados propositadamente.

Obediente, ela começou a juntá-los e colocá-los nos lugares, e, quando arrumou os poucos espalhados pela saleta, ele disse que no quarto havia mais.

Dizendo isso, ele dirigiu-se ao quarto e sentou-se na cama. Ela seguiu-o meio receosa, procurando com os olhos onde havia mais livros para ser recolhidos.

— Veja! — disse-lhe ele — Aqui sobre a mesinha de cabeceira há alguns, venha apanhá-los!

Para chegar à mesinha e pegá-los, Margarida, vacilante e caminhando muito devagar, precisou passar por ele.

Quando colocava a mão nos livros, ele, ali bem pertinho, segurou-a com força, abraçou-a fortemente, e submeteu-a aos seus desejos. Ela gritava e se debatia, mas de nada adiantou. Passado algum tempo, Padre Cirino deixou-a, e ela, chorando em desespero, tão abalada estava que não tinha condições de sair. Ele dizia-lhe palavras de amor, tentando acariciá-la, mas ela o repelia.

— Não adianta repelir-me, Margarida! Agora você me pertence! Sempre que eu quiser, virá aqui arrumar os meus livros... Fiquei muito feliz hoje, e agradeço a Deus o ter me enviado a este convento para encontrá-la. Já percebeu que estou apaixonado por você, desde que a vi na cozinha, a primeira vez? Sua beleza me fascina e eu lhe quero muito!

— Eu não voltarei mais aqui! — respondeu-lhe, em lágrimas.

— Como não?!

— Contarei tudo à madre!

— Em seu lugar, nada diria! Ela não acreditará, e até poderá castigá-la por isso!

— Prefiro qualquer castigo a ter que me submeter ao senhor novamente!

— Não diga isso! Fique feliz que a amo! Quantas das suas companheiras gostariam de estar em seu lugar, mas foi você que escolhi!

— Contarei à madre agora mesmo! Quero ir embora!

Ela procurou recompor-se um pouco e saiu correndo. Tão assustada e nervosa estava, que entrou na sala da madre, sem ser anunciada e sem bater à porta.

— O que é isso, Margarida?! — perguntou-lhe energicamente. — Como entra aqui dessa maneira? Não sabe que deve bater e esperar ser atendida?

— Perdoe-me, mas estou fora de mim pelo que me aconteceu!

— O que lhe aconteceu?

Margarida, envergonhada e em poucas palavras, contou-lhe o sucedido. Ao terminar, ouviu da madre:

— Como ousa criar uma fantasia tão grande na sua imaginação?! O que aconteceu para inventar essa calúnia contra padre Cirino? Devia agradecer-lhe por ter intercedido a seu favor e tê-la tirado daquele serviço pesado!

— Prefiro voltar a ele, senhora! Quero voltar à cozinha!

— Quem é você aqui, para querer? Quem manda e decide somos nós, e se padre Cirino quis ajudá-la, continuará trabalhando com ele! Agora pode ir, e veja bem o que faz e o que feda! Não ouse repetir a ninguém o que veio me contar, porque a castigarei, se souber! Lembre-se do que

já lhe falei! Conquanto não acredite em nada do que me disse, padre Cirino aqui é o representante de Jesus e, como tal, faz o que quer, e temos que acatar-lhe a vontade.



Capítulo 21 SÚPLICA

Ah, pobre Margarida! A quanto renunciara em busca de um pouco de paz! Quanto lutara consigo mesma para manter a dignidade e honradez, e, de um momento para outro, num lugar que entendia, estaria amparada e resguardada, vira-se submetida àquela situação de humilhação e vergonha. Como continuar ali, tão conspurcada estava? Mas se abandonasse o convento e voltasse para casa, seria ainda muito pior! Não seria só ela a sofrer, mas toda a família! O príncipe Fernando, sabendo a causa de sua volta, talvez ainda se portasse pior que padre Cirino, em prejuízo de todos. Escolhera essa vida e teria que suportar tudo o que dela lhe adviesse. Orava muito, chorava quase em desespero, mas não tinha outra solução. Teria que sofrer sozinha e, ainda, calada...

No quarto, numa confusão de tantos pensamentos, sentindo-se humilhada, ultrajada em sua dignidade, Celeste entrou, encontrando-a em prantos. Por mais que insistisse para que ela contasse o que havia ocorrido, nada podia dizer. Se a madre se colocara a favor de padre Cirino, não tinha dúvidas de que a castigaria, aumentando-lhe o sofrimento.

Quando irmã Felícia chegou, encontrando-a em desespero, nada disse ou perguntou. Interpelada por Celeste para que fizesse alguma coisa por ela, apenas respondeu:

— Deixemo-la entregue a si mesma! Deve estar com saudades de casa. E normal que isso aconteça, às vezes.

— Após tantos meses? — perguntou Celeste, revelando preocupação.

— Sim, sempre é tempo de sentir saudades e hoje, talvez, tenha sido o seu dia. Deixe-a em paz!

Margarida passou o resto daquela tarde deitada e não se levantou nem para o jantar. Ali ficou prostrada, infeliz, e até uma certa revolta contra padre Cirino, sentia em seu íntimo.

Como o que não tem solução, por si só se desfaz ou se agrava, ela deveria deixar a vida transcorrer, e acatar as determinações da madre. Se ela não acreditou, ou quisera evitar problemas, falaria ela própria, rogaria, imploraria ao padre, no dia seguinte, que a dispensasse daquela função.

Naquela noite ela não dormiu um instante sequer. Ao levantar-se, pela manhã, tinha que fazê-lo e cumprir as obrigações, os olhos estavam vermelhos e inchados, a fisionomia triste e cansada... Caminhou como um autômato e foi à missa. No momento da comunhão, não se levantou do lugar, mesmo tendo sido chamada pela companheira do lado. Não tinha coragem de receber das mãos que a conspurcaram, a hóstia da redenção.

A madre estava presente e observava-a, vendo a sua desobediência que considerou como sendo a Deus. Ali nada fez, mas, no final, mandou-lhe dizer que fosse à sua sala, antes de começar o trabalho do dia.

A mesa do café quase nada se alimentou, e foi à sala da madre. Fez-se anunciar, e padre Cirino mesmo, lá se encontrando, recebeu-a à porta, mandando-a entrar.

A madre indagou-lhe daquela desobediência, mas Margarida, em frente ao padre, nada pôde dizer. E, mesmo que ele não estivesse, se falasse, seria castigada. Pediu desculpas pelo ato, disse estar se sentindo mal, e não suportaria caminhar para receber o santo sacramento. A madre dispensou-a para não aumentar a questão, Margarida saiu, seguida pelo padre, e dirigiu-se à sala onde deveria trabalhar. Sentou-se à mesa e ficou aguardando a sua determinação, de cabeça baixa, envergonhada, humilhada. Ele, como se nada de mal tivesse havido, falou-lhe:

— Vejo que hoje, seus olhos de que tanto gosto, estão cansados e vermelhos, o que houve?

Margarida não levantou a cabeça nem respondeu, e ele continuou:

— Não gosto de vê-la assim! Estou muito feliz e quero vê-la feliz também! Hoje é um dia muito especial para mim, e não quero ver ninguém triste! Gostei muito da arrumação que fez em meus livros e, daqui mais alguns dias, quando colocá-los em desordem outra vez, precisarei da sua ajuda. Penso até que vou lê-los bem depressa para recebê-la novamente...

Margarida, ouvindo estas palavras, nas quais percebeu um tom suave de ironia, levantou a cabeça, e, com os olhos súplices, rogou-lhe:

— Pelo amor de Deus, dispense-me deste serviço! Quero voltar para a cozinha, não posso mais ficar aqui!

— Como não pode?! Estou muito satisfeito com o seu trabalho e não quero vê-la sofrendo com um serviço tão pesado!

— Lá trabalhava muito, mas sentia-me feliz!

— Pois agora deveria sê-lo muito mais!...

— Pelo amor de Deus, rogo-lhe, deixe-me ir embora daqui!

— Experimente pedir à madre, e diga-lhe as razões por que quer mudar de trabalho! Quem sabe lhe atenderá!

— Dela nada conseguirei!

— Como sabe? Já lhe contou o que pretendia?

— Infelizmente ela o considera representante de Jesus, e não acredita no que o senhor faz!

— Esta é a verdade! Vim como representante de Jesus, na nossa Igreja, e com funções neste convento, portanto, faço o que quero e como quero! Dê-se por feliz que gostei de você e a reverencio com o meu amor e a minha proteção!

Margarida entendeu que nada mais adiantaria dizer e calou-se, abaixando novamente a cabeça. Logo após ele deu-lhe mais alguns papéis para copiar, dizendo-lhe:

— Hoje, como seus olhos estão tão vermelhos e inchados, talvez não consiga realizar bem o seu trabalho, mas, como sou compreensivo e condescendente, não tenho pressa da tarefa que lhe passei. Pode desenvolvê-la com vagar, para não errar!



Capítulo 22 TERRÍVEL CONSEQÜÊNCIA

Margarida cumpriu, com muita dificuldade, a sua tarefa do dia. No horário do almoço ficou recolhida em seu quarto e não se alimentou. Voltou após, submissa, para o término do trabalho do dia, e, quando se viu livre daquela presença tão repugnante aos seus olhos, retomou ao quarto e não saiu mais.

A noite, ardia em febre e, na manhã seguinte, não conseguiu sair do leito. Celeste percebeu que ela passava mal e avisou irmã Felícia, que lhe deu um chá bem quente, com algumas gotas de um medicamento, e deixou-a deitada. Margarida estava enfraquecida no físico e na vontade de viver. Tinha saudades de casa e da mãezinha tão querida e solícita, e sua solidão foi maior.

Após a missa, como não se apresentou para o trabalho, o padre, em pessoa, tendo sabido que ela se encontrava adoentada, humildemente pediu autorização à madre e foi visitá-la. Irmã Felícia estava presente, e ele viu que Margarida, desolada, ardia em febre. Recomendando à irmã que cuidasse bem dela com medicamentos, obrigando-a a alimentar-se, retirou-se, prometendo retomar no fim do dia.

Mais serena sem o seu trabalho, com o alimento que a obrigaram ingerir e os medicamentos ministrados, em três dias Margarida estava bem novamente, mas havia emagrecido; seu rosto estava pálido e seus olhos mais fundos.

Padre Cirino, durante esse período, visitava-a duas vezes ao dia. Sentia-se culpado, mas queria-a restabelecida, para não perder a sua presença em sua sala e mesmo em seus aposentos.

No quarto dia, já em pé, voltou à missa e às suas atividades. Novamente lhe implorou que a dispensasse, mas ele, dizendo o quanto sentira a sua falta, o quanto ela lhe era necessária, não poderia mais ficar sem a sua presença constante. Que ela se habituasse ao trabalho e à sua companhia, que se alimentasse bem para retomar ao vigor antigo, mas dispensá-la, não podia.

Margarida, tão sofrida, cada dia mais triste, não tinha ânimo para o trabalho nem vontade para alimentar-se. Assim mesmo, ele fê-la novamente ir a seu quarto, e ela, sabendo para o que camifitava, parecia um autômato sem sentimentos, mas teve que se submeter aos seus desejos, não só aquela vez mas algumas outras mais.

Seu físico foi ficando combalido e sua beleza afetada. O interesse que antes ela despertara em padre Cirino, já deixava de existir, e a sua presença começou a tomar-se-lhe incômoda. Numa das manhãs em que ela se apresentou para o trabalho, após um mês que o realizava, ele disse-lhe que, naquele dia, lhe daria uma notícia que a deixaria feliz. Contou-lhe que conversara com a madre, dizendo-lhe que o seu estado de saúde afetado não permitia mais que realizasse bem o trabalho, e desejava dispensá-la. Outra a substituiria nas mesmas atividades, e ela, que fosse até à madre superiora receber novas instruções.

Margarida, nem ânimo para sentir-se feliz, possuía! Nada mais lhe importava, tão transtornada ficara, mas saiu da sala e foi receber sua nova tarefa. Fez-se anunciar, e foi recebida depois que ela dispensou a jovem com quem conversava, sua companheira de noviciado, que percebeu, seria sua substituta junto ao padre Cirino. Era muito bonita e certamente havia sido escolhida por ele. Teve pena do destino que a aguardava, mas nada poderia dizer.

Quando ela entrou, foi repreendida por não ter se portado à altura das necessidades do trabalho de padre Cirino, e avisada de que, a partir de então, ela retomaria à cozinha, como havia lhe pedido há pouco tempo atrás.

Margarida ouviu as ordens e retirou-se, mas tão enfraquecida se encontrava, que não teria condições de realizar novamente serviço tão pesado, como já o fizera. Ela sabia que nada demoveria a madre, que não compreenderia suas necessidades de saúde, e nada respondeu. Teria que se apresentar à encarregada daquele setor imediatamente, e começar as atividades.

Os dias estavam passando e cada um mais difícil a Margarida. Recebia constantemente admoestações da encarregada, que ameaçou mandá-la falar com a madre, caso não se aprestasse mais, chegando, numa das vezes, a dizer-lhe:

— Gostaria muito de saber o que você aprontou com padre Cirino para ele ter lhe dispensado! Deve ter realizado mal o seu serviço, deve tê-lo desobedecido, e ele se cansou. Aqui é diferente, não vou mandá-la embora, mas posso castigá-la. Quanto pior realizar o seu trabalho, mais terá que trabalhar!

Certa vez em que recebia uma reprimenda, Margarida perdeu os sentidos, caindo ao chão. As companheiras que tinham pena e compreendiam o seu estado de saúde tão precário, acudiram-na. Quando retornou, fizeram-na tomar um chá quente, mas Margarida não tinha mais condições de continuar o trabalho. Pediu à chefe que a dispensasse naquele dia, e ela concordou, não sem antes lhe dizer umas imprecisões.

Ah, pobre Margarida, a sua saúde tão abalada, sua vontade tão nulificada, a sua tristeza tão grande, nada mais esperava da vida!... A paz e a tranqüilidade que tanto aguardava, nunca lhe chegaram. Ali não era o lugar que imaginara para o refúgio e a serenidade de seus sentimentos.

Sua saúde estava comprometida, e, quando irmã Felícia começou a cuidar dela, já mais velha e experiente, chegou a uma conclusão, trágica para Margarida — ela estava grávida!

Quando Margarida soube, se algum resto de ânimo ainda lhe restava, acabou de perdê-lo! O que seria de sua vida?



Capítulo 23 CONFINAMENTO

Ninguém perguntou nada, nem a acusou de nada! Irmã Felícia compreendeu logo, parecendo que já estavam habituadas a esse problema no convento, tal a naturalidade com que se portou. Deveria ser uma constante ali e foi comunicar à madre.

Ela, também, afeita a enfrentar tal situação, embora tivessem passado por um período de tranqüilidade com a presença do sacerdote que antecederia padre Cirino, sabia muito bem quais as providências a tomar. Estavam preparadas para isso, no convento, e disse a irmã Felícia: — Há tempos não enfrentávamos esse problema, mas temos que resolvê-lo como fazíamos antigamente! Transfira Margarida para onde já sabe, e que ela fique lá! Poderá ir vê-la, administrar-lhe os medicamentos de que necessita, mas que ela não se apresente a nenhuma das companheiras. Diga-lhes que ela foi se recuperar da saúde na casa dos pais, e voltará quando estiver restabelecida, compreendeu-me?

— Sim, madre, sei como proceder! Mais uma pergunta apenas! Lá, agora, não tem ninguém, como a deixaremos só?

— Designe uma de nossas irmãs para estar com ela, uma das mais velhas, para mais freqüentemente lhe fazer companhia e providenciar-lhe a alimentação que levará da cozinha. Elas já sabem como proceder. Veja bem quem vai escolher e depois me comunique! Faça a transferência hoje mesmo, num momento em que Celeste não estiver no quarto!

— Está bem, irmã!

Rapidamente irmã Felícia tomou as providências determinadas pela madre e, sem nada explicar a Margarida, num momento em que Celeste

estava ocupada em suas obrigações, convidou-a a levantar-se. Juntou apressadamente alguns de seus pertences, fez com eles um pacote e saíram. Margarida, tão indisposta, deixava-se levar, mas em caminho perguntou-lhe:

— Aonde me leva, irmã Felícia? Por que me tirou da cama? Sinto-me mal e não estou suportando andar!

Irmã Felícia, tendo deixado o convento por uma porta usada só em casos emergenciais como aquele, em que ninguém deveria ver o que sucedia, conduzia Margarida, fazendo-a caminhar rapidamente.

Mais afastado do corpo principal do convento, mas ainda dentro de seus domínios, numa parte isolada onde ninguém tinha acesso, a não ser aquelas mais velhas já habituadas a tal problema, existiam umas acomodações numa construção bem menor. Fora edificada quando tais situações começaram a ocorrer, e, com o passar do tempo, seu uso foi sendo uma constante entre as irmãs. Todas as mais velhas o conheciam, ou por já terem passado por lá em situações semelhantes, ou pela necessidade de ajudar companheiras.

As noviças, nem por sonho tinham que tal lugar existisse no convento. Era para lá que irmã Felícia levava Margarida, e, apesar da dificuldade, logo chegaram.

Há tempos aquelas acomodações estavam vazias... A última que lá estivera, fora há cerca de dois anos. Depois da chegada do sacerdote que antecedeu padre Cirino, o problema deixara de existir. Ele era consciente de suas obrigações eclesiásticas, fiel ao seu voto de castidade, e passaram, por isso, por um período de serenidade nesse particular.

No entanto, com padre Cirino, tudo voltava!... Margarida fora a primeira pelas próprias circunstâncias que se ofereceram, e pela beleza que o atraía. Agora ela seria a primeira a utilizar novamente aquele pequeno departamento, mas, com certeza, logo outras viriam. — Era o Departamento de Espera! Sim, era ali que as pobres moças, ultrajadas em sua honra, esperavam o nascimento do fruto do pecado.

Ninguém poderia saber, por isso eram afastadas imediatamente, quando o problema se confirmava.

Margarida foi conduzida a um pequeno quarto, que lá havia muitos. Estava todo sujo pela falta de uso, mas irmã Felícia rapidamente procedeu à limpeza mais urgente, vestiu a cama e colocou-a deitada.

— Que lugar é este? Por que me trouxe aqui?

— Neste lugar ficará mais tranqüila, ninguém a perturbará e você aguardará o nascimento de seu filho!

— Terei que ficar confinada até que ele nasça?

— É a regra daqui! Quando acontece o que aconteceu com você, é necessário o afastamento da convivência das outras, para que o escândalo não se faça e a ordem não se conturbe!

— Eu não tenho culpa de nada, irmã! Fui obrigada e tenho sofrido muito!

— Ninguém a está culpando! Fique serena!

— Vou ficar sozinha?

— Não! Eu virei vê-la sempre, mas logo trarei uma outra irmã que se instalará aqui, também, e lhe fará companhia.

— O que farei esse tempo todo? Não suportarei, irmã! Sinto-me enfraquecida, adoentada e sem ânimo! Eu não suportarei!... Não tenho mais vontade de nada! Até Deus, em quem colocava as minhas esperanças de paz, abandonou-me!...

— Não diga isso! Vou retirar-me agora, fique deitada, descanse e logo voltarei com a outra irmã! Depois procederemos a uma boa limpeza aqui, e tudo ficará melhor! Quando estiver mais fortalecida, você mesma cuidará disso!

Irmã Felícia afastou-se, e Margarida, tão desolada em seu leito, chorou muito. Parecia que seus olhos, outrora tão alegres, viçosos e brilhantes, agora só sabiam chorar...

Não sabe quanto tempo passou sozinha, quando viu a seu lado outra irmã que lhe falou docemente:

— Vim fazer-lhe companhia! Ficarei o tempo que necessitar. Logo estará melhor, acostumar-se-á a essa situação e não se sentirá tão infeliz. Quando melhorar, conversaremos bastante e o tempo passará! Trouxe alguns trabalhos manuais para realizar, e poderá aprender a fazê-los, se desejar. Ajudam a passar o tempo. Chamo-me irmã Cacilda, e você é Margarida, não?

— Sim, irmã! Agradeço a companhia que me fará, mas sinto que não será por muito tempo! Não sei até quando suportarei tanto sofrimento!

— Pense em seu filho!

— Não quero pensar nele, não posso, depois de tudo o que passei!

— Ele não tem culpa de nada! Descanse agora e, mais tarde, voltaremos a conversar! Tente ficar despreocupada, que logo mais vou buscar a sua refeição e os medicamentos.

— Para mim não precisa ir buscar nada! Não tenho vontade de alimentar-me!

— Mas é necessário, do contrário não resistirá! Não pense em nada e procure repousar! Amanhã estará bem melhor!



Capítulo 24 LIBERTAÇÃO

O Butra vida se iniciava para Margarida, não aquela Bcheia de expectativas, de paz, mas de tristezas e desilusões.

Quando perdemos a esperança e colocamos no coração a tristeza e o desânimo, é muito difícil nos sentirmos bem. Nada esperamos do futuro, e nada mais importa. Margarida fora maculada nos seus mais sagrados sentimentos, e, nessa mácula, nada lhe restava para um porvir melhor. Ao contrário, a cada manhã, após uma longa noite de vigília, o seu coração estava mais desalentado e o seu dia mais negro. Não lhe importava se era dia ou noite, nada lhe despertava o interesse. Ficava ali, prostrada, à espera... Mas,... à espera de quê, se perdera a esperança? Esperava que tudo se desvanecesse, que a vida se lhe reduzisse a nada... e, se outra houvesse, que partisse para essa, porque a que vivia, não lhe importava mais...

Margarida não se alimentava, e, com o passar dos dias, era mais difícil deixar o leito. Não o deixou nem uma vez, desde que fora transferida.

Irmã Cacilda tratava-a bem, tentava conversar para reanimá-la, narrou-lhe até, com a esperança de que se espelhasse nela, que, muitos anos atrás, vira-se envolvida na mesma situação, e ali passara muitos meses, aguardando o nascimento do filhinho. Contou-lhe que, após, retomou ao convívio das outras noviças, recebeu seu hábito definitivo e ali envelhecera. Nada se referiu ao filho que nascera, e Margarida, muita atenta, indagou:

— E seu filho, irmã, onde está?

— Sabe que não podemos ficar com a criança! Quando elas nascem, o que aqui ocorre com frequência, não nos permitem vê-la, para que nenhuma lembrança mais tema abriguemos no coração. Sem vê-la, é como se ela nunca houvesse existido, e nos habituamos logo.

— Para onde as levam?

— São levadas à cidade! As vezes a uma, às vezes a outra, e colocadas à porta de pessoas abastadas para se criarem bem, sem que nunca ninguém saiba que aqui nasceram.

— É muito triste irmã! Nunca imaginei que isso ocorresse dentro de um convento!

— Ninguém imagina!...

— Esperava encontrar aqui um pouco de paz e só encontrei tormentos!

— Reaja, Margarida! Passado este período difícil, encontrará a paz que almeja e voltará a ser feliz!

— Nunca mais voltarei a ser feliz! Já o fui muito, até determinado ponto em minha vida; após, tudo mudou e nada mais me interessa.

Aguardo apenas, agora, o momento de partir para sempre. Nada mais me importa!

Aqui, só senti desilusões, mágoas e tristezas...

Nada que irmã Cacilda lhe dissesse, nem se colocando como exemplo vivo dentro de uma história, demoveria Margarida de sua indiferença.

Os medicamentos dos quais ela não podia se furtar, eram-lhe ministrados, todavia, as refeições trazidas eram sempre recusadas. Ao cabo de um mês, ninguém a conhecia mais. Estava pálida, muito emagrecida, olhos encovados, aureolados por profundas olheiras roxas. Nem conversava mais. Não reagia a nada, a nenhum estímulo exterior. Voltara-se totalmente para dentro de si mesma, para suas mágoas, dores, decepções e desesperanças... Esperava apenas um momento — o de libertar-se de tudo! E essa libertação não se fez esperar muito tempo.

Numa noite, após ter estado completamente prostrada há alguns dias, irmã Cacilda percebeu que ela partira. Sua imobilidade foi total. Ela deixara o corpo tão macerado pelo sofrimento e partira... Deixara o convento, deixara tantas desilusões, e deixava, também, sem que tivesse tido condições de conhecer a luz do mundo, aquele corpinho que se formava dentro dela.

Como um corpo tão debilitado e sofrido teria condições de dar a vida a outro, quando a sua própria lhe fugia?

Assim Margarida partiu, e o crime de padre Cirino ficou impune. Ele continuaria cometendo os mesmos desatinos que a sua juventude desvairada cometera, esquecido dos compromissos assumidos para o desempenho da missão de sacerdote. Apenas ele não sabia, apesar de trabalhar para sua Igreja, para Deus, como proclamava, os compromissos intensos que assumia diante desse mesmo Deus que, por intermédio da sua pessoa, distribuía o perdão àqueles que com ele se confessavam.

Mas deixemos padre Cirino entregue aos seus compromissos, que serão somente seus, e vamos em busca daquele Espírito liberto — Margarida!



Capítulo 25 EM VISITA

O ■desligamento do Espírito, do corpo tão Hfragilizado, não foi difícil. O anseio de libertação, já promovia, por si só, o desprendimento, e o momento supremo foi sereno, por isso fugiu até à percepção de irmã Cacilda.

Todavia, aquele que abrigava esses anseios de liberdade, o que faria, possuindo-a plenamente?

O estado de torpor comum aos Espíritos pelo choque da mudança de planos, em Margarida foi muito curto. Ela, aos poucos, pelos desgostos, pelo sofrimento e pela falta de vontade de viver, transmitia ao Espírito a sensação de desligamento, e, quando o ato se consumou, não permaneceu inconsciente por muito tempo.

Margarida não levava da Terra, compromissos. Pelo contrário, levava louros pelo sacrifício que fizera para não perturbar a felicidade da irmã, e por toda a humilhação e sofrimento tão intensos que suportara no convento, calada, submissa...

Agora estava livre! Ficou ali mesmo naquele quarto por algum tempo, o suficiente para recobrar a lucidez e a liberdade que almejava. Quando deu acordo de si, não mais sofria, não mais estava debilitada e percebeu a realidade. — Deixara aquele corpo macerado e ainda vivia! Como vivia tão livre, e novamente com a mesma beleza que havia sido tão maltratada?

A leveza que sentia, a alegria no coração, só lhe trouxeram a confirmação do que imaginava. — Seu corpo não estava mais naquele quarto! Percebeu que outra jovem, desconhecida para ela, o ocupava, e a lucidez completa voltou-lhe. — Era outra vítima de padre Cirino!...

Procurou movimentar-se e não sentiu nenhuma barreira. Ouviu uma voz muito doce que lhe disse:

— Você pode, Margarida! Está livre para os seus desejos! Vá, ande, corra, voe para onde desejar! Tente, saia deste ambiente que a fez sofrer tanto! Vamos, eu a acompanho, eu a conduzirei!

Margarida olhou para os lados e percebeu um ser diáfano que a olhava com serenidade e ternura, estendendo-lhe as mãos. Ela não hesitou. Nada tinha a temer e, num instante, arremessou-se fora dali.

A Natureza, ao redor do convento, era muito bela, e nela abrigaram-se por alguns instantes. Respirou fundo, sentiu toda a liberdade que desejava e que a envolvia, e considerou-se feliz!... Sim, após tanto tempo, que ainda não sabia precisar quanto, desde que deixara o seu lar, era feliz.

Recordou-se dos familiares, de seus pais queridos, de Mafalda, e até do príncipe, mas de modo muito diferente de quando deixara o palácio.

Aquele ser estranho, mas tão belo e angelical ainda a acompanhava e, percebendo os seus pensamentos, disse- lhe:

— Sei o que deseja e far-lhe-ei a vontade!

— Leva-me junto dos meus?

— Sim, levá-la-ei aos seus, poderá revê-los e depois me acompanhará ao lugar que lhe está reservado.

— Aonde me leva, depois?

— Vamos primeiro visitar os seus, depois a levarei comigo ao lugar a que fez jus diante de Deus, pela forma como soube portar-se durante sua vida na Terra, e pelo muito que sofreu, sempre submissa e resignada. Vamos!

Margarida sentia-se ansiosa. Em poucos minutos voltara ao local que a distanciava do convento muitas horas, numa viagem difícil e cansativa, como fizera quando fora. Antes de entrar, quis examinar toda aquela região que amava, cuja Natureza fora privilegiada por Deus.

Após alguns instantes, entraram. Ah, o seu lar, os lugares por onde corra tanto em criança, o salão onde tantas festas fizeram a sua alegria, mas não via ninguém...

— Onde se encontram todos? — perguntou. — Onde estão papai e mamãe?

— Logo os verá! Eles estão num aposento nunca antes ocupado no palácio. Um novo habitante aqui chegou e agora faz parte da família, devolvendo a todos a alegria que haviam perdido pela sua partida.

— Vamos, então, quero ver!

Adentrando um quarto, ela encontrou o rei, seu pai, e a rainha, sua mãe, ao redor de um lindo bercinho cor- de-rosa.

— Quem é esta criança?

— Olhe bem que saberá!

— É filho de Mafalda?

— Sim, é uma linda menina a quem deram o nome de Margarida, para que preenchesse o vazio que você deixou!

— Margarida!... Margarida!... — exclamou algumas vezes. — Eles já sabem que não estou mais no mesmo mundo que eles?

— Ainda não, e quando receberem a notícia, entristecer-se-ão, mas a outra Margarida — essa que aí está - lhes trará o sorriso que deixaram de ver em seus lábios e a alegria que perderam pela sua partida.

— E Mafalda e o príncipe, onde estão?

— Precisaram afastar-se do palácio! O príncipe tinha uma missão no reino do pai, e deixaram a pequena. Mafalda precisou acompanhá-lo, mas foi tranqüila, sabendo que a sua Margarida estaria bem com a rainha! Seus pais não fazem outra coisa agora, senão adorarem o bebê!

— Quando nasceu? Parece-me que já tem alguns meses!

— Sim, apenas três, mas é forte e bela!

— Como está a vida entre Mafalda e o príncipe?

— Está bem! Não devemos nos reportar a esse assunto agora.

— Então há algo errado!

— Deixemos esse assunto!

— Gostaria tanto de ficar uns tempos aqui! Conceda- me um período para permanecer entre eles. Quero recordar lugares, quero rever meu quarto, senti-lo novamente. Quero conviver um pouco com meus pais, e quero ver Mafalda. Deixe-me ficar! Depois, prometo, serei a mais humilde serva e obedecerei.

— Está bem! E importante que aqui passe um tempo, mas eu não poderei permanecer! Se precisar de mim, chame-me pelo pensamento que virei atendê-la!

— Como chamá-la?

— Ore a Deus e peça-Lhe, permita que um espírito bom venha em seu auxílio! Se eu não puder, outro virá!

— Está bem! Feirei como me pede!

— Se nunca me chamar, virei buscá-la quando sentirmos que já permaneceu o suficiente!

A entidade que acompanhava Margarida, e que a recepcionara no momento em que deveria deixar aquele local que lhe fora de tanto

sofrimento, após as instruções, também se retirou.

Margarida estava liberta, e em seu lar. Faria o que desejasse. Estaria junto de seus entes queridos, visitaria todos os recantos do palácio e do jardim que amava tanto e, após, satisfeita, feliz e tranqüila, solicitaria a presença daquele anjo bom e partiria de vez.

Assim pensava, assim esperava, e começou logo a visita às dependências do palácio.

Seu quarto ainda estava como havia deixado. Até suas roupas permaneciam todas no armário. Quando as viu, lamentou, pensando que alguém poderia estar se utilizando delas, e, no entanto, ainda ali continuavam, estragando-se.

Inspiraria a mãe para distribuí-las às jovens da corte, que ficariam felizes em recebê-las. Até o último livro que levava da biblioteca para ler no quarto, naqueles dias em que se recolhera, aguardando a resposta do convento, ainda lá permanecia.

O quarto estava bem cuidado, muito limpo, mas nada fora retirado do lugar. — Logo, — pensava — tudo aqui estará diferente! Farei com que mamãe o desfaça completamente! Quando receber a notícia da minha partida, talvez seja mais fácil, porque nenhuma esperança mais restará de uma possível volta.

Saindo do quarto, foi à biblioteca. Sentou-se no lugar onde estava habituada, para as suas leituras, e relembrou momentos tão felizes, até aquele em que ela e Mafalda propuseram o ardil para ficarem a sós com o príncipe. Ah, quantas coisas haviam mudado, mas ela, agora, sentia-se serena e feliz.

Continuou sua visita, despreocupada, e percebeu que os pais ainda não haviam saído de junto do bebê, e lá retomou. Aproximou-se deles, abraçou-os intensamente, provocando-lhes a lembrança de sua pessoa, e ouviu quando a mãe se lamentou:

— Por que Margarida nunca nos escreveu? Enviamos-lhe tantas cartas, o mensageiro levou-as em mãos, mas nenhuma resposta recebemos.

— Deve estar feliz e não deseja mais nenhuma ligação conosco para não ter recordações tristes! — considerou o rei

— Ah! — pensava Margarida — Até a nossa correspondência foi interceptada lá! Por isso também nunca tive notícias de ninguém daqui!

Entretanto, a conversa entre ambos continuava e o pai perguntou:

— Lembra-se de quando a pequena Margarida nasceu, nós mandamos lhe contar! Foi a última vez que enviamos o mensageiro, e ele voltou trazendo apenas a notícia de que ela estava bem, e nada mais!...

— Queríamos que ela soubesse não só do nascimento, mas da homenagem do nome, levando-lhe um pouco de alegria e a certeza de que não a havíamos esquecido, e nenhuma resposta tivemos.

Pelas contas de Margarida, ao ouvir esse comentário, há três meses atrás ela deveria estar em grande sofrimento, enclausurada, à espera... — para as irmãs, do bebê que nasceria, mas para ela, da libertação! — E a notícia de sua partida, seria enviada aos pais? — perguntava-se.



Capítulo 26 DESCOBERTAS

Ouvindo conversas, penetrando em ambientes sem ser percebida, provocando lembranças quando se aproximava mais, dois dias se passaram. No terceiro, quando estava fazendo um passeio pelo belo jardim, entrando em contato com aquela Natureza resplendente de beleza, percebeu que uma carruagem passara pelos portões e parara defronte da entrada principal do palácio. — Era Mafalda e o príncipe que voltavam

Mafalda estava ainda muito bonita e o príncipe também mais belo, porém, com uma fisionomia austera. Pareceu a Margarida que ele havia perdido aquele requinte com que as mimoseava, e agora deixava transparecer o seu verdadeiro íntimo, sem mais necessidade de ser galante.

A bagagem foi descarregada e levada para dentro pelos criados, acompanhados por Fernando e Mafalda.

Margarida interrompeu o passeio e entrou também. Tinha muita vontade de dar um grande abraço na irmã, e o faria. Sim o faria, na primeira oportunidade.

Mafalda foi direto aos aposentos da filhinha e lá encontrou os pais. Margarida aproximou-se e, enquanto ela, depois de cumprimentar o pai, olhava a filhinha dormindo, abraçou-a intensamente, transmitindo-lhe a sensação de saudade que ela própria sentia.

— Não sei o que aconteceu, mas ao olhar para a minha filha, lembrei-me da nossa Margarida, com uma grande saudade! — disse Mafalda, aos pais.

— Nos últimos dias, também nós, filha, temos nos lembrado muito dela! — disse-lhe a mãe. — Será que ela não está bem e se lembra de nós?

— Não devemos pensar assim! Ela está na vida que escolheu e deve sentir-se feliz. Não nos preocupemos! Chega já, que tive que colocar o seu nome no meu bebê.

— E um nome tão bonito, filha!

— Eu sei que é bonito, mas não queria ter em minha filha o nome dela, a senhora sabe por quê!

— Esqueça-se de tudo isso, filha! Viva a sua vida e procure ser feliz, como o foi quando o príncipe a escolheu, lembra-se?

— Não convém mesmo voltarmos a este assunto, agora!...

Depois de ter acompanhado os criados que levavam a bagagem, o príncipe também veio ao encontro de todos, e, indo diretamente ao berço da filhinha, exclamou:

— Como está a minha querida Margarida? Estava já muito saudoso!

Sem observar se ela dormia ou não, levantou-a nos braços e aconchegou-a em seu peito.

Mafalda, que desejara ter feito o mesmo, mas respeitara o seu sono, falou-lhe energicamente:

— Não devia ter feito isso! Você viu que ela dormia e atrapalhou o seu sono!

Com o movimento da retirada do berço e as palavras ásperas de Mafalda, a pequena começou a chorar. Ela tentava tirá-la dos braços do pai para embalá-la, mas ele a segurava firmemente dizendo:

— Deixe-a comigo mais um pouco! Estava com saudades!

— Dê-ma, Fernando! Não vamos começar uma briga, mal chegamos! — insistia Mafalda.

Margarida, quietinha em seu canto, assistia a essa cena, conjecturando: — Então eles costumam brigar? — Pelas palavras da irmã, as brigas deveriam ser habituais.

Vendo aquela situação constrangedora, o rei fez sinal a rainha para se retirarem e Margarida acompanhou-os.

Fora do quarto, o rei manifestou-se:

— Não sei o que há entre ambos! Não ficam muito tempo juntos sem brigar. Tudo é motivo para que uma altercação comece, e parece que Mafalda está sempre pronta a lhe arremeter reprimendas!

— Você sabe por quê! — lembrou-lhe a rainha.

— Mas ela partiu! Foi embora justamente para deixá-los felizes! Será que o sacrifício da nossa Margarida de nada adiantou?

— Tudo piorou quando ele insistiu em colocar na filha, o nome dela! Mafalda não o perdoa por isso.

Margarida acompanhava essa conversa e entristeceu-se. Ausente há mais de um ano, tendo se afastado logo após o casamento, justamente para não interferir, como podia estar sendo motivo de problemas entre eles? Teria, Mafalda, ciúme dela? Por que isso acontecia? Enquanto pensava e fazia indagações, os pais continuavam:

— Eu gostei de termos novamente uma Margarida entre nós! Sinto-me como na época em que a nossa nasceu, — expressou-se o rei — e revejo, na nossa neta, a filha querida de quem estou muito saudoso, muito mais ainda nestes dias...

— Talvez tenha sido a permanência maior junto da pequena, pela ausência dos pais!

— Deve ter sido isso! Mas Mafalda devia ser mais compreensiva! Ela é a esposa, foi a escolhida! Se o príncipe a escolheu é porque a preferiu!...

— Mafalda imagina que ele amava Margarida e a escolheu por alguma outra razão.

— Se assim pensou, deveria tê-lo recusado! — ponderou o rei.

— Mas ela percebeu só depois que a nossa Margarida foi embora, você sabe disso. Lembra-se do motivo principal que a afastou daqui? Ela estava certa, Fernando não lhe mentira — ele a amou mesmo, apenas não a escolheu porque deve estar imaginando alguma vantagem no seu casamento com Mafalda.

— Margarida mesma já havia nos advertido disso e tenho estado atento! Até agora nada percebi, a não ser que ainda nada tenha feito e apenas arquiteta. Preciso saber exatamente o que ele foi fazer junto do pai!

— Foi apenas uma visita! Antes da pequena nascer, Mafalda não podia viajar, depois, enquanto era muito novinha, também não deveria deixá-la. Agora era o momento certo! Você sabe que Mafalda não o deixaria ir só!

— Espero que tenha sido só isso!

— Fique atento, mas não crie fantasmas para não sofrer!

— Na verdade, à maneira deles, têm sido felizes!

— Mafalda não perdoou o estado em que ele ficou quando Margarida partiu! Revelou claramente que a amava e estava sentindo a sua falta. Foi só aí que ela percebeu! Se assim não fosse, teria encarado a sua partida com naturalidade. Depois, com a espera do filho, a convivência entre ambos melhorou,... mas,... quando chegou o nascimento, a insistência dele em colocar o nome de Margarida, ao ver que era uma menina, fez reviver tudo outra vez, e Mafalda sentiu-se muito magoada.

— E, ele não deve tê-la esquecido, se realmente a amava!

— Você percebeu que ele nem se importou por não ter nascido um homenzinho? Era natural que quisesse um filho homem, como todos, principalmente nós, que vivemos da sucessão de tronos!

— Ele transferiu para a filha, toda a afeição que sentia pela nossa Margarida!

— Ah, meu querido, o quanto a nossa Margarida teria sido feliz com ele!

— Se o que aparenta sentir, é verdade, ele também teria sido mais feliz, e Mafalda saberia enfrentar melhor a recusa!

— Por isso imaginamos que ele deva ter algum plano arquitetado!

— Aguardemos, mas estou atento!...

Margarida estava surpresa por tudo o que ouvia.

Nunca imaginara que, no palácio, estivesse ocorrendo uma tal situação. Teria que fazer alguma coisa para ajudá-los. Se já uma vez partira para não interferir na felicidade de ambos, agora voltava, e se esforçaria para promover essa mesma felicidade que, pelo que ouvira, estava muito abalada. Se a sua pessoa tinha sido a causa de desacertos entre o casal, lutaria, mas os uniria outra vez. Não sabia como fazê-lo, livre do corpo, mas pediria ajuda àquele anjo bom que a trouxera, e alguma coisa faria. Queria-os unidos, muito mais que antes. Queria o príncipe amando sua irmã, para a felicidade de todos. Se ele a escolhera, algum sentimento, além do interesse, deve tê-lo impelido também. Faria com que esse sentimento revivesse e, quem sabe, se transformasse em amor.

Diante desse seu desejo, qual a medida a tomar? Rogar imediatamente a ajuda daquela entidade angélica que se colocara à disposição para qualquer auxílio, ou observar ainda mais?

Se a chamasse imediatamente, poderia, com seu auxílio, resolver um problema, mas deixar outros dos quais ainda não tivesse tomado conhecimento. Assim, decidiu que seria mais eficiente se observasse um pouco mais...

O príncipe havia voltado de uma viagem ao seu reino de origem, e, se estavam atentos às suas atitudes, ela precisaria ajudar também o pai, se alguma cilada se lhe preparava.

Apesar do que havia ouvido quanto ao amor do príncipe, ou em razão mesmo desse amor, não confiava nele. Se ele tivesse agido, seguindo a voz do coração, como prometera, tê-la-ia escolhido, e comprovado ficou que a amara. Se não o fez, é porque abrigava, não no coração, mas na mente, outros planos. Precisava ouvir mais, estar mais atenta ainda que o próprio pai. Ela penetraria ambientes aos quais o pai muitas vezes não teria acesso, e, mesmo que tivesse, seria visto... Teria condições até, se atentasse agudamente em seus momentos de introspecção, de captar-lhe alguns de seus pensamentos. Ainda não tinha essa capacidade, mas se esforçaria para adquiri-la. Aplicar-se-ia nela com muito empenho e seria capaz, senão de captar seus pensamentos completos, pelo menos de partes importantes.

Diante dessas reflexões, resolveu que ainda não era o momento de pedir ajuda. Observaria primeiro, levantaria todas as necessidades, e depois sim, apelaria para aquele anjo que se fizera seu protetor, e juntos poderiam conseguir um pouco mais de tranqüilidade para seus familiares.



Capítulo 27 A NOTÍCIA

Na tarde do dia seguinte, juntamente com a Mcorrespondência que chegava, às vezes, para o rei, uma carta destacou-se entre as demais.

Quando ele percebeu que trazia o lacre do convento, chamou logo a rainha antes de abri-la.

— Querida, deve ser de Margarida! E a primeira que recebemos!

— Abra-a, logo!

— Sim, eu o farei! Estou ansioso para receber notícias da nossa filha. Deve ser a comunicação do recebimento de seu hábito definitivo!

— Vamos, abra-a!

O rei abriu-a e, à medida que lia, a rainha foi percebendo a desolação tomar conta de seu semblante. E, antes mesmo de terminar, recostou a cabeça no espaldar da cadeira, como que se alheando do ambiente, e deixou cair os braços, segurando ainda a carta. A rainha, vendo a sua atitude, exclamou preocupada:

— O que foi, querido? O que aconteceu?

Enquanto perguntava, ela própria, abaixando-se, tirou-lhe a carta das mãos e leu — poucas palavras, quase nenhuma! Nenhuma explicação mais detalhada, apenas o suficiente para dizer-lhes que, enfermidade atroz havia invadido o corpo de Margarida, e ela não conseguira vencer, tendo voltado ao reino de Jesus. — Esta era a comunicação!

A rainha ficou lívida, o coração confrangido, e começou a chorar, bradando:

— Perdemos para sempre a nossa Margarida! Nenhuma esperança mais de que ela retome... Por isso lembramos tanto dela nestes últimos dias. Era o aviso de sua partida!

Margarida, presente a tudo, apenas se interessou pela mensagem para saber o que o convento alegara para a sua partida. De resto, nada mais importava. Sentia-se muito mais feliz. Estava bem, estava liberta!... Achevou-se à mãe e ao pai, e, acariciando-lhes os cabelos, dizia-lhes: — Estou viva! Estou feliz! Não chorem por mim! Eu estou aqui com vocês! Alegrem-se, pois, que também trago alegria em mim!

Tanto falou, tanto os confortou que eles foram ficando mais alentados, mais fortificados.

A seguir a rainha, com a carta na mão, comunicou ao rei que a levaria à Mafalda. Ela precisava saber.

Chegando aos seus aposentos, onde ela se encontrava recolhida com o marido, bateu à porta. O príncipe atendeu-a, convidando-a a entrar.

— Quero lhe falar, Mafalda! Olhe o que recebemos há poucos instantes! É do convento!

— Carta de Margarida? — perguntou. — Ela nunca nos escreveu, por que o fez agora?

— Leia!

Mais atento que a própria Mafalda, o príncipe ouvia sem nada dizer, conquanto ansioso para ter aquela carta em suas mãos.

Quando ela acabou a leitura, exclamou apenas:

— Pobre Margarida!

O príncipe, curioso, perguntou o que havia acontecido, e Mafalda entregou-lhe a carta, dizendo:

— Não adianta mais esperar por ela! Nunca mais voltará...

A rainha, percebendo as intenções de suas palavras, advertiu-a:

— Não fale assim! Respeite o momento de tanta tristeza que trazemos no coração.

O príncipe, ao tomar conhecimento, ficou lívido. Não pronunciou uma única palavra, nada deveria dizer. Os seus sentimentos, guardaria somente para si.

Margarida, presente a toda essa cena, assistiu à reação de ambos, e até sentiu, na irmã, apesar de saber que gostava dela, um certo alívio. Sempre temera a sua volta, mas aquela carta demonstrava que a sua partida tinha sido definitiva.

A rainha, com toda a dor do seu coração, retirou-se dos aposentos do casal, mas Margarida entendeu que ainda deveria permanecer mais um pouco.

Mafalda sempre fora mais decidida, mais racional, e aceitara bem a partida da irmã. Sentira, era evidente, pelo amor que lhe dedicara, mas o seu afastamento da família,

os sentimentos que percebera no marido, mudaram um pouco aquela amizade tão bonita que as unira.

Quando a rainha se retirou, Mafalda, desapontada pelo silêncio do marido, indagou:

— Não fala nada, Fernando? Agora pode dizer, mamãe não está mais aqui! Fale o que vai no seu coração!

— Não vá me atormentar outra vez com seus ciúmes sem razão! Sempre gostei de Margarida como sua irmã, e lamento que a morte a tenha levado tão jovem ainda.

— Você sabe que não é só isso! Pode abrir o seu coração, agora nada mais receio! Diga-me, Fernando, por que me escolheu naquela ocasião?

— Novamente a mesma pergunta! Desde aquela noite do baile em que tomei a minha decisão, quantas vezes já me fez essa pergunta? Que hoje seja a última! Não agüento mais ouvi-la!

— E só responder que não perguntarei mais!

— Não tenho nenhuma resposta a dar, e não crie problemas entre nós! Encerremos de vez este assunto! Sinto muito a morte de Margarida, como sentiria a de seu pai ou de sua mãe. Mas, de certo modo, fico satisfeito, porque, pelo menos, não irá me atormentar mais.

Margarida achou que havia ouvido o suficiente, mas entendeu, também, que o príncipe não estava dizendo a verdade. Percebeu um confrangimento no seu coração e até que, em rápidos momentos, ele retomara ao tempo em que conviveram. Recordou a sua companhia, e viu-o tendo-a nos braços quando dançaram... Todavia, nada mais importava! A sua situação era outra, e seus sentimentos atuais nada mais tinham com os daquele tempo. Ainda não confiava nele, e compreendeu que ele evitava problemas com a esposa, para não atrapalhar a execução dos planos que deveria ter em mente.

Nisto tudo, apenas um detalhe a deixou feliz — o momento em que, perscrutando o coração de Fernando, conseguiu perceber nele a sua imagem, refletida também na mente dele, dando-lhe a certeza, não de seu amor, que esse não importava mais, mas da capacidade que agora ela possuía de chegar ao pensamento dele e captá-lo. Era o que desejava, para mais efetivamente realizar o seu trabalho em relação aos familiares.

Quando partisse, queria ter assegurada a união mais profunda de Mafalda com o marido, e a segurança do reino do pai, sem que nenhuma ação menos digna do príncipe viesse alijá-lo do trono. Certamente ele seria seu, como marido da única herdeira, mas que nada se antecipasse por ações escusas, muito menos de alguém que se infiltrara em sua casa trazendo tais intenções.

Aplicar-se-ia muito nesse trabalho e deixaria a família feliz. Só assim conseguiria partir para seguir os novos rumos que lhe estavam reservados, como Espírito liberto que o era.

A rainha, deixando a filha e o príncipe, foi unir-se ao marido na grande dor que os envolvia. Margarida, após, reuniu-se a eles e, abraçando-

os, transmitiu-lhes palavras de muito conforto, proporcionando-lhes alívio e bem-estar.

A notícia espalhou-se por todo o palácio, e não se comentava outra coisa. Alguns dias foram necessários para que se asserenassem, embora o coração dos pais estivesse ainda muito triste.

Nada podiam fazer, e a vida em palácio continuava seus rumos, as atividades se desenvolviam, e a pequena Magarida era a alegria e a ocupação de todos, suavizando a ausência definitiva da outra que lhe dera o nome.



Capítulo 28 PROPÓSITOS

MMargarida observava, e os primeiros dias de Hconsternação mais intensa foram se acalmando, embora percebesse que, sem tocarem em seu nome, ela estava presente, em muitos instantes, na mente de todos os familiares. Surpreendia-os trazendo para a memória, momentos de convivência tema e agradável, e entemecia-se também com lembranças que já estavam até esquecidas...

Ela procurava estar junto da irmã e do príncipe, com pequenas sugestões na mente dele, a fim de que atentasse em muitas das qualidades da esposa, e a esquecesse. Mas, quando estava conseguindo mudar nele algum conceito, pela reflexão dirigida que ela própria efetuava, Mafalda estragava o momento com perguntas inconvenientes:

— Por que está tão calado? Pensa nela? Não adianta mais, ela não voltará!

Ele apenas a observava e nada respondia, evitando discussões.

Margarida não desistia. Trabalhava também a mente de Mafalda, para alguma qualidade que percebia no príncipe, alguma atitude mais delicada que lhe demonstrava, para que entendesse que ela estava esquecida. Dizia-lhe até que não agisse como vinha fazendo, que ela própria estava alimentando nele a lembrança de Margarida. Que se alegrasse por ter sido a escolhida, pela convivência que tinham, pela filhinha tão linda...

Aos poucos o seu trabalho foi se intensificando, no esforço de uni-los. Na realidade, como Mafalda afirmara, Margarida surpreendia-o repetidas vezes acalentando sua imagem, mas procurava, nesses momentos, desviar-lhe o pensamento. Estava conseguindo muito pouco, mas é do pouco que se chega ao muito.

Quase um mês depois que a notícia de sua partida havia chegado, numa noite em que todos repousavam, ela recebeu a visita daquela entidade angélica que a trouxera. Ficou feliz ao vê-la, mas, ao mesmo tempo, sabia o que a trazia.

—Penso que consegui conviver com os seus o suficiente para alegrar o seu coração, e agora é hora de partir. Vim buscá-la!

—Alegro-me da sua visita, e sinto-me feliz por essa convivência que me foi permitida. Pude abraçar meus pais, minha irmã, e até já percebo o que vai na mente de cada um!

—E uma faculdade que possuímos, quando libertos do corpo!

—Pois bem, pelo perceber da mente e do coração, pelos sentimentos que encontrei, pelas conversas que ouvi, tenho um pedido a lhe fazer!

— Já sei o que pretende, mas não é possível conceder- lhe!

— Como poderei partir, deixando situações tão incertas, sentimentos tão confusos?

— Não cabe a você! Cada um é responsável pelos pensamentos que formula, pelas ações que pratica!

— Compreendo, mas é meu dever ajudá-los! Como partir na paz que tanto desejei, sabendo que aqui, entre os meus, há problemas? Como partir tranqüila, quando receio que alguma cilada se prepara contra o trono de meu pai?

— E o que pretende com o que expõe?

—Pedir-lhe permissão para continuar por mais um tempo, e pedir também que me dispense a sua ajuda mais efetiva, para solucionar problemas que se avizinham. Entre Mafalda e o príncipe, eu própria espero resolvê-los e tenho trabalhado muito, mas não consegui saber o que ele pretende quanto ao trono de meu pai. Por isso preciso de alguém mais que esteja comigo, na realização deste trabalho. Ao invés de levar-me, fique comigo e ajude-mer

—Recebi ordens para levá-la, mas compreendo os seus receios e louvo a sua vontade de ajudar. Ninguém pode negar um pedido para uma finalidade nobre como a sua. Eu não posso permanecer, que tenho meus compromissos, mas enviar-lhe-ei alguém que lhe fará companhia e a ajudará no que pretende. Cuide de realizar o trabalho o mais rápido possível, para partir para o local que lhe está reservado, bem como para as tarefas que a esperam!

—Agradeço-lhe muito, e esforçar-me-ei para realizá-lo no mais curto espaço de tempo possível, embora não possa precisar o que ocorrerá quanto aos anseios do príncipe, nem quanto tempo levará!

— Constantemente estarei em contato com você, e ficarei a par do que se realiza e do que consegui. Fique com Deus e com o amparo que Ele puder lhe dispensar, na tarefa que vem executando em favor dos seus, e no que pretende ainda realizar!

— Obrigada, muito obrigada!

Quando terminou estas últimas palavras, não a viu mais... Havia partido como num passe de mágica, e, como num passe de mágica, percebeu que outra entidade estava junto dela.

— Venho ajudá-la na empresa a que se propõe, e fui recomendado que a instrua em muitos dos pontos que ainda lhe são vedados, a fim de que, o mais rápido possível, possamos retomar. Ficarei em sua companhia até você conseguir o que pretende, e depois partiremos para as nossas verdadeiras finalidades!



Capítulo 29 PERSCRUTANDO

Margarida recebeu aquela entidade que chegava, com muita alegria. Sabia que não estaria só e que conseguiria, com a sua ajuda, perscrutar recônditos profundos e ocultos que o príncipe abrigava no íntimo e, juntos, protegeriam seu pai do que se preparava.

E se fossem receios infundados? Se assim fosse, também perceberiam. Um exame bem acurado da situação, lhes daria a certeza do que queriam.

Margarida expôs as suas desconfianças, e, em companhia do outro ser que chegava, — uma entidade quase da mesma elevação da anterior

— realizaria, com bastante eficiência, o que pretendia.

— Chama-se Margarida, não?

— Sim, esse foi o nome que recebi de meus pais!

— Pois é necessário que também me chame por um nome, que facilitará o nosso entendimento!

— E como devo chamá-lo, irmão?

— Quando necessitar, quando quiser se dirigir a mim, chame-me Aquilino. Se quiser começar agora mesmo os seus intentos, poderemos!

— Como, se todos dormem?

— Justamente por isso! Quando o Espírito se desprende do corpo, pelo sono, passa a ser ativo; procura exatamente o que deseja, e que não pode fazer claramente enquanto desperto!

— O que faremos, então?

— Vamos em busca do Espírito do príncipe e acompanhá-lo. Talvez não consigamos nada, mas pode ser que descubramos algo! Primeiro vamos aos seus aposentos ver o que se passa e, seguindo o fio que o liga ao corpo, estaremos junto dele em instantes.

— A sua ajuda ser-me-á de grande valia! Há procedimentos que ainda não consigo realizar!

Em pouco tempo, estavam ao lado do príncipe, mas perceberam que ele não dormia. Estava desperto e pensando.

— Ele não dorme, não tem importância! É no silêncio da noite, quando despertos, que os planos são arquitetados, os desejos acalentados e poderemos perscrutar.

Percebendo que Mafalda dormia profundamente, eles atentaram para as imagens mentais que o príncipe construía e as ia conduzindo.

Viram-no rememorando uma conversa com outra pessoa, um homem mais idoso, num lugar diferente, e, observando melhor, ouviram-no até chamá-lo de pai.

— Fique atenta, Margarida! Está percebendo as imagens que se criam em sua mente?

— Sim, percebo que ele conversa com o pai! Atentemos para nada perder!

" — Pois é assim mesmo que lhe digo, papai! Lá não haverá dificuldade! Qualquer uma das duas me atrai, mas gostei muito mais da mais jovem; casar-me-ia com ela com muita alegria, e sei que seria feliz! Ela é tema, dócil, e até mais bonita, se prestarmos atenção!"

I - Você não foi lá para se encantar com beleza!"

■ — Eu compreendo, papai, e vou cumprir o que lhe propus! Casar-me-ei com a mais velha que me oferecerá condições de ser o herdeiro do trono."

" — Tem que considerar também, que o rei, pai das jovens, ainda é muito vigoroso e não tão velho. Pode demorar muito ainda! Preciso daquele reino para ampliar o nosso! Se o conquistarmos, uniremos os dois e depois fracionarei uma parte para cada um dos meus filhos, transformando-os em principados, sob a jurisdição de cada um. Mas, para isso, sabe do que necessitamos..."

Margarida estava assustada com o que ouvia. Tinha muitas desconfianças, mas nunca pensou que planejassem tal traição a seu pai. Não deveria emocionar-se, mas estar atenta para captar todo o plano. — Esta conversa, deduziu, deve ter sido entabulada quando ele voltou para casa, depois do pedido feito. Muito atentos, continuaram a captar, agora, os seus próprios pensamentos, sem as lembranças de situações já vivenciadas.

— Tanto tempo já aqui estou! Perdi a Margarida que amei, e nada fiz ainda... Não tomei nenhuma providência! Mais de um ano passou, por isso papai mandou chamar-me! Tive que ir em visita, levando Mafalda, para que nenhuma suspeita se levantasse, mas, mesmo assim, pude conversar bastante com ele, que me cobra a promessa. Agora temos a pequena Margarida que amo muito, mas sinto-me apático, apesar do quanto Mafalda me atormenta. Nada realizei!... Preciso começar a trabalhar, senão papai tomará a me chamar e alguma atitude deve tomar.

Muito atentamente, foram acompanhando o pensamento do príncipe a respeito da sua inércia no realizar da tarefa em relação ao rei, e da sua ineficiência em arquitetar um plano adequado.

Ele estava realmente apático como refletira, e acomodado. Perceberam nele, também, uma certa afetividade em relação ao rei, pessoa bondosa que o tratava bem como esposo de sua filha e agora pai de sua querida neta Margarida.

Aos poucos ele foi lasseando os pensamentos, desligando-se deles, e seu Espírito deixou o corpo, liberando-o para o repouso.

— Acompanhem-lo! — manifestou-se Aquilino.

— Estarei à sua disposição!

Capítulo 30 LIÇÕES

Em razão dos seus últimos pensamentos, o príncipe não foi longe. Nem saiu do palácio. Seguiu rumo aos aposentos reais e ficou observando o rei no seu sono profundo.

— Ele não nos vê? — indagou Margarida.

— Se quisermos nos deixar ver, sim! Mas providenciei para que isso não acontecesse. O Espírito liberto do corpo tem mais possibilidades, e, como lhe disse, vai aonde deseja, mas, mesmo assim, sua liberdade é limitada — está sempre preso àquele que o acorrenta. Qualquer coisa que lhe desagrade, retoma imediatamente à concha que o abriga.

— Irmão Aquilino, tenho muito a aprender ainda! Estou bem, sinto-me liberta, mas falta-me muito!

— Nem poderia ser diferente, uma vez que deixou o corpo há tão pouco tempo! Por isso fui enviado em seu auxílio.

— E mal chegou, já tive lições para o meu aprendizado.

— Muitas mais terá no decurso da minha permanência aqui, no desempenho de nossas atividades! Depois sim, verá uma outra vida, mais liberta ainda.

— E nunca mais verei os meus quando partir?

— Todas as vezes que lhe for permitido! E se eles precisarem, terá até condições de promover o auxílio sozinha, tão instruída estará nos segredos do Mundo Espiritual e da nossa função nele.

— A libertação do corpo é muito bela!

— Mas é ele que nos propicia as condições de estar bem quando o deixamos!

— É sempre assim?

— Aqueles que sabem como proceder quando encarnados, aqueles que sabem promover o seu progresso pela prática das boas ações, por nunca prejudicarem ninguém, estarão bem.

— Se assim é, penso no príncipe, irmão!

— Por que pensa nele?

— Se conseguir o que deseja, prejudicando meu pai, quando deixar o corpo, não estará bem.

— Estará em grande sofrimento, pelos compromissos assumidos na consecução de seus objetivos demolidores, demonstrativos da ambição terrena, que não vacila em afastar aqueles que atrapalham a execução de seus desejos.

— E se o impedirmos de realizá-los?

— Ajudará, mas o ver-se impedido de praticar o que deseja, por alguma imposição externa, não lhe adiantará muito, pois, se não o fizer agora, fará na primeira oportunidade que se apresentar, após.

— Então nunca poderei partir! Como estarei tranqüila?

— Por isso o nosso trabalho será mais completo! Se ele for receptivo ao que lhe sugerirmos, a tudo o que realizarmos, não só para impedi-lo, mas para mudar-lhe as convicções, poderá estar tranqüila e partir em paz, porque conseguimos atingir o seu coração e transformá-lo!

— E a influência do pai que o pressiona?

— Ninguém faz o que não deseja, mesmo sendo pressionado! Teremos que trabalhar bastante, e o seu papel será importante!

— Como farei?

— Aproveitaremos o amor que sabemos, ele sentiu por você e ainda acalenta a sua imagem com ternura, e trabalharemos. Você mesma atuará sobre ele! Aproveitaremos também o amor que sente pela pequena Margarida, e conseguiremos!

— Teremos, então, muito trabalho!

— Que não se limitará apenas em impedir-lhe a ação, mas em modificar-lhe o íntimo!

— Entendo, mas algo ocorreu-me agora!

— Diga, pois, o que foi?

— Se eu tiver que trabalhá-lo, a minha lembrança estará constantemente em seu íntimo, quando desejo justamente o contrário. Quero promover a união mais intensa dele com Mafalda, fazendo-o ver nela alguém que ele pode amar e com quem pode ser feliz. Se eu permanecer em sua mente, ver-me-ei impedida de realizar o que pretendo!

— Não se aflija, nem pense no que ainda não vivemos! Nós saberemos conciliar os dois objetivos e, com a inspiração do Pai, encontraremos o caminho certo!

Eles continuavam a observar o príncipe Espírito, junto do rei, ao mesmo tempo em que lições iam sendo transmitidas à Margarida. Entretanto, deveriam também ficar atentos, não apenas na sua presença ali, como também no que ele pensava em presença do soberano, sobretudo após aquelas reflexões que já acompanhamos.

— Atentemos nele! — recomendou Margarida. — Não percamos esta oportunidade!

— Todas as oportunidades sempre devem ser bem aproveitadas, por isso lhe transmiti aqueles ensinamentos. Observemo-lo mais agudamente!

Eles aproximaram-se mais e puderam perceber quando ele falava de si para consigo, tendo o rei em seu pensamento: — Ainda o deixarei totalmente imóvel como está agora, mas não só pelo sono que lhe possibilita o despertar, não! Deixá-lo-ei imóvel pelo sono eterno! Só assim se cumprirão os meus desejos, e papai estará satisfeito.

— É essa a forma como pretende afastar papai? — perguntou Margarida indignada.

— Não interrompa, acompanhem-lo nos pensamentos!

Novamente atentos, perceberam que aqueles primeiros pensamentos eram o resultado da cobrança do pai, pois logo a seguir ele próprio continuou de forma diferente: — Mas por que devo fazer isso? Não gostaria de fazer nada contra ele que tem sido tão bom para comigo. Afeiçoei-me a ele que espera muito de mim, como o filho varão que nunca teve, e não posso atraí-lo. Mas papai tem pressa! O seu trono fatalmente será meu, um dia, mas papai disse que ele ainda é forte e saudável! Terei que agir logo, e não tenho vontade. Ele ama a minha pequena Margarida e também sou-lhe grato por isso.

Naquele instante, Aquilino, interrompendo a atenção no curso daqueles pensamentos, falou a Margarida:

— Veja, será mais fácil do que imaginamos! Ele luta entre duas forças: o pedido do pai e os próprios sentimentos, pela afeição que sente pelo rei! Não será difícil trabalharmos a sua mente, mas ainda é um pouco prematuro! Precisamos observar mais, pelo menos mais dois ou três dias, para sabermos exatamente o que fazer e como fazer!

— Então demorará ainda? E se ele tomar qualquer atitude contra papai, nesse período?

— Agiremos de forma urgente e o impediremos de alguma maneira! Seu pai estará resguardado por nós. Mas é preciso que observemos mais. Olhe, ele vai se retirando, acompanhem-lo! — recomendou Aquilino.

Saindo dali, passou pelo quarto da filhinha, olhou-a temamente, abaixou-se, colocou um beijo em seu rostinho e continuou. Foi até o quarto onde repousava aquele seu criado que pedira permissão para trazer, e, observando-o, formulava pensamentos: — Se resolver agir como preciso, ele será o meu auxiliar. Aqui está o meu aliado, aquele que sabe das pretensões de meu pai e foi recomendado me servir no que eu precisasse, fosse o que fosse...

Capítulo 31 ACONSELHAMENTO

A situação começava a complicar-se, pois perceberam que o criado que o acompanhara, não viera para servi-lo como camareiro, mas trouxera finalidades ocultas e muito bem delineadas para a consecução de seus planos. O jogo começava a armar-se, e os lances logo seriam efetuados. Por enquanto estavam compondo as peças que dele fariam parte.

— Nunca pensamos que tivesse trazido um criado com intenções tão terríveis! B falou Margarida. — Ele sempre foi servil e discreto, enquanto aqui estive. O que ele pretende que o criado faça, Aquilino?

— Ainda nada tem planejado! Veio apenas obedecendo às recomendações do pai, que vê nele o melhor auxiliar para o filho conseguir, mais rapidamente, o que ele próprio deseja.

iv Retirando-se do quarto do criado, o príncipe voltou ao próprio corpo, despertando, mas continuou a manter i aquela mesma luta interior, aquela dicotomia entre os dois pólos: o que o pai determinara e o que a própria consciência começava a sentir.

Muito trabalho teriam para realizar, e não deveriam perder tempo. Aquilino, vendo o momento favorável, sugeriu a Margarida:

— Por que não inicia agora um trabalho mais intenso e direcionado ao seu desejo de unir o príncipe à sua irmã? O sossego da manhã que surge, o repouso, o silêncio, ser- lhe-ão favoráveis! Comece por fazer-lhe sugestões em relação à esposa, colocando-a em sua mente o mais que puder, ajudando-o a ver suas qualidades!

Margarida entendeu a sugestão de Aquilino e aproximou-se do príncipe, mas de tal forma que sua presença não provocasse nele a sua lembrança, direcionando-lhe, na mente, a pessoa de Mafalda, a seu lado, dormindo tranquilamente.

Em determinado momento, ela percebeu que suas palavras estavam tendo repercussão, porque ele se virou e começou a observar os traços serenos da esposa, naquela postura em que o relaxar do corpo, pela ausência do Espírito, coloca nas feições a tranquilidade. Achou-a mais bonita com os cabelos soltos e revoltos encobrindo- lhe partes do rosto, tornando-o misterioso, deixando transparecer maior beleza nos detalhes que estavam à vista. Colocou até a mão em seus cabelos, afastando-os do rosto, mas Mafalda, que sentiu o contato, acordou, surpreendendo-o naquela atitude terna para com ela e falou-lhe:

— O que houve, Fernando?

— Nada, querida! Você dormia profunda e serenamente, mas seus cabelos envolviam-lhe o rosto e eu quis afastá-los para melhor observá-la. Não tive a intenção de acordá-la!

— Foi muito bom, Fernando, acordar dessa forma! Que horas são?

— Ainda é muito cedo!

— E você, por que não dormia?

— Dormi muito mal esta noite! Passei longo tempo acordado, depois dormi um pouco e tomei a acordar.

Mafalda procurou aconchegar-se mais a ele, que a enlaçou, puxando-a para perto de si, e, colocando-lhe a cabeça apoiada em seu peito, passou a acariciar-lhe os cabelos.

Margarida, presente, estimulava-o mais, para que a observasse melhor, entendesse o quanto ela o amava, lembrasse até da filhinha que lhe dera e que ele amava tanto. Deveria ser-lhe grato por presente tão querido que ela lhe proporcionara.

Nada demorou, Mafalda adormeceu e Margarida viu o seu Espírito retirar-se do corpo. Deixou o príncipe ainda embalando a esposa e foi em companhia da irmã, tentar falar-lhe:

— Margarida, aqui está!?

— Sim, Mafalda, vim em visita e estou muito feliz pela pequena Margarida!

— Então já sabe dela?

— Sim, já sei, e tenho presenciado que você não gostou que sua filha tivesse o meu nome!

— Deve saber por quê! Foi ele quem quis colocá-lo, porque era a você que amava!

— Mas ele a escolheu, pense somente nisso! A Margarida não irá atrapalhar o seu relacionamento com ele, como nunca o fez! Quis retirar-me daqui, justamente para nunca lhe ocasionar nenhum transtorno, mas tenho um conselho a dar-lhe:

— Quer me dar conselhos?

— Sim, por tudo o que tenho visto e ouvido!

— Há quanto tempo está aqui em casa?

— Desde antes da chegada da notícia da minha partida! Sofri muito Mafalda, não pelo que pensa, mas porque não encontrei, no convento, o que esperava, e nunca mais quis voltar para que você fosse feliz com o príncipe.

— Mas ele a amava e até quis colocar seu nome na nossa filhinha.

— Procure aceitar com naturalidade! Esse nome deixou papai e mamãe felizes! Tente vê-lo também como eles, sem ficar a toda hora acusando ou repreendendo o príncipe por isso. Faça-o sentir a sua presença, transmita- lhe o seu amor e não o seu ciúme! Eu nada represento entre vocês. Aproveite os momentos que tem, sem estragá- los com lembranças minhas, da forma como o faz! Se a minha pessoa, de algum modo, fizer parte do assunto que conversam e das lembranças que trazem, procure aceitar com compreensão, sem rancor nem ciúmes! Da forma como a tenho visto proceder, você mesma está contribuindo para que a minha pessoa esteja sempre entre vocês, e sabe que não é isso que desejo, nem o que fará com que ele a ame mais. Saiba, Mafalda, aproveitar as ocasiões, para fazê-lo amá-la mais, não criando problemas para afastá-lo de você!

— Como pode me dizer tudo isso, Margarida?

— Porque a amo, minha querida irmã, e quero vê-la feliz! Quero ver a pequena Margarida num ambiente de amor, paz e entendimento, como nós próprias tivemos. Espelhe-se em papai e mamãe, no quanto são felizes, no quanto nos fizeram felizes, e procure viver o amor e a tranqüilidade, para transmitir esses mesmos sentimentos à pequena Margarida! Se não gosta do nome que ela traz, esqueça-se de que também me pertenceu, ou então, comece por chamá-la por algum cognome que lhe agrade e que passe a pertencer somente a ela, sem que se lembre de mim!

— Como pode, Margarida, querer me ajudar a ser feliz?

— Eu sempre quis ajudá-la! Agora não é o momento, mas lembra-se de um pacto que fizemos? Eu o mantive quando desejei sair daqui, e quero ajudá-la agora, para que seja feliz completamente, sem que nenhuma lembrança minha interfira na sua felicidade.

— Compreendo, pelas suas palavras, que também o amou!

— Isto não vem ao caso! Não falamos dos meus sentimentos que hoje já se modificaram. Quero vê-los, ambos felizes, com a pequena! Prometa-me, Mafalda, que se esforçará para ser feliz e também fazê-lo feliz! Imponha a ele, com serenidade, ternura e astúcia, a sua presença! Seja tema e compreensiva, que nenhuma dúvida mais terá do seu amor! Tente e verá o resultado!

Capítulo 32 EM CONTATO COM A NATUREZA

O diálogo entre Margarida e a irmã prolongou-se Binda por alguns instantes, e quando Mafalda retomou ao corpo, levou

aconselhamentos, orientações, que, se seu Espírito tivesse conseguido reter, ser-lhe-iam muito úteis.

Aquilino ficou satisfeito pelo trabalho de Margarida, estimulando-a:

— E assim mesmo que deve fazer! Terá de trabalhar intensamente o Espírito de sua irmã e não ficará apenas no que fez hoje. Por todos estes dias que aqui permaneceremos, fará esse trabalho, que será muito mais eficiente do que se ela recebesse conselhos de um encarnado.

— Já aprendi bastante, Aquilino, e sei que algum proveito terá, mas não sei exatamente como influenciará o seu Espírito, nem por que lhe será mais eficiente que o aconselhamento de um encarnado!

— Nesse caso, em especial, há o efeito natural que sabemos, ocorre, porque tudo o que ela ouviu, ficou impregnado no seu Espírito. Ao retomar ao corpo, ela terá as lembranças, sem ter noção do que se passou. Não saberá que foi você que a aconselhou, mas terá a sensação de que algo está mudando no seu coração e aceitará melhor. Pensará que é o resultado de suas próprias convicções, da transformação de seus próprios sentimentos, que partiu somente de si mesma, muito diferente de um aconselhamento nas bases que lhe falei, que sempre lhe parecerá imposto por outrem.

— Esse é o efeito natural, mas entendi que ainda há outro!

— Sim, pelo fato de ter sido feito por você! Quando ela acordar, não saberá, não se lembrará, mas o seu Espírito registrou com muito mais intensidade, justamente por ter partido de você, a quem ela julga, está interferindo em sua felicidade, estando ausente.

— Compreendo, irmão, e vejo que, sem o corpo, temos muito mais possibilidades de ajudar.

— Isto é fora de dúvidas! Penetramos ambientes, penetramos o imo do ser de cada um e sabemos exatamente os pontos que precisam ser fortalecidos e os pontos vulneráveis para serem trabalhados. É muito louvável a sua presença entre os seus com as intenções que a envolvem!

— Deve ser por isso que me foi permitido, e ainda tenho você para me auxiliar e orientar!

— Bem, o dia já está surgindo, o nosso trabalho, por ora, pode ser suspenso! Suponho que mais tarde, hoje mesmo, já poderemos sentir se deu algum fruto.

— Aguardarei ansiosamente!

— Margarida, como agora nada faremos, convido-a para um passeio nos arredores do palácio, onde a Natureza é muito bela! Far-nos-á bem!

— Eu aceito, mas primeiro quero mostrar-lhe um recanto muito aprazível que temos em nosso jardim! Era onde eu descansava dos passeios que fazia cientes de ir-me daqui!

— Disponho-me a visitar esse recanto, mas depois. Agora vamos fora dos domínios do palácio, na Natureza aberta e agreste ainda, e na volta pararemos no seu jardim, no seu recanto! Vamos aonde as mãos do homem ainda não chegaram, e lá estaremos em contato mais direto com Deus, apreciando a beleza da Sua criação.

— Acompanho-o, pois você é mais sensato que eu! Deixar-me-ei levar e, talvez, em sua companhia, descubra recantos que, mesmo vivendo aqui, nunca conheci.

Auxiliando Margarida que ainda não tinha condições de fazê-lo por si só, num instante eles se viram num local muito aprazível, onde o verde de muitas tonalidades, misturando-se às flores delicadas, oferecia ao observador, sempre um espetáculo novo. O céu, pela Natureza da vegetação, mostrava-se apenas nos espaços que os galhos das árvores deixavam entrever.

— Fiquemos um pouco aqui, Margarida! Olhe aquele riacho de águas tão cristalinas! Não conhece ainda a mão do homem, que o aguarda apenas mais perto da cidade, para dele utilizar-se em suas necessidades. Lá ele é diferente! Senhoras servem-se de suas águas para a lavagem de roupas, mas aqui ele é puro. Veja nele a criação de Deus, que tudo provê para que Seus filhos tenham, na Natureza maravilhosa, a suavidade de sua beleza e um meio de favorecer-lhes a vida.

— Estou encantada! Às vezes saíamos a passeio, mas papai, cioso, enviava muitos guardas para nos acompanharem, e nunca chegamos a este local! Aqui a Natureza é linda, e muito mais que a sua beleza, é a liberdade que sentimos para apreciá-la!

— Lembre-se de Deus, nesses momentos, e eleve seu pensamento a Ele, agradecendo tudo o que tem nos proporcionado em alegria, em beleza e em oportunidade de auxílio!

— Houve um momento em minha vida, Aquilino, que o meu sofrimento era tão grande, que eu supunha que Deus havia me esquecido.

— Deus nunca esquece os Seus filhos, mas, às vezes, o sofrimento é necessário. Um dia compreenderá bem isso! É pelo sofrimento que passou, que lhe adveio a capacidade de ajudar, e essa liberdade que proclama.

Ambos desfrutaram daqueles momentos tão agradáveis de beleza e paz, acrescidos em seu valor pelos conhecimentos que Aquilino transmitia a Margarida. Depois de algum tempo, ele lhe falou:

— Este local estará à nossa disposição quando desejarmos! A sua paz e a sua beleza serão todas nossas, quando aqui pudermos vir. Por isso, penso que, por agora, já nos refizemos, o nosso Espírito se agradou deste contato tão salutar com a criação mais pura de Deus, ainda intocada pelo homem, e devemos nos retirar!

— i uma pena, Aquilino, mas já tivemos bastante!

— Agradecemos a Deus esta oportunidade e partamos! Quando nos for permitido, aqui estaremos outra vez!

— Estou a seu dispor para acompanhá-lo, mas já sabe que, ao retomar, vamos à pérgula de que lhe falei!

Aquilino pronunciou algumas palavras de agradecimento ao Pai, por aqueles momentos, e partiram. Rapidamente chegaram ao jardim do palácio, num ponto próximo ao recanto que Margarida queria lhe mostrar.

— Veja como é belo o nosso jardim! Aquela é a pérgula a que me referi. Vamos até lá e continuaremos a nossa conversa por mais um pouco.

— Sei por que quer ir lá!

— Diga-me, então, por quê?

— Já o sabe e não é preciso que lhe diga!

— Foi naquele local que tomei a decisão de afastar-me do palácio, porque vi o perigo para a felicidade de Mafalda! Aqui o príncipe me assediou de forma mais intensa, e tive que sair correndo para fugir da sua presença.

— Tudo o que fez, Margarida, foi muito nobre. Por essa atitude de renúncia, muito você angariou aos olhos do Pai!

— Fiz com a melhor das intenções! Mas a minha ida ao encontro do repouso de Espírito e da paz, levou-me à infelicidade.

— Hoje estávamos alegres, você estava feliz pela liberdade de que goza. E só nisso que deve pensar! Esqueça os sofrimentos como dores, mas lembre-se deles apenas no que lhe serviram de libertação.

No interior da pérgula, sentaram-se e permaneceram em conversas instrutivas, até que ele achou que deveriam voltar.

— Todos já estão despertos e em pé! Aproximemo-nos, que das converseis e de seus pensamentos, extrairemos muito para trabalharmos depois.

— Sempre estou às ordens de suas orientações, mas quero fazer-lhe um pedido, se puder atender-me!

— Estou aqui para auxiliá-la!

— Não é auxílio que desejo pedir!

— Pois então faça-o!

— Hoje, durante todo o nosso passeio, falei muito de mim, trouxe muitas recordações e você ensinou-me bastante. Prometa-me que, no próximo passeio, me falará de você, de quem nada sei! Quero conhecê-lo também, como me conhece, porque já o considero um amigo.

— Nada do que eu tenha vivido, minha querida Margarida, pode lhe interessar, porque, de sofrimentos, bastam os seus! Apenas lhe digo que, graças a eles, graças à forma como me foi dado suportá-los, pude granjear para o meu Espírito um pouco de luz, mas, falta-me muito ainda! Terei que retomar à Terra, como encarnado, ainda algumas vezes, para ressarcir passado longínquo, nem sempre digno diante de Deus.

— Vejo que, além da nossa tarefa, tenho muito a aprender com você, e quero aproveitar todas as oportunidades para isso. Eu ainda não sei o

que já fiz nesta minha caminhada de Espírito imortal, mas muito mal devo ter feito, pelo que sofri, há não tanto tempo assim!

— Todos nós temos passado infeliz, mas, graças ao modo como aceitamos o sofrimento que nos é imposto, pelas nossas próprias imperfeições, vamos progredindo e nos purificando a cada oportunidade que o Pai nos oferece. Entremos, Margarida, que hoje temos muito a fazer!

— Deixemos, então, os nossos momentos para os passeios e vamos em busca do trabalho! Agradeço-lhe pela companhia que me faz, pela ajuda que me presta e pelos ensinamentos que me transmite!

— Agradeça a Deus o ter permitido que eu aqui estivesse, porque eu já Lhe agradei por tê-la encontrado nesta tarefa de auxílio!
Terminando esse diálogo, retomaram ao palácio e surpreenderam Mafalda conversando com a mãe:

Capítulo 33 PERIGO

— Não sei o que houve, mamãe, mas trago em mim, hoje, a presença muito intensa de Margarida. Tenho a impressão de que sonhei com ela, porém não me lembro, nem de sua presença nem do que me disse, mas acordei mais fortificada e sinto mais alegria e esperança no meu coração.

— Deve ter sido algum sonho, filha! Margarida lhe queria muito, por isso ficou em você essa sensação de alegria.

— Talvez tenha sido isso!

Enquanto conversavam, chegou o príncipe dizendo à esposa que precisava sair numa empreitada pedida pelo rei, e que se ausentaria do palácio por algumas horas.

— Quando retomar, Fernando, gostaria também de fazer um passeio, se você me aceitar em sua companhia!

— Conversaremos na minha volta! Se houver tempo, sairemos como deseja, e poderemos levar a nossa pequena Margarida! Far-lhe-á bem!

— Eu o espero!

O príncipe saiu, e a rainha ficou surpresa pela conversa que mantiveram, sem que nenhuma palavra tivesse sido pronunciada de forma mais agressiva, como era hábito entre ambos, ultimamente, sobretudo quando ele falava da "nossa pequena Margarida"!

Aquilino e Margarida, presentes a esta cena, ficaram felizes por perceber que o trabalho começava a surtir algum resultado.

Os conselhos da irmã deixaram em Mafalda a sensação de alegria, a disposição de ficar bem com o príncipe, desfrutar de sua companhia em paz e até ansiar por ela.

Entretanto, enquanto observavam, alegres, Aquilino chamou a atenção de Margarida para a saída do príncipe:

— Não podemos perder esta oportunidade de acompanhá-lo. Vamos, e, quem sabe, alguma coisa que nos interesse nos seja dado observar.

Não foi difícil alcançá-lo. Impulsionados pela força do pensamento, chegaram à carruagem em que ele se encontrava, mesmo antes de ela deixar os portões do palácio. Um guarda a cavalo o acompanhava para dar-lhe proteção, e o cocheiro, as únicas pessoas que estavam do lado de fora. Dentro, comodamente sentados, iam o príncipe e aquele seu criado de confiança, trazido dos domínios de seu pai.

— Fiquemos atentos! — recomendou Aquilino à Margarida. — Até uma simples conversa entre ambos, pode nos ser útil, pelo que vimos esta noite.

Nada demorou e o príncipe, em voz baixa, para que nenhuma de suas palavras pudessem ser ouvidas do lado de fora, disse ao criado:

— Está chegando a hora de realizarmos o nosso trabalho!

— Sim, Alteza, quando o desejar, que vim para isso! Sua Majestade, o rei, seu pai, quando eu o acompanhei em sua visita, há poucos dias, falou-me a esse respeito. Pediu-me que estivesse atento e soubesse trabalhar bem, que a hora já se fazia demorada e ele não desejava esperar mais.

— Eu compreendo a pressa de papai, mas tenho os meus receios!

— Nada receie do meu trabalho, Alteza! Confie em mim! E só ordenar e me dizer como deseja que eu o faça.

Margarida estava surpresa. Preparavam algo terrível para seu pai, que poderia até ser a sua morte. Aquilino também estava atento e, diante do silêncio que se fez entre ambos, começou, logo a seguir, a trabalhar a mente do príncipe para que ele continuasse, passando-lhe uma força que o impelia a falar:

— Convidei-o para acompanhar-me nesta empreitada, a fim de que pudéssemos conversar sem que ninguém nos ouvisse.

— Fale, Alteza, que eu obedecerei!

— Deverá ser bem feito, do contrário a guarda do palácio o pegará, e eu também serei implicado!

— Nós o faremos suavemente, se me permite sugerir! Faremos de tal forma que a todos parecerá muito natural!...

— Fale o que pretende! O que tem em mente?

— Já que esperamos tanto, não haverá prejuízo se esperarmos mais um pouco, e realizarmos o trabalho em pequenas porções, até que o rei caia doente e não se levante mais...

— Em que pensa?

— Deixe comigo! Lembre-se de que sempre lhe sirvo um licor, Alteza, quando estão reunidos, e sirvo também ao rei, sabe disso!

— E daí?...

— Daí que colocarei na taça que lhe pertence, uma dose pequena, mas de muita eficácia, de um pó que o levará ao leito, de onde nunca mais sairá, sem que nenhuma suspeita se levante, porque parecerá muito natural que o rei tenha adquirido uma enfermidade.

— É muito inteligente e vou aceitar esse oferecimento! Mas que pó é esse?

— Precisamos comprar e poderemos aproveitar esta saída de agora! Se me permitir, quando estivermos na cidade, eu descerei num estabelecimento comercial e pedirei o que desejo, dando uma desculpa qualquer, se me perguntarem...

— Gerará suspeitas!

— De forma alguma! Ninguém me conhece, e, enquanto Vossa Alteza realiza o seu trabalho, eu me ausentarei e farei a compra. Ninguém saberá, nunca!

— Pois que o faça, e depois resolveremos a outra parte com mais detalhes!

— Deixe comigo, Alteza! Sua Majestade, o rei, seu pai, ficará feliz!

Margarida e Aquilino não trocaram mais nenhuma palavra, tanta atenção prestavam ao que se conversava.

Quando a carruagem chegou ao seu destino, o príncipe desceu e foi tratar da incumbência que o rei lhe outorgara. Deveria demorar, para dar tempo ao criado de fazer o que desejava. Enquanto o guarda que o acompanhara, entrou com o príncipe para protegê-lo de possíveis ataques, o criado, tomando um rumo contrário ao da frente da carruagem, para que o cocheiro de nada suspeitasse, deu a volta por outra rua e retomou minutos mais tarde com o que desejava. Comprara dois tipos de pós que, juntos, fariam o que era preciso.

Chegando à carruagem, o príncipe ainda não havia retomado e o cocheiro cochilava no seu posto. Ele, para não gerar nenhuma suspeita, bateu a porta como se a tivesse deixando naquele instante, e tocou no cocheiro, querendo começar uma conversa:

— Estão demorando muito! Quase dormi no interior da carruagem e não sei quanto tempo já passou!

— Logo estarão de volta!

Logo mais o príncipe surgiu, acompanhado do guarda que o seguia. O criado, solícito, abriu a porta, o príncipe entrou, e ele entrou após.

Não trocaram nenhuma palavra, porém, quando afastados da cidade, o criado disse-lhe:

— Já está comigo! Nem o cocheiro me viu deixar a carruagem! Tudo está a nosso favor, e agora é só começar quando desejar...

A carruagem continuava afastando-se da cidade e mais se aproximava do palácio, onde situação terrível se formaria.

Margarida e Aquilino não precisavam ouvir mais nada. Como tinham já todo o panorama do que se desenrolaria contra a integridade física de sua Majestade, o rei, deveriam voltar para esperar a chegada do príncipe e do criado, depois planejar e agir.

Nenhuma palavra, nenhum pensamento lhes passaria despercebido, para, no momento da execução do plano, estarem atentos, se não conseguissem demovê-los antes.

O problema era bastante delicado, e todas as diligências teriam, a partir daquele momento, um direcionamento.

—Estou muito assustada, Aquilino! — manifestou-se Margarida. — A vida de papai está em perigo, como também o seu reino!

—Nós estamos aqui, e temos a possibilidade de ajudar. Estaremos presentes em todos os instantes, junto do príncipe e do criado, e saberemos exatamente para quando planejarão.

—Não podemos ir tomando alguma providência em favor de papai?

—Tudo terá o seu tempo certo e estamos atentos. Não se preocupe demais, para não perder a ocasião de ajudar!

—Estou preocupada, papai não merece! O que ele pretende com isso?

—Certamente a união efetiva deste reino com o do seu pai, aumentando, assim, em muito, os seus domínios!

—Foi para isso que veio e escolheu Mafalda! Já a tinha escolhido, mesmo antes de nos conhecer!...

—Esqueça, agora, o que passou e cuidemos apenas de salvar o reinado de seu pai, salvando-lhe a vida!

— Não sei como o faremos! Já pensou em como agir?

— Precisamos arquitetar planos, mas devemos esperar para agir em conformidade com o que estabelecerem.

—E se começarem hoje mesmo?

— Não se esqueça de que, da forma como pretendem, precisarão de muitos dias, e nós estamos aqui!

Enquanto conversavam, um barulho de carruagem fez-se ouvir, parando defronte do palácio. O príncipe, feliz da empreitada bem realizada em favor do rei, conquistando-lhe assim cada vez mais a sua confiança, deixou a carruagem e entrou. O criado entrou atrás e, gentilmente perguntando se o príncipe ainda precisava dele, pediu licença e retirou-se, após ter sido dispensado.

Mafalda foi ao encontro do marido, perguntando pelo passeio prometido, mas ele, esquecido já, e alegando cansaço, furtou-se de ir. Ela aborreceu-se, mas procurou compreender, conseguindo-lhe a promessa de saírem na manhã seguinte.

Capítulo 34 EM AÇÃO

Aquele resto de dia foi tranquilo. O príncipe não Hse avistou mais com o criado, e nada pôde ser planejado.

Entretanto, como tudo estava sereno, Aquilino resolveu visitar o criado, e perscrutar-lhe as mais íntimas intenções em relação aos pós que havia adquirido. Mas nada apurou, apenas observou, em seu aposento, os pequenos pacotinhos displicentemente deixados sobre um móvel.

Era uma hora favorável para fazê-los sumir, retirando-os de lá, protelando por mais um pouco a sua tarefa. Mas como? Não possuía mais o corpo para o contato com substâncias materiais, fazendo-as deslocarem-se de lugar e até sumirem... Poderia, contudo, providenciar recursos que lhe possibilitassem o seu desaparecimento dos olhos do criado, sem que nem mesmo fossem retiradas do lugar, mas, pensando melhor, recebeu precipitar outras providências mais drásticas e definitivas, e achou melhor deixar como estava.

Ficaria atento e impediria o que quer que fosse arquitetado contra o rei. Moveria recursos, mas não permitiria que crime tão hediondo fosse praticado, apenas em nome do orgulho e da cobiça. O rei possuía méritos próprios para receber a ajuda necessária e, conforme bem sabia, a missão do monarca, em seu reino, ainda não podia ser encerrada.

Deixando o quarto onde o criado repousava, foi ao encontro de Margarida contar-lhe o que vira. Ela não o acompanhara, preferira ficar com os pais que se distraíam com a pequena Margarida enquanto Mafalda estava em companhia do príncipe.

A noite chegou trazendo as melhores oportunidades de ajuda, e quando os Espíritos dos seus queridos se desprenderam do corpo, pelo sono, Margarida mostrou-se a todos, conversando com cada um, transmitindo-lhes palavras de encorajamento e de afeto, sobretudo aos pais saudosos. Com Mafalda, continuou seu trabalho em relação ao príncipe, mas não quis mostrar-se a ele. Seria pior, e talvez o que já havia iniciado, caísse por terra.

Nada impedia que, enquanto Margarida estivesse na sua tarefa, Aquilino seguisse o príncipe, após o seu desprendimento, e mesmo se achegasse a ele com a intenção de demovê-lo de seus propósitos. Não só o trabalho a distância, de mente a mente, mas até dirigir-lhe-ia a palavra, iniciando um diálogo que poderia ser profícuo.

Assim que o viu tomar a direção dos aposentos do criado, chegou mais rapidamente à porta e interpelou-o amigavelmente, antes que entrasse:

— Aonde vai, irmão? O que deseja com seu criado? Ele também está repousando!

— Quem é você que assim se dirige a mim?

— Um amigo que quer ajudá-lo!

— E em que eu estou precisando de ajuda?

— Talvez nem mesmo saiba, mas está à beira de se atirar num abismo!

— Não sabe o que diz! Por que me atiraria num abismo?

— Não me entendeu! Não falo de abismos materiais dos quais até poderia sair ileso, mas falo do abismo que está procurando para o seu Espírito!

— Não estou entendendo!

— Veja! Por que veio procurar seu criado neste instante? De que precisa?

Como o príncipe nada respondesse, Aquilino continuou:

— Cala-se, mas eu sei o que trama! O abismo a que me refiro é este que planeja contra o rei, seu sogro. Que lhe fez ele para que arquitete a sua morte? Apenas porque tem um reino que agrada a seu pai? Nada justifica o que pretende! Sei de tudo e trabalharei intensamente para demovê-lo de tal empreitada!

— Quem é você? Por que me fala assim?

— Já lhe disse, um amigo que quer ajudá-lo! Desejo impedir que pratique ato tão desumano, apenas para satisfazer o orgulho de seu pai e a sua ambição! Já não basta o ter feito Margarida e a si mesmo tão infelizes, quando a amava? Por que continua? Quer trazer mais desgraça à sua vida? Imagina que ninguém saberá, e que ficará impune, mas, e diante do Pai Etemo, que cria todos os Seus filhos para tê-los felizes, procurando o progresso para seus próprios Espíritos, como ficará? Só Ele tem o direito de decidir sobre as vidas humanas! Pense bem, príncipe! Eu estou observando e impedirei o que deseja, o mais que puder! No entanto, se mesmo assim o fizer, as suas responsabilidades serão imensas e chorará muito pelo sofrimento que granjeará para seu Espírito!

O príncipe Espírito não tinha lembranças de algum dia ter se deparado com situação semelhante.

Quem era aquele ser tão bem informado dos seus planos? Qual o seu interesse em impedir-lhe as atitudes, dizendo-se um amigo, chamando-o de irmão, se nem o conhecia? Quem era ele que dizia querer ajudá-lo a não cair em precipícios tão profundos, sem volta, onde as lágrimas e o sofrimento seriam seus companheiros? — Reflexões muito rápidas enquanto ouvia as palavras de Aquilino, que prosseguia:

— Já lhe disse, estarei atento! Não me verá quando retomar ao corpo, não se recordará de todas as minhas palavras nem que me encontrou, mas ficará em seu Espírito uma sensação muito forte de que está sendo observado. Não saberá como, mas tenha a certeza de que estará. Cuidado, pois, com suas atitudes e seus passos, que serão todos muito bem seguidos! Impedi-lo-ei, por ele que não merece, e por você mesmo para que não se perca.

Fernando nada mais disse, apenas ouvia e o observava. Começava a sentir um certo desconforto diante daquela presença que julgou acusadora e quis afastar-se, mas, sem saber como, não o conseguiu, e Aquilino continuou:

— Valorize o que já conquistou, que é o bastante!

Arquitetando planos, você realizou a sua união com Mafalda, mesmo amando Margarida. Valorize pois, a sua escolha, e dê à sua esposa um pouco do amor que ela sempre lhe dedicou! Considere-a, que ela é a mãe de sua pequena Margarida, como chama sua filha, e lembre-se da alegria que o avô sente à sua simples presença. Pense no amor que ele lhe dedica, no respeito e confiança que tem pela sua pessoa e, por consideração à sua esposa, filha dele, poupe-lhe a vida! Seu pai compreenderá! Pense, príncipe, como agiria, se situação semelhante fosse levada à sua casa de nascimento, e cilada tão terrível se preparasse contra seu pai? Os seus o amam, e o rei, aqui, também é amado e nada fez para você tramar de forma tão traiçoeira a sua morte, ele que o recebeu como a um verdadeiro filho e espera muito de você. Não tenha pressa! Sabe que, mais dia, menos dia, este trono será seu, mas não precipite nada, para não se arrepender depois. Agora pode ir! Volte ao corpo e pense muito! Terá em seu Espírito apenas sensações que o protegerão, se realmente é uma pessoa de bem! Do contrário, continuará tentando, mas saiba que o observo e o impedirei no que me for possível!

Sem nada responder, Fernando retomou rapidamente ao corpo, como que procurando um refúgio. Não compreendia nada do que houve, mas teria, armazenadas no Espírito, não as palavras, mas o significado mais profundo que elas poderiam ter, como um alerta, um censor a lhe impedir as ações.

Aquilino não contava com tal oportunidade e ficou satisfeito. Deus o inspirara a dizer palavras tão adequadas para um momento de tanto perigo. Confiava que havia feito o possível e, na manhã seguinte, estaria atento nas atitudes e até nos pensamentos do príncipe, para verificar o que restara em seu Espírito de encontro tão providencial.

Margarida também, tendo trabalhado com Mafalda, tinha já concluído a tarefa da noite, quando Aquilino foi ter com ela e contar o ocorrido:

— Estou satisfeito do que pudemos realizar! Preciso contar-lhe o que fiz, como desejo saber o que fez. Para isso, porém, nada melhor que um

passaio naquele recanto tão aprazível, lembra-se?

— Como esquecê-lo, se anseio por retomá-lo!

— Pois então vamos, que merecemos, por todo o trabalho realizado!

— Não será perigoso nos afastarmos, deixando-os aqui, livres da nossa presença?

• — Agora nada farão! O príncipe está em seu corpo, desperto, mas traz muito em que pensar e não precisamos ter cuidados. Vamos, querida Margarida, armazenar mais energias emanadas de Deus e colocadas na perfeição desta Natureza, a fim de nos prepararmos para o que ainda poderá vir!

CAPITULO 35 PRIMEIROS RESULTADOS

Aquilino e Margarida retiraram-se, e logo estavam naquele local onde já haviam estado e desfrutado das delícias que a Natureza pura lhes oferecia, tanto pela sua beleza quanto pelas energias que lhes proporcionava.

— Veja, Margarida, o dia já começa a despontar, as claridades estão retomando! Ouça a alegria dos pássaros, expressa pelo seu canto, porque agora poderão voar felizes à procura do alimento!

— Como a Natureza é sábia, Aquilino, provê todas as suas espécies!

— São as mãos de Deus, não se esqueça! Enquanto o homem não chega para destruí-la, os seus habitantes têm tudo o de que necessitam — o abrigo, a água, o alimento...

— Bem, amigo, você disse que queria contar-me o que fez e eu estou ansiosa.

— Nesta noite, penso que dei um passo muito importante em auxílio ao príncipe e a seu pai!

— O que fez?

— Assim que percebi que ele se desprendia do corpo, eu o segui, e...

Detalhadamente, transmitiu-lhe tudo o que havia falado, e também a sua impressão de que o príncipe se sentira meio temeroso. Reconhecia ter sido um encontro importante, mas tinha que observá-lo atentamente durante o dia, para sentir o que havia restado em seu Espírito, de conversa tão salutar.

— Agradeço-lhe a ajuda que me tem dado! Eu, por mim, embora deseje muito, nunca teria capacidade para realizar tal trabalho sozinha.

— Foi para isso que vim! Um dia também você o fará. Continue ajudando como tem feito com sua irmã, que já é bastante!

— Com ela, penso que somente eu conseguirei! Tenho reforçado sempre as minhas palavras, a fim de que Mafalda veja no príncipe alguém que a ama, estimulando nela a compreensão e a paciência, e até que lhe demonstre, sem perder nenhuma oportunidade, o seu amor.

— O nosso trabalho será frutífero!

— Quando sentirmos que tudo está bem, sem que nenhum perigo mais haja, deveremos partir?

— Não é para permanecermos sempre no mesmo lugar, que somos Espíritos livres! Precisamos partir em busca do nosso progresso, auxiliando a muitos e aprendendo também, cada vez mais, a trazer em nós todas as virtudes ensinadas por Jesus.

— Tenho uma preocupação, Aquilino!

— Deve tê-las, agora, somente quanto ao nosso trabalho e nada mais!

— Mas preocupo-me! Acostumei-me à sua companhia, ao seu auxílio e aos seus ensinamentos, e não gostaria de afastar-me de você. O meu receio é esse — que, ao partirmos, tenhamos de nos separar.

— Entreguemos nas mãos de Deus que sabe o que nos convém, e não nos preocupemos com isso agora! Apliquemo-nos à nossa tarefa, depois pedir-Lhe-emos que nos deixe juntos, para melhor trabalharmos em Seu nome, em auxílio aos outros e a nós próprios! Se lhe contenta, também lhe direi — não gostaria de afastar-me de você, com quem tenho estado muito feliz por tudo de bom que vejo em seu Espírito, e pelo muito que terá a transmitir aos outros.

Por mais alguns instantes eles ainda permaneceram naquele local, haurindo de Deus as energias salutares a seus Espíritos, completadas com a companhia tão feliz que um fazia ao outro.

— Devemos retomar! — manifestou-se Aquilino. — Este lugar tão aprazível estará à nossa disposição todas as vezes que o desejarmos e pudermos. O sol já está brilhante e precisamos continuar o nosso trabalho.

— É uma pena que precisemos nos retirar, mas compreendo que não estamos para passear. A missão que nos foi permitido realizar é muito mais importante.

— Tem razão, mas a bondade de Deus permite que, mesmo em trabalho, possamos ter esses momentos tão benéficos!

Em pouco tempo, adentravam no palácio. Todos à mesa, tomavam a primeira refeição, e a harmonia parecia reinar entre eles. A pequena Margarida estava em seu quarto, aos cuidados de uma criada que velava por seu sono.

Os dois aproximaram-se para ouvir o que conversavam, pois, é no momento da reunião para a primeira refeição matinal, que os comentários quanto aos acontecimentos noturnos, são feitos. — Se dormiram bem ou não, se sonharam, com quem sonharam...

Mafalda falava, naquele momento, e puderam ouvi-la perguntar ao marido:

— Lembra-se, Fernando, de que temos um passeio para esta manhã?

— Sim, lembro-me, e o realizaremos, se Sua Majestade, seu pai, não tiver nenhuma incumbência a me delegar.

O rei, ouvindo a sua resposta à filha, completou:

— Mesmo que tivesse, querido filho! Para deixar Mafalda feliz, eu retiraria qualquer encargo que pudesse ter lhe dado. Vá, leve-a passear, que lhes fará bem!

— Obrigada, papai! Hoje, Fernando é todo meu! Lembra-se quando lhe pedia para realizar meus passeios em liberdade, sem que nenhuma guarda me acompanhasse?

— É verdade, mas nunca permiti pelo perigo que oferecia! Agora, quem decide é seu marido, e fará o passeio como ele desejar.

— Que tal, Fernando, sairmos a cavalo, só nos dois, sem guardas, sem pompas, como duas pessoas comuns do povo?

— Seu pai tem razão, nunca se sabe o que nos preparam e devemos ter cuidado!

— Iremos de tal forma que não nos reconhecerão! Ficaremos à vontade, só nos dois, sem ninguém nos observando. Usaremos roupas bem simples, como qualquer morador do reino, e não haverá perigo!

— Se lhe agrada assim, eu concordo!

Mafalda, demonstrando toda a sua alegria, virou-se e beijou o príncipe sentado a seu lado.

— Estou precisando mesmo sair um pouco, com mais liberdade! Não sei o que houve esta noite, mas trago uma sensação desagradável em mim! — expressou-se ele.

— Talvez tenha sido algum sonho! Eu também... — Mafalda começou a dizer, mas conteve-se a tempo. Lembrava-se de ter sonhado com Margarida, sem se recordar do sonho, mas achou conveniente não citar seu nome naquela hora.

— O que ia dizendo? — perguntou-lhe a mãe.

— Nada de importante! Estava me lembrando de um sonho, e, de repente, fugiu da minha memória! Bem, podemos nos arrumar, Fernando?

— Mandarei preparar os animais, mas, sem a carruagem, não poderemos levar a nossa pequena Margarida!

— Não é conveniente ainda que ela saia a passeios mais demorados, mesmo na carruagem! Podem ir tranquilos que eu estou aqui e cuidarei dela! — disse a rainha.

— Vamos, então!

Aquilino e Margarida, que a tudo presenciaram, estavam felizes dos resultados.

— Deveremos acompanhá-los? — perguntou Margarida.

— Poderíamos deixá-los tranqüilos e sós, mas precisamos ouvir o que conversarão, pelo menos por um pouco! Enquanto eles se preparam, quero ir ao encontro do criado.

Wanda A. Canutti/Eça de Queirós

202

Ele estava fora do palácio, recebendo as ordens do príncipe quanto aos animais, mas pôde ouvir quando lhe perguntou:

— Então, senhor, quando começaremos o nosso trabalho?

— Nada faça ainda! Precisamos combinar melhor! Aguarde as minhas ordens e nada execute por si próprio, sem minha autorização, se não quiser se arrepender depois!

Capítulo 36 ENTENDIMENTO

Aquilino sentiu que aquela resposta e até Madvertência do príncipe ao criado, já eram os primeiros resultados da sua conversa durante a noite. Estava feliz e confiante. Não sabia ainda como, mas conseguiria demovê-lo completamente daquela empreitada, enviando até o criado de volta ao seu reino de origem.

Retirando-se para preparar os animais que lhe foram recomendados, o criado ia aborrecido com o príncipe. Esforçara-se para arquitetar planos, para conseguir o pó, e agora o príncipe parecia fraquejar. Em que mais queria pensar? Já não haviam combinado, faltando apenas estabelecer o momento em que começariam?

Cumprindo as ordens recebidas, e seguido por um empregado da cavalaria, ele levou os animais à saída do palácio, pelo lado interno do jardim, onde Fernando e Mafalda os montariam para o passeio.

Vestidos simplesmente, aparentando até desleixo, o príncipe e a esposa logo surgiram e, montando os animais, partiram. Margarida e Aquilino acompanharam-nos. Os dois cavalgaram por muitos recantos retirados da cidade, lugares aprazíveis e belos, até que Mafalda, fazendo um sinal ao príncipe, reteve o seu animal.

— O que houve?

— Vamos descansar um pouco! Aqui ninguém nos perturbará!

— Como quiser! É bom que fiquemos mais à vontade, esquecidos de cerimônias e de palácios.

Desmontando, eles prenderam as rédeas dos animais num tronco de árvore e caminharam alguns passos. Mafalda, aproximando-se mais de Fernando, disse-lhe:

— Quero sentar-me aqui! Fique comigo e vamos nos esquecer de tudo! Só nós dois agora interessa. Quero dizer que o amo e que estou muito feliz, aqui, sozinha com você!

— Eu também estou feliz, Mafalda! Sabe que também a amo, à minha maneira, do modo como sei amar, mas lhe quero muito.

— Então abrace-me bem apertado, para eu sentir a verdade do que me diz, e voltar deste passeio mais feliz!

Aquilino e Margarida observavam-nos felizes.

Os dois sentaram-se na relva fresca e ficaram esquecidos de si mesmos, contemplando o ambiente salutar e desfrutando intensamente da companhia um do outro. Num dado momento, Mafalda perguntou-lhe:

— Fernando, você nos disse à mesa, hoje, que algo o preocupava, provocando-lhe uma sensação estranha e desagradável! O que era?

— Não sei, mas não quero falar sobre isso! Vamos aproveitar do momento, esquecendo-nos de toda e qualquer preocupação.

— Oxalá, Fernando, quando retornarmos, você continue tão cordial e amável comigo, como está sendo agora!

— Sinto-me sempre o mesmo, mas percebo que você tem mudado! O que houve que tem me tratado com mais amabilidade, sem me recriminar nem desconfiar até dos meus pensamentos?

— Estou compreendendo que tinha receios infundados e que devo ser feliz com você a quem amo, e que é o meu marido querido, pai da nossa pequena Margarida...

— Alegra-me que assim pense, e mais ainda porque é a primeira vez que a ouço dizer — nossa pequena Margarida.

— Esqueçamo-nos de tudo e aproveitemos a vida que temos, sem criarmos problemas para nós próprios! O tempo passa tão rápido e, se deixarmos perder os momentos felizes que se nos oferecem, vamos lamentar muito no futuro. Veja papai e mamãe, há quanto tempo estão unidos e felizes! Quero que aconteça conosco também. Quero ser feliz em sua companhia, na de nossa filha, e na dos outros filhos que ainda virão!

— Ah, querida Mafalda, se soubesse que era para ouvir tudo isso, tê-la-ia convidado muito antes para este passeio!

— Se tivéssemos vindo antes, talvez até brigasse com você! Mas agora, sinto-me transformada e não quero mais criar problemas entre nós.

Fernando mais uma vez abraçou-a ternamente, depositando um beijo muito respeitoso em sua face.

Margarida exultava de alegria.

— Penso que já vimos tudo o que nos interessava, Aquilino! Estou feliz do trabalho que estamos realizando. Falta-nos agora conseguir a outra parte.

— Nós a conseguiremos, mas não acho ainda conveniente que já dê o seu trabalho, junto de Mafalda, por encerrado. Aqui o ambiente é favorável, estão sós, porém, quando regressarem, muitas coisas poderão mudar. Enquanto estivermos no palácio, não deverá perder nenhuma oportunidade. Penso que podemos retornar. O que queríamos, observamos!

— E o que faremos lá, agora? Por que não aproveitamos também do local?

— Já fizemos o nosso passeio hoje, e num lugar muito mais puro que este! Voltemos!

Capítulo 37 REFLEXÕES INDUZIDAS

Mafalda e o príncipe ainda permaneceram algum tempo fora, mas Aquilino e Margarida voltaram logo. Seria melhor esperá-los, verificar como chegariam e como se portariam a seguir.

Durante a espera, Aquilino resolveu aproximar-se do criado do príncipe, para sondar-lhe a mente e passar-lhe também algumas idéias, se a ocasião permitisse.

Quando o encontrou, ele desempenhava as atividades que lhe eram habituais, diariamente, para justificar a sua presença no palácio, e Aquilino pôde captar alguns de seus pensamentos: — O príncipe parece estar com medo! Se foi para isso que vim, por que esperar tanto? Cada vez ele me dá um motivo para a demora. Primeiro era o nascimento do bebê, para não abalar a esposa e prejudicar o filho que esperava. Depois a viagem para o reino de seu pai, onde talvez pudesse receber novas ordens. Mais tarde, a notícia da morte da princesa Margarida, deixando-o sem capacidade de raciocínio e ação. E agora, o que o prende?

Vive protelando... Gostaria de realizar logo o serviço e voltar para o palácio onde sempre vivi, servindo aquele soberano que nada teme.

Diante desses pensamentos, Aquilino, perscrutando-lhe o íntimo, averiguou que ele guardava lembranças dos pais, dos familiares, e não deixou de aproveitar ocasião tão propícia. Tomando conta de suas idéias, fazendo-o como se o que lhe passaria, fosse o resultado de seus próprios raciocínios, falou-lhe: — Tenho saudades de meu pai, da vida em família com os meus, dos quais já estou afastado há tanto tempo e desejo retomar. — À lembrança do pai, mais ainda Aquilino aproveitou-se da ocasião, e continuou: — Mas como me portaria se soubesse que alguém trama contra meu pai que amo, exatamente o que arquiteto contra Sua Majestade, o rei? Como me portaria se soubesse quem o fez e por quê, e como seria a nossa vida — a de mamãe, dos irmãos menores e mesmo a minha — sem a sua companhia, ainda mais sabendo que o perdemos em razão de alguma trama? — Querendo reagir, indagava-se, ainda estimulado por Aquilino: — Por que me vêm esses pensamentos agora, e por que sinto essa saudade tão grande de papai? Serão os remorsos pelo que devo fazer, antes mesmo de realizá-lo? É muito estranho! Nunca, nenhum desses pensamentos acudiram-me à mente antes! O que está acontecendo comigo?

Aquilino, como querendo satisfazer as suas indagações, falou-lhe:

— É o seu coração que não foi feito para o crime! Já pensou em Deus, nosso Pai Criador, aquele que vê todas as nossas ações e sentimentos?

Pensar em Deus, nunca o havia feito! A mãe lhe ensinara sobre Deus, mas ele nunca se importara. O que acontecia consigo, então?

Aquilino estava esperançoso. Conseguira atingir o âmago de seus sentimentos bons, adormecidos. Conseguira despertar alguns deles e tudo faria para mantê-los despertos e atentos, como ponto de censura aos outros que porventura quisessem aflorar e fazê-lo agir contra o rei. Trabalharia com ele também, e muito. Iniciara e continuaria, a exemplo do que fazia com o príncipe, durante a noite, quando o trabalho é muito mais eficiente. A primeira sementinha fora lançada e, se o terreno fosse bem amanhado, ela certamente germinaria.

As intenções de Aquilino, em ajuda aos propósitos de Margarida, estavam caminhando bem. Apenas há poucos dias haviam se instalado no palácio, sondado o ambiente, levantando as suas necessidades e iniciado o trabalho... Ah, mas quantos resultados já podiam perceber!

O que é realizado com amor, para o bem, tem a ajuda de Deus que facilita a chegada aos fins colimados, e tudo lhes indicava que atingiriam os propósitos desejados.

Quando deixassem o palácio em busca de suas verdadeiras moradas, como Espíritos libertos aguardando novas oportunidades de servir, aprimorando os conhecimentos e adquirindo virtudes, desejavam ir tranquilos e felizes. Pretendiam deixar Mafalda e o príncipe unidos pelo verdadeiro amor que traz o respeito e a compreensão, e o rei sem mais perigo de vida.

É assim que se deve proceder, quando fins tão nobres se têm em mente. Eles poderiam, de forma muito mais simples e rápida, promover a segurança do rei, até pelo desaparecimento da substância que provocaria a sua morte, ou mesmo promovendo o afastamento, por alguma razão que não lhes seria difícil, daquele criado que ajudaria o príncipe na execução do plano de seu pai.

No entanto, seria isso segurança? O simples desaparecimento do elemento que causaria a morte do rei, não impediria que providenciassem outro. Do mesmo modo, se aquele criado partisse, outro poderia ser enviado para o mesmo fim.

O trabalho teria que ser mais profundo, mais intenso e, por isso mesmo, mais demorado. Não deveria partir de elementos materiais e exteriores a ele ligado, mas da modificação do íntimo de cada um, para que nunca mais houvesse nenhum perigo.

Os primeiros resultados já se evidenciavam, por algumas atitudes que percebiam e por reflexões que captavam, mas ainda era pouco, precisava muito mais. — Solidificar em cada coração, aquelas convicções que estavam começando a adentrar neles.

Capítulo 38 CONTRA-ORDEM

Quando se realiza um trabalho e, mesmo antes da sua conclusão, começa-se a perceber os resultados, mais vontade ainda advém de se aplicar nele.

Aquilino estava feliz e Margarida também. Ele viera de sua sede no Mundo Espiritual, de onde sempre partia em empreitadas de auxílio, às quais estava habituado. Sabia exatamente o que encontraria quando a tarefa estivesse concluída e precisasse retomar, mas Margarida era ainda novata e inexperiente, como Espírito liberto há tão pouco tempo, embora com tantas condições para o auxílio.

Soubera como conduzir sua vida, mesmo em sofrimentos atrozés, e granjeara muito progresso para o seu Espírito, pela liberação de débitos; mas, para ela, o Mundo Espiritual, após a recente encarnação, era desconhecido. Conhecia-o apenas no pequeno círculo do palácio em companhia de Aquilino, mas tinha curiosidades. Desejava saber como seria a sua vida quando deixasse aquele local, pela tarefa concluída; para onde seria enviada, o que faria, e — o que lhe era mais importante: continuaria a contar com a presença dela e amiga de Aquilino?

A medida que o trabalho avançava e os primeiros resultados foram sendo notados, todas essas preocupações começaram a fazer parte do seu Espírito. Muitas vezes inquiria Aquilino que, ponderado e aplicado na sua atividade, apenas lhe respondia:

— Aqui estamos com uma tarefa muito importante que lhe foi permitido realizar! Atenhamo-nos, pois, a ela somente, e deixemos essas preocupações para quando chegar a hora.

— No entanto, você podia adiantar-me alguma coisa. Tenho a certeza de que sabe exatamente o que acontecerá comigo e não quer me dizer.

— Nada sei do que deseja! Porém, pelo que tenho notado e conhecido de suas atitudes, Deus só pode lhe reservar um lugar agradável, onde estará feliz em auxiliar e aprender cada vez mais.

— Sabe que não é só isso que desejo saber!

— Sim, eu sei! Mas o que gostaria de saber, minha querida, eu também o gostaria! Não devemos nos preocupar com isso, e entreguemo-nos à vontade de Deus! Assim como se acostumou comigo, acostumar-se-á com outros, se não pudermos ficar juntos. Não se preocupe!

Margarida ouviu as palavras de Aquilino, aquietou-se, tentou compreender, mas não se satisfez totalmente. Tão bom seria se já tivesse uma idéia do lugar para onde iria e com quem ficaria, mas era obrigada a aguardar.

Mafalda e o príncipe, passadas algumas horas, chegaram alegres, despreocupados, mais unidos e felizes.

Procuraram logo a pequena Margarida que se encontrava com a avó, viram-na, e foram preparar-se para o almoço, mas recomendaram que aquelas vestimentas deveriam ser cuidadas e novamente guardadas para outras oportunidades.

Diante disso, ficava patente que o passeio lhes agradara e que pretendiam repeti-lo. A mesa da refeição, demonstravam alegria e falaram bastante.

O criado do príncipe, meio a distância, aguardando qualquer ordem mais direta, esperava o pedido de um licor, após a refeição, e estaria pronto para servi-lo. Nada lhe foi pedido e, quando ofereceu, o príncipe o dispensou dizendo:

— O passeio de hoje trouxe-me muitas energias novas e vou dispensar o licor!

Decepcionado, voltou ao seu posto, mas aguardaria outras oportunidades.

O resto do dia foi tranqüilo. O príncipe esteve com o rei em reunião de providências para o reino, e nada foi percebido, nem em atitudes nem em pensamentos, quanto ao que planejavam.

Entretanto, mais no fim da tarde, o príncipe procurou o criado, fazendo-lhe um pedido e dando-lhe uma explicação:

— Hoje, quando me ofereceu o licor, recusei com receios, e não lhe ordenei que o servisse ao rei, temendo que entendesse como tendo chegado o momento, e, por isso, só ele o tomaria. Quero, pois, adverti-lo de que nada faremos por enquanto! E para a minha total segurança, desejo guardar comigo os pós que você adquiriu para esse fim.

— Vossa Alteza mudou de idéia, alterou os planos?

— Por enquanto, sim! Estou preocupado! Não sei o que está acontecendo, mas sinto-me vigiado, e alguma coisa está mudando em mim.

— Se Vossa Alteza me permitir dizer, hoje também tive pensamentos estranhos, como se o que planejavamos, estivéssemos tramando contra o meu próprio pai! Por que estamos fraquejando, Alteza?

— Não saberia explicar! Vamos aguardar mais um pouco! Por isso temo que o realize sem minha autorização, e, comigo, aquela substância estará mais em segurança...

— Nada tema, Alteza! Eu não o faria sem autorização. Quando servir o licor, mesmo ao rei, nada colocarei sem me autorizar.

— De qualquer forma, dê-mo!

O criado entregou os pacotinhos ao príncipe que os levou consigo, escondendo-os em suas vestes e, logo a seguir, colocou-os em lugar seguro, longe das vistas de todos.

Aquilino ficou muito satisfeito e, juntamente com Margarida, essa alegria se completou:

— Hoje, querida Margarida, precisamos agradecer mais intensamente a Deus, nos ter permitido essa missão e nos ter inspirado como conduzi-la, pois os resultados já estão se fazendo muito visíveis! Logo teremos a decisão deles, para a desistência definitiva!

— Aí iremos embora?

— Assim que tudo estiver bem consolidado, nada mais nos restará a fazer aqui!

— Deixo o agradecimento a Deus por sua conta, e eu o acompanharei!

— Nós o faremos, pedindo-lhe que continue a nos inspirar e auxiliar, para que também, nesta noite, o nosso trabalho seja profícuo!

— Devo continuar a trabalhar Mafalda?

— Não só ela, mas também o príncipe!

— Todavia, não devo aparecer para ele em neihum momento.

— Isso não a impede de influenciar-lhe a mente como já o fez tuna vez! Fique atenta e aproveite todas as ocasiões, de modo que ele não se lembre de você, fazendo-o entender que as suas sugestões partem dele próprio, pelo observar mais atento à esposa. Induza-o até a fazer alguma reflexão quanto ao passeio de hoje, com base no que você mesma observou!

— Farei isso, e, à noite, continuarei com Mafalda!

— E eu trabalharei duplamente esta noite! Além do príncipe, continuarei o que já iniciei hoje com o criado, fazendo crescer muito, dentro dele, a figura do pai, ao ponto de cada vez que vir o rei, o faça como se estivesse vendo o próprio pai.

— Isso é útil aos dois! Meu querido pai sendo visto como o soberano do reinado dos Continis, aos olhos do príncipe, e como um soberano seu! E muito inteligente, Aquilino!

— Trabalhamos sob a inspiração de Deus, não se esqueça!

Capítulo 39 ENCORAJAMENTO

O trabalho estava em franco desenvolvimento, Be aproximava-se o dia em que o veriam concluído.

Desde que aquele ser angelical partira, enviando Aquilino, nunca mais Margarida o vira nem sentira a sua presença. Estava aos cuidados, agora, de seu grande amigo e irmão em Deus, e não mais pensava naquele ser, tão imbuídos estavam no trabalho que realizavam.

Naquele fim de tarde, Margarida conseguiu prosseguir seus propósitos com o príncipe, e percebeu-lhe o íntimo bastante modificado. Acreditava que não devia somente ao que ela lhe dissera e sugerira há dias, mas muito mais às atitudes de Mafalda, que haviam se modificado em relação a ele. Era mais tema e mostrava-se compreensiva, demonstrando o seu amor e carinho e, com isso, reconquistava-o a cada momento.

Assim, aguardavam apenas que todos se desprendessem pelo sono, para que as atividades tivessem prosseguimento. Mas qual não foi a surpresa de ambos, quando os habitantes do palácio se encaminhavam para o repouso, ao verem, diante de si, deslumbrante de luz, aquele ser angelical.

Margarida surpreendeu-se, Aquilino agradeceu a Deus.

— Deus os abençoe, irmãos queridos!

— Você veio, irmã! — exclamou Margarida. — Estou feliz com a sua presença, mas receio que tenha vindo buscar-me!

— Como está o trabalho, Aquilino? — perguntou-lhe, mesmo antes de responder a Margarida.

— Em grande progresso, com expectativas promissoras!

— E tempo já de você voltar!

— Não o poderia ainda! Se permitido me foi ajudar Margarida, como deixá-la só, agora que quase conseguimos o nosso desejo!

— Margarida não ficará só, acompanhá-lo-á, também!

— Sem que o trabalho fique concluído! Rogue a Deus nos permita ainda permanecer por mais alguns dias! Uns dias mais, apenas, e teremos grandes resultados. Margarida não partirá tranqüila deixando aqui, entre os seus, problemas tão sérios.

— Compreendemos! Vim apenas avisá-los de que sabemos de tudo o que realizam aqui, e que estamos felizes da aplicação que têm dado ao tempo. Falei que os levaria, para testemunhar o amor com que se dedicam a essa tarefa!

— Agora sinto-me tranqüila! — aventurou-se a dizer Margarida.

— Estamos felizes, mas sabem que aqui não podem ficar por muito mais tempo! Margarida precisa ainda de muito réconforte e até repouso. Esse trabalho não poderá se alongar muito!

— Já conseguimos bastante em poucos dias! Logo o teremos concluído e partiremos!

— Para onde me leva, após? — perguntou Margarida.

— Ela está preocupada em saber para onde irá! — explicou Aquilino.

— Todas as moradas do Pai estão à disposição de Seus filhos! Cada um escolhe a que deseja, pelos atos praticados como encarnado.

— Não compreendo! — tomou Margarida.

— Quando chegar o momento, entenderá! Você conseguiu muito para seu Espírito, na sua última encarnação, e muito também lhe será proporcionado agora! Não em repouso nem em vida contemplativa, que isso não existe entre nós, mas lhe será oferecido um lugar, onde mais ainda se aprimorará em conhecimentos e em oportunidades de auxílio aos mais necessitados. Se a tudo isso se adaptar, aceitando com amor as tarefas que o Pai lhe designar, muito mais obterá em progresso para o seu Espírito.

— Estou ansiosa! Gostaria de saber se continuarei com Aquilino, que tem me ensinado e auxiliado bastante! Pode dizer-me?

— Isto só ao Pai compete! Ele sabe o que nos convém, mesmo que às vezes não venha ao encontro dos nossos desejos.

— Então não pode me dizer?

— Para onde quer que seja levada, terá sempre muitos amigos a recebê-la, a lhe ensinarem, e também muitos mais necessitados que você, esperando auxílio. Realize o seu trabalho aqui, conclua-o, e depois irá para onde o Pai lhe reserva.

Margarida continuou com a sua preocupação, conquanto nada mais dissesse, mas Aquilino prosseguiu com as indagações:

— Quanto mais nos dá, para concluirmos a tarefa?

— Não podemos precisar em dias nem em horas, mas que todas sejam bem utilizadas, a fim de que façam, de cada uma, um degrau para os seus Espíritos, pelo compreender, pelo ajudar, pelo ensinar...

— Compreendo! Nunca estamos ociosos! — esclareceu Aquilino. — Aproveitamos todas as ensejos, e mesmo criamos outros para que nosso trabalho seja mais profícuo. Apenas nos afastamos do palácio, ao amanhecer, quando a tarefa da noite fica concluída, para haurirmos da Natureza virgem, energias e forças novas ao nosso Espírito.

— Devem fazê-lo sempre, que é salutar! Agora me retiro porque vocês têm trabalho! Todos já dormem e sei que é nesses momentos que atuam mais intensamente. Se derem a tarefa por terminada, antes do meu regresso, é só chamar-me pelo pensamento em prece, que imediatamente virei buscá-los. Que as bênçãos de Deus os envolvam em todos os momentos, para que todos eles sejam dedicados a trabalhos de amor!

Concluindo estas palavras, desapareceu dos olhos dos dois. Quando Aquilino percebeu que estavam sós, sentindo-se mais fortalecidos e encorajados, convidou Margarida para a continuidade do trabalho.

Capítulo 40 PROMESSA

Aquilino foi, em primeiro lugar, em busca do príncipe, mas ele já havia se retirado do quarto. Logo o encontrou com o criado, confabulando, libertos e sem cuidados. Mas, à sua aproximação, o diálogo encerrou-se e ficaram olhando para ele.

— Com que então, ainda continua desejoso de executar o plano que trouxe, príncipe?

— Nada lhe devemos a esse respeito, num trabalho que só a nós pertence.

— Conversamos sobre isso e sabe que o vigio em todos os seus passos e em todas as suas atitudes. Já percebeu e se sentiu vigiado!

A estas palavras, o criado dirigiu-se ao príncipe, perguntando-lhe:

— Quem é esse que assim nos fala, Alteza? Não estamos sós na realização deste trabalho? Estamos sendo vigiados?

Todavia, o próprio Aquilino adiantou-se e respondeu:

— Sim, vigio-os a ambos e você me sentiu hoje!

— Como, eu o senti?

— Sim, nas suas reflexões! Acompanhei os pensamentos que o levaram junto dos seus, sobretudo de seu pai que ama. Lembra-se quando o colocou em lugar do rei, e do quanto se revoltou se situação semelhante o envolvesse?

— Quem é você que assim me fala e é sabedor até de meus pensamentos?

— Não só sabedor, mas até posso conduzi-los como quiser, e lhe afirmo — estou empenhado em impedir que realize o que pretende e tudo farei para conseguir!

O príncipe ouvia-os sem nada dizer, e Aquilino, prosseguindo, perguntou-lhe:

— Lembra-se de quando hoje perguntou ao príncipe porque fraquejava? Pois bem, eu estava presente e os faço fraquejar. Eu quero tirá-los

desta empreitada tão maléfica, com a qual irão amealhar para seus Espíritos, sérios compromissos diante de Deus!

— Mas quem é você? — insistia o criado.

— Sou alguém que veio a esta casa em trabalho, e o realizo em nome de Deus, nosso Pai Criador, ajudando aqueles que pretendem se emaranhar em teias demolidoras da sua própria paz! Estamos sempre atentos e sabemos do que se trama, porque me foi pedido por uma companheira e irmã, que aqui viesse em socorro ao pai que corria perigo.

Quando o príncipe ouviu estas últimas palavras, sobressaltou-se, perguntando a Aquilino:

— De quem fala?

— Só poderia falar da única pessoa que aqui tem seu pai e não faz mais parte do mundo dos encarnados!

— Como soube do que planejamos?

— Isto não importa! O importante é que pediu ajuda para o pai, a quem muito ama, e aqui estou para impedir tal atrocidade contra ele!

O príncipe abaixou a cabeça e nada disse, mas o criado ainda tinha perguntas a fazer:

— Se assim é, Alteza, em que ficamos?

Antes que o príncipe respondesse, Aquilino adiantou-se:

— Lembrem-se de Deus, que está atento a todos os nossos atos e quer nos ajudar sempre! Sintam-se felizes que aqui estou para impedi-los de praticar tal empreitada, pois, se realizada, lhes trará muito sofrimento, porque seus Espíritos estarão marcados pelo crime. Aquele que mancha o seu Espírito pelo sangue de um irmão, filho do mesmo Pai, que é Deus, nunca poderá ser feliz!

Dirigindo-se, após, somente ao príncipe, inquiriu-o:

— O que significa um reino, príncipe, diante da eternidade do Espírito? Veja, ele é muito passageiro! A morte do corpo fá-lo-á deixar tudo aqui, que passará às mãos de outro, mas o seu Espírito continua porque é eterno. E as marcas que levará consigo, por atos tão insanos, perdurará por muito, muito tempo, até que consiga redimir-se dos compromissos que assumiu! Se ama a seu pai, deve ajudá-lo também a que não deixe esta Terra levando compromissos tão intensos! Do momento em que executar as suas ordens, os encargos de sua ação não ficarão só para Vossa Alteza, mas muito mais ainda para ele que foi o articulador de crime tão perverso e desumano, apenas para aumentar os seus domínios. E eu lhe pergunto:

— Que domínios serão esses tão efêmeros? Os verdadeiros domínios são aqueles conquistados para o Espírito, são os que levamos em ações no bem, em auxílio aos que necessitam e vivendo uma vida ilibada! Esses, ninguém nos toma, só a nós pertencem para toda a eternidade do nosso Espírito, porque soubemos como conquistá-los sem prejudicar nem usurpar nada de ninguém. Aquilo que usurpamos a outros será a nós mesmos que estaremos usurpando!

O príncipe nada mais perguntou, mas ouviu tudo atentamente. Vendo a sua atitude, Aquilino indagou:

— Compreende agora o quanto significa esse trabalho que estamos realizando? Se o rei partir, será muito triste, fará falta aos seus familiares, aos reinóis, mas estará bem! Levará no Espírito o que tem conseguido aqui, porque é um homem bom e justo! Mas, o que acontecerá a tantos que arquitetaram a sua morte? O que acontecerá a Vossa Alteza? A você, executor da tarefa? — perguntou ao criado. 1 E a seu pai, príncipe, que terá muito mais responsabilidade? Desejo ajudar o rei, em nome de Deus e a pedido de sua filha, no entanto, mais desejo ajudar a vocês mesmos, para que se livrem de levar ao Plano Maior, um Espírito marcado por tantos desatinos. Muito já realizou, Alteza, em atendimento ao plano que detém, até o seu casamento com a princesa Mafalda! Não prossiga, pois, para não aumentar os seus débitos, e viva, de agora em diante, junto da esposa que escolheu, o melhor que puder, fazendo-a feliz, que ela não tem culpa de sua ambição. Viva junto da pequena que ama, que agora é sua filha e precisa muito do pai! Nada faça para que um dia, mesmo no Mundo Espiritual, mesmo que muito tempo passe, ela — a sua pequena Margarida — não venha a se envergonhar do pai que teve e lamentá-lo!

O criado nada mais perguntava, mas Aquilino não podia deixar perder oportunidade tão valiosa, e indagou-lhe:

— Por que não volta para junto dos seus? O seu serviço aqui é perfeitamente dispensável, que não foi para trabalhar que veio. Deixe tudo e volte aos seus! Procure uma vida de paz, um pouco mais voltada para Deus, e será feliz! Não se demore a decidir! Lembre-se de seu pai e de sua mãe, e vá antes de se comprometer! Se serve ao príncipe e a seu pai, com amor e fidelidade, ajude-os também a não se comprometerem. Veja que tudo está em suas mãos!

Nem o príncipe nem o criado poderiam jamais imaginar, terem que se deparar com situação semelhante.

O príncipe já tivera conhecimento desse ser que dissera, o observaria atentamente, e ele sentira, durante o seu dia, o desconforto que sabia agora de onde vinha.

Naquele instante, até o criado fora interpelado em seus sentimentos, de forma tão intensa, que seria difícil executar a recomendação do rei Contini. Mas e ele mesmo, o príncipe, após todos os argumentos que ouvira, estaria ajudando ou prejudicando o próprio pai?

Não sabia mais o que pensar nem o que fazer. Sentia-se confuso.

Antes de Aquilino despedi-los, ainda uma vez advertiu-os:

— Poderão se retirar em seguida, e até se refugiar em seus corpos, se se sentirem melhor! Poderão conversar, que tenho a certeza, o assunto agora será outro! Mas façam o que fizerem, quero que fique bem patente que continuarei a vigiá-los em todas as horas do dia, como os sigo à noite! Vocês têm a comprovação disso porque agora me vêem, e sabem que faço o que prometo. No corpo, não se lembrarão da minha presença nem da nossa conversa, mas levarão em seus Espíritos o que ouviram e, sem saber por quê, pensarão muito. Sentir-se-ão vigiados e, no momento em que desistirem, elevarei hosanas ao Pai, porque lhes concedeu o raciocínio lúcido, e os sentimentos bons em seus corações venceram. Elevarei hosanas ao Pai, porque se salvaram, salvando também seu pai, Alteza, deixando de assumir compromissos. Elevarei hosanas ao Pai, porque deixaram que Sua Majestade, soberano destes domínios, continuasse a sua caminhada, tendo a sua vida no curso determinado por Deus, cumprindo as suas tarefas, resgatando seus débitos, até o dia em que esse Pai bendito o chamar, e não porque vocês assim o quiseram. Compreenderam a importância de trabalho tão intenso que realizo?

O príncipe, tendo ouvido todas estas palavras, falou:

— Nunca pensei que alguém pudesse tocar o meu coração como você o fez! Prometo-lhe pensar e afirmo que nada faremos por enquanto, até que tenhamos nossas convicções — essays que tenta colocar em nós — bem firmes em nossos corações. Não lhe asseguro ainda que não o farei, porque sabe que aqui vim para isso, mas prometo-lhe suspender o plano até que possamos, quem sabe, sustá-lo de vez. Porém, até que eu esteja completamente convicto, quero fazer-lhe uma pergunta.

— Fico feliz que se disponha a pensar, e responder- lhe-ei com a mesma boa vontade e disposição com que me empenho neste trabalho! Faça a sua pergunta.

— Num momento da sua conversa, disse-me que atendia ao pedido de uma filha do rei, que só pode ser Margarida! — Onde ela está? Por que não a vejo?

— Onde Margarida está, ainda não me é permitido dizer, mas posso fazer-lhe uma promessa. Quando tiver firmes as convicções em seu íntimo, quando se decidir tirar de vez de sua mente, plano tão demolidor, preservando a vida do soberano deste palácio, até o dia em que ele for chamado por Deus, promoverei um encontro seu com ela! >

— Fará isso?

— Farei, nas condições que lhe impus! Será muito salutar que a veja e conheça a verdadeira Margarida que ela é hoje!

— Terei a lembrança dessa promessa que me faz?

— Da forma como deseja, não! Mas uma alegria interior, uma esperança tema de algo que não saberá precisar, envolverá o seu coração, mas saberá que essas sensações estarão ligadas à desistência da sua empreitada maléfica.

- Agradeço-lhe muito! Como devo chamá-lo?
- Meu nome não é importante! Chame-me apenas de irmão, que o somos todos diante do Pai!

Capítulo 41 ENCONTRO SALUTAR

Aquilino deu-se por satisfeito e, pedindo que cada Hum tomasse seu rumo, retirou-se.

O príncipe retomou ao corpo rapidamente, e o criado ainda perambulou pelo palácio, pensativo e surpreso.

Terminada essa conversa muito profícua, no conceito de Aquilino, ele foi ao encontro de Margarida. Ela havia já realizado o seu trabalho com Mafalda e estava em companhia da mãe, num abraço muito intenso de saudade. Aquilino pôde presenciar a emoção da rainha, naquele instante, e ouvi-la dizer:

— Filha, como é bom vê-la! Tenho sentido tanto a sua falta, mas não reclamo para que seu pai não se abata!

— Aqui estou, mamãe! Continuo viva como vê, e feliz! Quando parti, era triste e desventurada, hoje volto feliz. Não pense em mim com tristeza, não deve! Cada vez que se lembrar de mim, faça-o com alegria, tendo a certeza de que estou bem! Não me vê assim?

— Sim, vejo-a assim!

A estas palavras, Aquilino aproximou-se e Margarida chamou-o:

— Quero que veja, mamãe, o anjo bom que me acompanha e me auxilia! Este é Aquilino, meu irmão em Deus e amigo!

— Então não está só?

— Nunca o estive! Encontrei no convento a tranqüilidade que esperava, e pude colocar meus sentimentos em ordem, mas enfermidade levou-me, e aqui estou mais feliz ainda.

— Então, você nunca sofreu fora do lar?

— Nunca, mamãe! Encontrei o que esperava em paz e repouso para o meu Espírito e pude me recompor. Lembre-se de mim, sempre, como alguém que está feliz, e não chore nem lamente minha partida. Agora devo ir que Aquilino, meu amigo, me espera!

— Para onde vai?

— Não sei, mamãe, ele me conduzirá!

Margarida abraçou temamente a mãe e, juntamente com Aquilino, saíram da sua presença. Quando mais afastados, ele perguntou-lhe:

— Por que mentiu?

— Tenho aprendido alguma coisa com a sua companhia e as suas lições. Se tivesse lhe falado a verdade, ela despertaria com a sensação de tristeza, e seria muito mais difícil conformar-se.

— Vejo que é muito boa aprendiz, mas sabe que não devemos usar da mentira!

— Eu apenas lhe escondi a verdade, para que ela não sofresse mais!

— Está bem! A causa é nobre, não obstante os meios condenáveis.

— Para evitarmos o sofrimento de nossa mãe, usamos, às vezes, de recursos condenáveis, mas suponho que minha falta não tenha sido tão grave assim!

— Conversou com Mafalda?

— Durante um bom tempo, e a encontrei com o Espírito bastante modificado. Abraçou-me, agradecendo o trabalho que tenho realizado em favor da sua felicidade. E você, Aquilino, conseguiu realizar a sua parte?

— Melhor do que esperava! Encontrei os dois ao mesmo tempo e tivemos uma longa conversa!

— Viu nela algum resultado?

— Muitos, mas a comprovação só teremos quando eles estiverem agindo com o corpo desperto! Mas devo contar-lhe uma promessa que fiz, envolvendo-a!

— Como? O que fez? Sabe que quanto mais eu estiver afastada do príncipe, em pensamento, em Espírito, será melhor!

— Compreendo, mas fiz exatamente o contrário! Prometi-lhe um encontro com você, dentro de certas condições!

— Por quê, Aquilino? Não gostaria de ter que lhe falar!

— Mas é necessário e será bom para ambos!

— Não entendo!

— O encontro só se realizará no dia em que ele desistir de vez da empreitada que pretende realizar contra Sua Majestade, o rei.

— Eu aceito, desde que contribua para salvar a vida de meu pai.

— Esse encontro tem outro lado muito importante aos dois!

— Em que poderia nos ser importante?

— Você o amou e ele ainda a ama! Nesse encontro, você se mostrará tal qual é agora, diferente, abrigando outros propósitos, e ele a verá assim, distanciada dos sentimentos que lhe envolveram o coração. Falará com ele, usando o que tem aprendido e realizado com Mafalda. Acredito que será definitivo! Do modo como o fizer, de tudo o que lhe disser e de como se portar, será muito bom para ele que compreenderá e tirá-la-á da mente e do coração para sempre, passando a ter olhos somente para Mafalda. Não se esqueça de que esse encontro está sob uma única condição! Se tudo ocorrer conforme esperamos, você se utilizará também da decisão dele para agradecer-lhe! Você saberá como fazê-lo quando chegar a ocasião, e queira Deus ela chegue logo, porque, para seu pai, significa a liberdade de viver!

— Entendo, Aquilino! Como contestar argumentos tão sábios? Estarei à disposição, mas tenho receio!

— Pense apenas que será benéfico e nada mais! Eu ajudá-la-ei, se o momento chegar! Nada receio!

Capítulo 42 A NOITE BENDITA

Margarida compreendeu a importância daquele encontro. Preparar-se-ia de tal forma que ele seria benéfico ao príncipe e a ela também, pois partiria convicta de que ele nada mais lhe representava.

Todavia, ficava na dependência da decisão do príncipe. Se ele a tomasse em acordo com os seus desejos, iria com muita satisfação, agradecer-lhe-ia, e faria, daquela oportunidade, o encerramento de tarefa tão salutar que lhe fora permitido realizar, com a orientação e auxílio de Aquilino. Nada mais a preocuparia em relação aos seus, e iria feliz, procurar a sua própria vida, conforme o que lhe fosse determinado.

Após as explicações, Aquilino convidou Margarida para o passeio que realizavam ao alvorecer, em busca de novas energias para seus Espíritos, pelo contato mais direto com a pureza da criação de Deus.

— Aquilino, conquanto aquele lugar seja de muita paz para nossos Espíritos, se me permitir, gostaria hoje de visitar algum outro recanto. Deve saber onde encontrá-lo, tão ou até mais belo que aquele já nosso conhecido.

— Far-lhe-ei a vontade e iremos à procura de um novo local, onde a disposição dos elementos que o compõem, colocados por Deus, seja diferente. Todos eles nos são benéficos da mesma forma, apenas aos nossos olhos apresentar-se-ão de modo diverso.

Vamos em busca de algum nascedouro, onde as águas límpidas brotam do chão, formando os rios que fornecem a essa Natureza extraordinária, o seu frescor, em água para os animais e a própria vida aos homens.

— Nós encontraremos um para que você se encante mais! Vamos, não percam tempo!

Aquilino, como sempre, auxiliando Margarida, partiram. Após encontrarem o que desejavam, desfrutaram algumas horas de lugar tão aprazível, retomando quando o sol já brilhava no céu azul, despertando todos os que haviam estado no repouso da noite.

É nessas horas que os corpos cansados das lides diárias, refazem as energias para suportar a continuidade da vida aqui, neste plano. E nas sombras que a noite proporciona, que esse refazer se faz de forma mais propícia.

Ah, mas para o Espírito, o quanto a noite é a oportunidade maior de trabalho! E quando eles, momentaneamente libertos do corpo para permitir-lhe o repouso, vão à procura da satisfação de suas tendências. Encontram-se, arquetam, tanto para o bem quanto para atividades maléficas.

A noite é bendita para que trabalhos tão salutares sejam realizados em favor dos próprios encarnados, haja vista o quanto Aquilino e Margarida estavam realizando em favor daqueles seus entes queridos, residentes no palácio, ajudando-os de muitas formas.

O relacionamento entre Mafalda e o príncipe Fernando já estava bastante modificado. As convicções para a realização do plano que o príncipe trouxera, estavam também abaladas, e eles continuariam o trabalho de tal forma para que ruíssem de vez, sem nenhuma possibilidade de nova construção. Aí, sim, partiriam tranqüilos para outras empreitadas, deixando-os mais felizes: O rei livre para viver; o príncipe e o criado sem terem assumido compromissos tão sérios para seus Espíritos.

Aquilino e Margarida logo chegaram. Antes de entrar, encontraram o criado do lado de fora do palácio, refletindo: — Não sei o que aconteceu comigo! Eu que esperava tão ansiosamente a execução da minha tarefa, para partir, não estou mais suportando ficar. Gostaria de ir embora imediatamente, sem nada fazer!... Tenho uma saudade muito grande de meus pais e não desejo esperar mais nada. Eles devem estar precisando de mim! Quero partir. Sou-lhes necessário, como mais velho!

Aquilino sorria.

— Por que sorri? — perguntou-lhe Margarida.

— Não pensei que minhas palavras pudessem ter uma ação tão imediata!

— E o resultado do seu trabalho?

— Sim, trabalhei nele, esta noite, a possibilidade de ir embora de vez!

— Por que não continua, agora? Atue-lhe na mente, intensificando o que já lhe disse!

— Tem razão! Farei isso!

Aquilino continuou a intensificar os seus pensamentos, mas, ao mesmo tempo, fazia-lhe ponderar que deveria conversar com o príncipe, estimulando-o a desistir da tarefa, para que ele partisse logo em seguida e feliz.

Se ele se fosse tão repentinamente, sem a alteração dos objetivos do príncipe, outro poderia ser enviado, e o trabalho, realizado. Ao partir, ele deveria levar ao rei, da parte do príncipe, uma mensagem explicando-lhe algumas razões e dando-lhe a notícia da desistência definitiva. Qualquer decisão que assim não fosse, poderia trazer perigo, ainda mais que os pós estavam em poder do príncipe.

Diante disso, o trabalho tomaria rumos novos, e nele Aquilino se aplicaria intensamente. Refletindo, ele afastou-se do criado, dizendo a Margarida:

— A ocasião nos é muito oportuna! Vou recolher-me para orar, e pedir a Deus inspiração para não me deixar perder oportunidade tão valiosa. Encontro-a logo mais, aí trabalharemos intensamente para a conclusão feliz da nossa tarefa.

Capítulo 43 REFORÇO DE AUXÍLIO

Aquilino, em seu recolhimento, pediu a Deus, com todo o amor que trazia no coração, em favor daquela causa. Vencida, ela significaria tantos benefícios, tantos compromissos não assumidos, e a alegria de Margarida por deixar o pai completar a sua existência neste orbe.

Fortalecido e esperançoso, foi novamente ao encontro de Margarida, e percebeu que as preces haviam atraído para junto de si, uma entidade que também se dispusera a ajudá-los. Era uma bela jovem em aparência, com condições de realizar qualquer trabalho no bem:

— Ouvimos suas preces e me foi permitido vir ajudá-lo!

— De onde veio, irmã e amiga?

— Estamos sempre neste orbe em tarefas de auxílio, e vim pelas suas preces.

— Como se chama, anjo bom? — perguntou-lhe Aquilino.

— Chamo-me Eufrásia, e pode dispor do auxílio que lhes trago. Estarei com vocês para que o seu trabalho se complete mais rapidamente e com sucesso.

Margarida observava aquela presença que sentiu ser amiga, mas limitava-se a ouvir o seu diálogo com Aquilino que, logo a seguir, acrescentou:

— Esta é Margarida, que viveu neste palácio e preocupa-se com seus familiares, sobretudo com o pai que se encontra em perigo de vida.

— Podem contar comigo!

— Agimos mais intensamente durante o repouso da noite, e temos conseguido bastante. Estamos num ponto muito favorável a que cheguemos ao final com sucesso! Sua ajuda ser-nos-á importante para mais rapidamente conseguirmos os fins almejados.

Em poucas palavras, Aquilino e Margarida contaram o que pretendiam, o que já haviam conseguido, e o que ainda faltava para a concretização final dos seus desejos.

Ela dispôs-se com muito boa vontade, e colocou-se às ordens de Aquilino. Era só determinar.

— Diante do trabalho que estamos realizando, agora seremos um para cada irmão necessitado do nosso auxílio! Determinar-lhe-ei estar junto do criado, enquanto eu trabalho o príncipe. Margarida continua com Mafalda e a desfrutar da companhia querida de seus pais.

— Serei toda dedicação e amor no que fizer!

— Continue, pois, o que já iniciei, estimulando-o a voltar para o reino dos Continis, mas insistindo para que convença o príncipe a escrever uma carta ao pai, dando-lhe ciência de que já desistiu de tudo, com as razões que o próprio pai possa aceitar.

— Conte comigo! Embora ainda não seja a hora propícia, vou colocar-me junto dele, e, à noite, antes de nos mostrarmos a eles, quando seus Espíritos estiverem mais libertos, volto para contar o que consegui descobrir e também realizar.

— Que Deus a inspire, irmã Eufrásia!

Assim que ela se retirou, Margarida, ingenuamente, falou a Aquilino:

— Só nos dois não éramos suficientes para concluir essa tarefa?

— Toda colaboração, numa atividade de auxílio, é sempre benéfica e muito bem-vinda! Não se preocupe, ela realizará muito bem o seu trabalho e nos auxiliará a que o completemos mais rapidamente!

— Se ela não for bem sucedida, porá a perder o que já conseguimos!

— Quando nos dispomos com amor, a auxiliar, Deus nos inspira! Devemos confiar no que os outros também realizam, sem achar que só nós sabemos desenvolver bem as tarefas. Se aceitarmos o auxílio que nos é dado com amor, o nosso trabalho será menos árduo e mais profícuo.

— Compreendo, e peço-lhe que me perdoe! Preocupei-me com a intromissão de outrem num empenho que considerava só nosso! Sinto-me bem com você, e receei que ela pudesse nos perturbar.

— Pense em Deus, Margarida, e agradeça-Lhe por estar atento ao que realizamos, enviando-nos até quem possa nos auxiliar mais.

— Perdoe-me! Devo ter demonstrado o que ainda trago de imperfeição no meu Espírito!

— Esqueçamo-nos disso e vamos também ao nosso trabalho! Não podemos deixar perder nem um minuto de oportunidade tão valiosa.

— O que faremos, agora?

— Enquanto Eufrásia está junto do criado, vamos nós à procura de Mafalda e do príncipe.

Nada demorou e os avistaram junto da pequena Margarida, desperta, no colo do príncipe. Ele a observava com muito amor, percorria, com seus olhos, todos os seus traços... Era uma menina forte e bela. Será uma linda jovem, pensava. Quero para ela um futuro promissor, quero fazer dela uma criatura feliz.

Mafalda observava-o sem nada dizer. Não tinha mais o dume que sentia antes, nessas horas, quando fantasiava em sua mente que ele poderia estar abraçando-a ternamente, como gostaria de tê-lo feito com aquela de quem copiara o nome. Aceitava aquela situação como natural a qualquer pai que ama a filha.

Margarida e o companheiro, observando-os, compreenderam que muito já haviam conseguido.

— Veja, Mafalda, como nossa filha é bonita! Será uma jovem tão ou mais bela ainda que a mãe!

— Ainda considera a mãe dela bonita?

— Cada vez que a olho, sinto que sua beleza aumentou mais! Os seus traços, já tão belos, tornaram-se muito mais ainda quando se tomou mãe. As mães são todas belas por si sós, mas, quando já o eram, essa beleza se amplia.

— Estou muito feliz, Fernando! Sinto que me vê com outros olhos — aqueles que sempre quis, me vissem.

— Você também mudou muito! Se me vê assim, deve ser o reflexo da sua própria modificação. Sinto-me feliz junto de você e da nossa pequena.

— Pode dizer — da nossa pequena Margarida! Não me importo mais, e alegro-me até que nossa filha traga o nome daquela irmã que me foi sempre tão querida! Ela nunca mais estará entre nós, mas é como se a nossa filha a substituísse.

Margarida deixou cair dos olhos, lágrimas de alegria, por vê-los assim tão temos.

— Agora, Fernando, é hora de a colocarmos de volta no berço. Veja, ela dorme outra vez! Dormiu embalada por você!

Mafalda tomou-a dos braços do marido, aconchegou-a no berço, e, deixando-a aos cuidados de uma criada que velaria seu sono, retiraram-se.

— Vamo-nos também, Margarida! O nosso trabalho não permite emoções, para não prejudicá-lo!

— Como não me emocionar com tudo o que ouvi! Quando partir, deixo-os felizes e assim também eu irei. Falta-nos apenas a conclusão do que desejamos.

— Também a conseguiremos! Confie em Deus!

Capítulo 44 EM VISITA AO SOBERANO CORÍTINI

Aquela noite trazia-lhes muitas expectativas. Quando todos se recolheram para o repouso, principalmente aqueles que eram o motivo principal do trabalho que realizavam, os três estavam a postos, aguardando, comentando os sucessos do dia e orando a Deus, pedindo-lhe inspiração para cada palavra que pudessem dizer em favor da causa que abraçaram.

Eufrásia falou-lhes do contato com o criado, dos seus pensamentos, que, pelo narrado, continuavam como os que Aquilino havia presenciado, contando-lhes também o seu esforço em fazê-lo convencer o príncipe, quanto à carta. Disse que nenhuma oportunidade houvera de

encontro entre ambos, por isso não sabia da receptividade daquela idéia.

Todos a postos, perceberam o príncipe Espírito deixar o quarto.

— Fernando já deixou o corpo! — falou Margarida.

— Eu o seguirei, meio a distância, para ver o que fará, sem que me veja e fique à vontade. - manifestou-se Aquilino. — Após, dependendo do que fizer, apresentar-me-ei. Vocês aguardem a sua vez!

Aquilino seguiu-o, vendo-o ir ao local onde havia escondido os pós que ficaram sob sua guarda. Ele apenas os olhou, mas nada fez. Quando se voltava, deu com Aquilino que lhe perguntou:

— Então, príncipe, ainda não é hora de consumir de vez com aquela substância tão comprometedora de seu Espírito?

— Novamente me segue?

— Eu lhe disse, estaria sempre atento! Deixá-lo-ei em completa liberdade, quando fizer o que pretendo. Aí, irei embora e proporcionar-lhe-ei, como recompensa, a alegria para seu Espírito, que já sabe qual é! Por agora faço-lhe um convite e espero que o aceite!

— Convite para quê?

— Antes, lhe farei uma pergunta: — O que ainda o impede da desistência completa da realização do plano é o receio que tem de seu pai, não é isso?

— Como o sabe?

— Sabemos de tudo, não se esqueça! Tenho estado em sua companhia, presenciado cenas, lido seu pensamento, e sei que está bastante diferente, mesmo em relação à Mafalda que vê com outros olhos. O que o impede, porém, de desistir completamente da sua empreitada é o receio de seu pai!

— Tem razão, não posso negá-lo! Todo um plano foi bem arquitetado há anos, e só conseguimos começar a realizá-lo com o meu casamento.

— Em sacrifício de seus próprios sentimentos!

— Sofri muito quando ela partiu, muito mais que quando morreu! Para mim, a ida de Margarida para o convento, já significou a sua morte, porque sabia, nunca mais a veria.

— Mas não tinha esse direito, e deve saber por que ela partiu!

— Sim, concluí depois! Não conseguia resistir à sua presença e fui estovado, afastando-a de vez daqui! Ah, o quanto Margarida era pura e digna, e sacrificou-se para não perturbar a felicidade da irmã!

— Isto tudo já passou e sua vida agora é outra! De nada adianta trazer essas lembranças, que só comprometerão o seu relacionamento com Mafalda.

— Eu também gosto dela, e talvez ainda venha a amá-la! Ela é boa e me quer muito, deu-me uma filhinha para aumentar a minha alegria, e estou feliz!

— É necessário, então, que não estrague novamente essa felicidade que sente, e já abriga em seu coração! Se um dia Mafalda ou a filha souberem o que fez, terá o repúdio de ambas e sua infelicidade será muito grande, afora todos os motivos que já lhe expus de sobejo!

— Falou-me em convite!

— Sim, quero ajudá-lo a desligar-se desse receio que tem de seu pai, para que se liberte de vez.

— E como o fará?

— Levá-lo-ei em visita a ele, neste momento! Promoverei um encontro entre ambos, e você tentará convencê-lo de que não mais está disposto a realizar o que ele pretende. Dará as suas razões, eu o ajudarei, e tudo será mais fácil quando ele receber a notícia de que irá desistir!

— Coloco-me à sua disposição, mas temo, não posso negá-lo!

— Deixemo-nos conduzir pela força do nosso pensamento, e imediatamente esteiremos junto dele!

Em instantes eles adentraram no palácio do reino dos Continis, insatisfeitos com seus domínios e desejosos de ampliá-los. No entanto, desejavam-no a um preço muito alto para seus Espíritos, cuja dívida teriam que saldar num futuro, com muitas dores e sofrimentos, apenas por causa da ambição.

Ao entrarem no aposento real, puderam observar que a rainha dormia profundamente, mas o Soberano mexia-se muito no leito, sem ter conseguido conciliar o sono.

— Aproveitemos da oportunidade, mesmo ele estando desperto! Falarei à sua mente, depois de captar os seus pensamentos, mas, após, farei com que seu Espírito se desprenda pelo sono, para que possa dirigir-me a ele diretamente!

Capítulo 45 PROVIDÊNCIA DECISIVA

Aquilino ficou atento e percebeu que o rei revivia Hproblemas e tarefas do dia transcorrido. Notou, num momento, que ele estava aborrecido por dissensões havidas entre os seus dois filhos, cada um querendo tomar atitudes de modo diverso, tendo chegado a uma intensa altercação. Após essas lembranças, percebeu que ele colocava a solução do problema na efetivação do que desejava:

— " Quando Fernando realizar o que tanto aguardo, meus problemas estarão solucionados! Uniremos os dois reinos, e logo os dividirei em principados, cada um sendo o senhor absoluto do que lhe couber, dando-me menos preocupações. Estou cansado de presenciar tantas discussões por causa de divergências entre eles. Acontece, porém, que Fernando se demora, está se enfraquecendo!... Depois do nascimento da pequena Margarida, só tem olhos para ela e nada realiza! "

Nessa hora, Aquilino resolveu interferir intensamente nos seus pensamentos, fazendo-os mudar seu curso.

— " Mas terei eu direito de resolver os problemas da minha família, com o sacrifício daquele soberano? Estaria sendo honesto comigo mesmo e diante de Deus, no que ordenei a meu filho realizar? Como ficariam seus familiares e até a pequena, quando, um dia, soubessem o que foi feito? Há também a guarda do palácio! Se descobrirem, perderei meu filho! Isto valerá a pena? Como resolver situação tão conflitante? O que desejo não é direito, pois estarei usurpando, através do crime, o que não me pertence! Mais dia, menos dia, Fernando herdará aquele reino que fatalmente se unirá ao nosso pelo nome Continis! "

Passados mais alguns instantes, Aquilino, ao mesmo tempo que lhe influenciava a mente, transmitia-lhe passe repousante. Logo o sono o envolveu, e ele despreendeu-se do corpo.

— É a sua vez, príncipe! Deve ter ouvido tudo o que lhe transmiti. Aproveite-se do que já preparei e continue o seu trabalho! Eu estarei com você, e mostrar-me-ei a ambos, se necessário for. Vá, cumpra a missão para a qual o trouxe aqui!

O rei, tendo deixado o corpo, dirigiu-se para o salão do trono e Fernando foi encontrá-lo!

— Está aqui, filho?

— Sim, papai! Vim vê-lo e falar-lhe!

— Falar-me o quê? Tem problemas?

— Sim, um problema muito grande envolve a minha consciência e tenho me preocupado! Vim pedir-lhe que me libere dele!

— Que problema é esse que depende de mim tomá-lo mais feliz?

— Sabe, papai, que sempre fui um filho obediente às suas ordens, e até o que realizei em cumprimento ao plano que tramou!...

— Não me diga que está fraquejando?!

— Não se trata de ser fraco, que sabe, não o sou! Mas me está sendo difícil realizar o que me recomendou! Naquele palácio, sou muito bem tratado. O rei, meu sogro, quer-me bem, confia em mim e deposita, na minha pessoa, muitas esperanças. Afeiçoei-me a ele e somos felizes, todos

reunidos, sobretudo depois do nascimento da minha pequena! Por ela e pelo avô que a ama tanto, eu lhe digo: não poderei realizar mais o que pretende!

—É um fraco e se comove por nada! Você fez uma promessa e tem que cumpri-la! Os meus problemas, aqui, têm aumentado e só vejo solução quando realizar a sua parte! Que faz lá o criado que enviei para ajudá-lo?

—Ele também está ansioso para retomar e diz-me que cada vez que olha para o rei, vê o próprio pai e teme!

—Estão loucos, ambos! Se ele não está em condições de realizar o trabalho, enviarei outro em quem confio!

—Não se trata de confiança, mas não conseguiremos fazê-lo! Não é justo o que deseja! Estarei me incriminando apenas para satisfazer os seus desejos! Sabe o quanto me foi difícil o casamento com Mafaida, quando amei a outra! Cumpri a minha parte, mesmo em sacrifício dos meus sentimentos...

—Sentimentos não contam em negócios de interesses!

—Mas eu amei Margarida que deixou o palácio para o convento, e, há poucos dias, tivemos notícia de que morreu lá. Sinto-me responsável pela sua partida e até pela sua morte, pois ela também me amou. Não quero ser responsável por mais nada e não realizarei o que pretende! Hoje vim para fazer-lhe essa comunicação!

Sem que o rei tivesse possibilidade de resposta, Aquilino colocou-se entre ambos. Tendo percebido que Fernando já o conhecia, perguntou-lhe:

— Quem é esse com quem veio?

— Um amigo que muito tem me ajudado!

— Ajudado em quê, a que fraquejasse?

— Não, papai, ele tem me mostrado o que nos acontecerá, se concretizarmos o plano!

— O que poderá nos acontecer?

— Poderei explicar-lhe Majestade! — disse Aquilino, interferindo.

— Não desejo ouvir as suas palavras! Não sabe o que diz, e ainda modificou o meu filho. Não é digno de que o ouça!

— No entanto falar-lhe-ei assim mesmo, e quero explicar o que acontecerá a todos - ao senhor, Majestade, ao príncipe, seu filho, e ao criado, o executor da tarefa!

— Não estou interessado em saber nada disso!

— Mas me ouvirá! Será, Majestade, que se resolve um problema momentâneo e passageiro, assumindo compromissos que lhes serão eternos?

— O que quer dizer?

— Estive em sua companhia há pouco, quando ainda no corpo, e o senhor pensava! Eu sei dos seus problemas! Que pai é esse que, para resolver a situação de dois filhos, sacrifica o terceiro, colocando-o em grande sofrimento?

— Não estou colocando ninguém em sofrimento!

— Certamente que estará! O que deseja que seu filho realize, ficará marcado em seu Espírito por uma eternidade, até que ele consiga ressarcir mal tão grande que irá cometer, compromissos tão intensos que irá assumir. O importante e pior ainda, nisto tudo, Majestade, é que o senhor, sendo o articulador de plano tão sinistro, terá em muito maior cota a responsabilidade do crime. Será responsável por si mesmo, pelo seu filho e pelo seu criado. Pense no Espírito que é eterno, e não no resultado da ambição que é passageiro! Quando deixar esta Terra de vez, pela morte do corpo, o seu Espírito sobreviverá e estará em estado de grande penúria e sofrimento. Nada do que aqui conseguiu, levará consigo! Levará somente o que fizer em boas ações para seus familiares e para seu povo. Pense nisso, Majestade, e queira ser feliz depois de partir, e não desventurado!

O rei Contini ouvia as razões de Aquilino, sem, contudo, comover-se muito, mas ele, que fora em missão tão importante, continuava:

— Majestade, desejo apenas que pense em tudo o que já lhe disse e, quando retomar ao corpo, leve consigo a sensação do sofrimento que irá causar ao seu filho e a si mesmo, por uma cobiça tão fugaz, sem falar nas responsabilidades que adquirirá quanto ao seu criado. Não troque momentos fugazes de alegria, conseguidos à custa do sacrifício de uma vida humana, pela alegria conquistada através do que será perene ao Espírito. Logo, daqui a alguns dias, receberá de seu filho uma carta, na qual ele lhe explicará as razões pelas quais estará desistindo de realizar o trabalho que lhe impôs. O senhor as compreenderá, e será mais feliz. Que os problemas de sua família não sejam resolvidos com a destruição de outra família! Nada se constrói sobre aquilo que nós mesmos destruímos. Se algo tem a dizer, faça-o, que vamos nos retirar. Preciso levar seu filho de volta àqueles que agora fazem parte de sua própria família.

— Nada tenho a dizer! É-me difícil compreender o que me expôs e não sei se devo acreditar!

— Não precisa acreditar em minhas palavras, o importante é que acredite em Deus, na Sua justiça, e que pense na própria consciência, que, a partir deste instante, senão completamente, estará um tanto modificada.

Vendo que a partida se avizinhava, o príncipe voltou a falar ao pai:

— Papai, peço que me perdoe por desobedecer-lhe, mas os motivos apresentados são bastante convincentes para que os aceite, e não venha a sofrer. Quando o tempo passar, ainda agradecerá este momento que o livrará de penas tão sofridas. Dê-me o abraço da sua compreensão, pois precisamos partir! Tome-me como exemplo, se lhe for difícil compreender por si próprio! As mesmas convicções que abriga no coração, já fizeram parte dos meus propósitos, mas mudei-as e desejo também que mude as suas. Só assim seremos felizes. Aguardemos os desígnios de Deus, para que, o que desejamos, nos caia às mãos, se o merecermos! Agora preciso ir. Que Deus fique em seus pensamentos e em seu coração, como está adentrando o meu! Adeus!

Estas últimas palavras deixaram o rei sem resposta e, quando percebeu, nem o filho nem o seu companheiro estavam mais lá. Retomou rapidamente ao corpo, tendo despertado abrigando sensações e pensamentos estranhos, nos quais teria muito que refletir.

Quando Aquilino se viu só com o príncipe, em caminho ao palácio de onde vieram, convidou-o para parar um pouco num recanto, onde a Natureza aberta deixava ver o luar e os pontos luminosos das estrelas enfeitando o céu, diminuindo a negritude da noite.

— Estou muito feliz! Vossa Alteza cumpriu bem a sua parte! Mais feliz fiquei, não pelo que disse, mas pelo que abriga no coração. As nossas palavras, sejamos nós encarnados ou não, são sempre o reflexo do que trazemos em nós, e as suas, fizeram-me entender que se transformou. Estou feliz, irmão, muito feliz, por tudo o que significa esta decisão que tomou. Ela terá um alcance tão grande ao seu Espírito, que ainda não tem condições de avaliar, mas, no dia em que tiver, agradecerá a Deus, tê-la tomado.

— Nem mesmo sei como pude falar tudo aquilo a papai!

— E porque já compreendeu o verdadeiro significado da vida! Todos nós temos as oportunidades que nos são dadas por Deus, através da encarnação, quando chegamos à Terra pela bênção de um novo corpo. Aqui não estamos por acaso. Trazemos tarefas para cumprir, que servirão para ressarcir débitos outrora contraídos, e para que trabalhe e lutemos de tal forma a fim de não adquirirmos outros. Por isso, não temos o direito de dispor daquilo que só a Deus pertence, a vida humana, com todas as oportunidades que oferece! Deve saber que o Espírito é uno e eterno, mas corpos, esse mesmo Espírito tem o ensejo de estagiar em muitos, todos trazendo-lhe oportunidades redentoras. A verdadeira vida e felicidade que almejamos, é a do Espírito e não a do corpo, que é tão passageiro... Tudo o que adquirimos em matéria, para o gozo da matéria, fica na Terra quando partimos, mas as aquisições para o Espírito, essas levamos conosco para a eternidade.

— Nunca havia ouvido ninguém falar como você fala! Tenho compreendido muitas coisas nas quais nunca havia pensado antes.

— Sempre é tempo! Que tudo o que tem ouvido e aprendido, possa ficar armazenado em seu Espírito, para ser utilizado ainda nesta existência que Deus lhe concedeu. Assim, quando terminar as suas tarefas, partirá mais livre dos compromissos já assumidos, e não levando o seu Espírito marcado por outros que adquiriu.

— Compreendo, irmão, se posso chamá-lo assim!

— E assim mesmo que deve fazê-lo! Somos todos irmãos diante do mesmo Pai, e todos com as mesmas oportunidades que Ele nos oferece. Partamos, agora, para o palácio, levando conosco a alegria de momentos tão importantes que Deus, nosso Pai, nos permitiu nesta noite.

Capítulo 46 EM VIAS DE CONCLUSÃO

Aquilino dava-se por satisfeito pela transformação demonstrada pelo príncipe, mas uma outra fase importante teria que ser aguardada — as atitudes que ele tomaria, quando no corpo, em plena atividade de suas funções físicas, à luz do dia.

Teria que aguardar!

Ao chegarem ao palácio, ele agradeceu ao príncipe a receptividade de suas palavras, dizendo-lhe, ainda uma vez, que todas as boas atitudes que adotasse, seriam apenas em favor de si próprio. Comunicou-lhe que o deixaria em liberdade, naquele momento, pois teria outras medidas a tomar.

O príncipe nada fez. Seguiu rumo a seus aposentos e retomou ao corpo. Mafalda dormia e Margarida aproveitou para mais um encontro, falando-lhe da sua satisfação ao ver que seus aconselhamentos estavam encontrando eco em seu coração, e da alegria que levaria consigo, quando partisse, num futuro bem próximo.

Nunca, nada lhe foi revelado a respeito das pretensões do príncipe, para que nenhum sentimento menor se interpusesse no trabalho que realizava. Mafalda de nada precisava saber.

Aquilino, confiante na dedicação de Margarida, não a procurou, mas estava interessado em saber como Eufrásia havia se saído em relação à sua tarefa. Dirigindo-se aos aposentos do criado, verificou que ele não mais dormia, e ela não estava. Perscrutou-lhe a mente e constatou que já estava bastante trabalhada, porque, desperto, seus pensamentos giravam todos em torno daquela idéia do seu regresso e da carta que deveria entregar ao rei Contini.

Muito satisfeito e mais esperançoso, acreditou que o trabalho, ali no palácio, estava em vias de ser concluído. Após a atitude do príncipe, fechando aquele período de esperanças infelizes, antes de partirem, só faltaria promover o seu encontro com Margarida, conforme o prometido.

Deixando aquele aposento, logo avistou Eufrásia e Margarida, livres de suas tarefas. Quando Eufrásia se aproximou para lhe contar o que realizara, Aquilino impediu-a:

— Nada precisa me dizer, irmã! Ao término do meu trabalho, estive nos aposentos do criado, e, perscrutando-lhe os pensamentos, concluí que deve ter realizado muito bem a sua parte. A nossa atividade está por encerrar-se! Hoje demos — eu e o príncipe — um passo muito importante!...

— Você e o príncipe trabalharam juntos? Não entendo!

— indagou admirada, Margarida.

— Está surpresa?

— Muito! Explique-se!

— Nesta noite, ao invés de ter que convencer o príncipe, tive o seu auxílio para as explicações que eram necessárias ao rei, seu pai!

— Estiveram com o rei Contini?

— Sim, levei-o até ele, e, pelo que observei, não teremos mais problemas com o príncipe — assim o espero! Só nos falta verificar, amanhã, quando desperto, à luz do dia, o que fará.

— Eu trabalhei muito o criado insistindo na carta! — interferiu Eufrásia.

— Pois ele nos ajudará, e tenho a certeza, em dois ou três dias irá embora de vez, levando ao rei, seu soberano, a decisão do príncipe Fernando.

— E estará completa a nossa missão! — aduziu Margarida.

— Nossa missão, sim, mas não a minha promessa! Lembra-se do que tem a fazer?

— Lembro-me e receio pôr a perder tudo o que consegui com ele e Mafalda.

— Dependerá apenas de você! Por tudo o que tem realizado, desde ainda encarnada até agora, e por já conhecê-la bem, sei que será bem sucedida. Tenha confiança! Quando o momento chegar, nós a ajudaremos!

Margarida estava feliz.

Com a ajuda de Aquilino e agora também com a de Eufrásia, conseguira ajustar a família dentro dos padrões que desejava.

Tudo transcorreria num pequeno espaço de tempo, de modo muito eficiente, e agora quase chegavam ao fim. Ela lembrava-se de Deus e disse a Aquilino:

— Meu grande e querido irmão e amigo, lembro-me, neste instante, de nosso Pai Criador, por nos ter permitido dirimir problemas tão sérios e ameaçadores, neste palácio.

Ele, que muito nos tem ajudado, inspirando-nos cada palavra a fim de que chegássemos ao final para o qual caminhamos, merece ter a nossa gratidão, mas, para isso, peço-lhe que se dirija a Ele em meu nome, em nome de todos deste palácio, agradecendo o que nos concedeu.

— Sempre o faço, Margarida! Ao término de cada pequena empreitada bem sucedida, — e todas o têm sido — elevo meu pensamento a Ele em reconhecimento.

— Eu também o faço, mas agora queria um agradecimento conjunto, de todos nós, em voz alta, para que cheguemos ao final como temos caminhado até aqui, sempre inspirados por Ele, e bem sucedidos.

— Nós o faremos, querida Margarida! Como ainda nos resta algum tempo até que o dia amanheça e continuemos a nossa tarefa, poderemos ir a passeio, em contato com a Natureza, e lá, o nosso agradecimento chegar-lhe-á mais rapidamente, pois que estaremos em contato mais direto com Ele, através da Sua criação. Eufrásia precisa também conhecer aquele recanto tão encantador.

— Pois então vamos, porque, talvez, não tenhamos mais tantas oportunidades de visitá-lo! Em breve tempo, nossa tarefa estará concluída.

— Quando partirmos, seja o que for que lhe estiver reservado, conhecerá lugares mais aprazíveis ainda do que aquele para onde vamos.

— Acredito nisso, mas aquele me é muito importante pelas circunstâncias em que foi encontrado, pela companhia que você me fez, pelas instruções que me transmitiu! Vá eu para onde for, aquele lugar está já retratado em minha mente e nunca o esquecerei.

Capítulo 47 A ORAÇÃO

Margarida, pelo seu estado de Espírito liberto tão recentemente, não tinha ainda todas as condições que lhe possibilitavam a locomoção com a mesma facilidade dos companheiros, mas, pelo auxílio de que sempre fora alvo, em instantes se encontravam no lugar pretendido.

Eufrásia e Aquilino, já conhecedores de tantos lugares sublimes no Mundo Espiritual, admiravam a beleza e a tranquilidade daquele recanto, no entanto, para Margarida, ele tinha um significado muito mais profundo. — Fazia parte dos domínios de Sua Majestade, o rei, seu pai; encontrara-o num momento de tanta aflição pelos problemas com que se defrontara em seu lar, e recebera, ali também, tantas palavras de estímulo, de conforto e de orientação. Agora que a partida era iminente, não poderia deixar de admirá-lo mais ainda e, por isso, a sugestão de Aquilino para que a prece de agradecimento a Deus fosse ali proferida, trouxe-lhe muita alegria.

— Pois bem, amigos, aqui estamos! — exclamou Margarida. — Não poderia haver lugar mais adequado para entrarmos em comunhão com Deus e agradecer. Ah, quanto tenho a agradecer! Quanto sou devedora ao Pai por todas as oportunidades que me concedeu, durante esse período que permaneci junto aos meus, e devo-lhe até a permissão para essa permanência! Deus permitiu-me ficar, porque sabia de todo o perigo que papai corria e confiou em mim, enviando-me vocês e dando-me também a oportunidade de ajudar o príncipe e Mafalda. Logo deveremos partir e, não me será fácil, mas parto feliz, deixando-os bem!

—Se temos tanto a agradecer, por que não começamos agora mesmo? — indagou Aquilino.

—Conto com você para isso! Lembra-se de que lhe pedi que o fizesse por mim?

— E para isso que viemos!

Os três permaneceram unidos num só pensamento elevado ao Pai, em prece: Aquilino pronunciando as palavras mais doces e temas que saíam do seu coração, Margarida e Eufrásia repetindo-as mentalmente, numa ligação muito profunda.

Quem pudesse vê-los, descobriria também, saindo de seus Espíritos, fios muito tênues, em grande quantidade, elevando-se e perdendo-se no infinito do espaço, ocasionando, naquele local que ainda não recebera a luz do sol nem as primeiras claridades do amanhecer, uma iluminação muito profusa e brilhante, de tons indescritíveis.

Mais Aquilino pronunciava as palavras, mais aquelas luzes se faziam numa espécie de permutação — fios luminosos partiam em direção aos céus, e outros de tonalidades diferentes, chegavam até eles.

A visão era indescritível, mas os sentimentos eram intensos e profundos em direção àquele Pai magnânimo que tanto lhes havia proporcionado em oportunidades. A elevação de seus Espíritos, naquele momento, só era comparável à dos anjos que entram em contato com Deus.

Aos poucos Aquilino foi terminando as palavras, mas a luz que os envolveu permaneceu com eles ainda durante muito tempo, transmitindo-lhes grande bem-estar, intensa alegria interior e muito amor direcionado a todos aqueles para os quais se empenhavam naquela tarefa que se impuseram.

O silêncio perdurou entre eles durante ainda algum tempo, mas logo a seguir Margarida, trazendo lágrimas nos olhos, disse-lhes:

—Como agradecer a Deus tantas dádivas, se quanto mais agradecemos mais as recebemos! Nunca havia me sentido como neste momento, em que essa ligação tão intensa entre nós e Deus foi efetuada!

— Toda vez que nos ligamos a Ele em oração, d'Ele recebemos muitas dádivas. — explicou Aquilino.

— Sempre entendi assim e sempre orei com amor, a não ser durante aquele período que conhece, mas nunca me senti como agora!

— A oração, a comunhão com Deus, é um exercício que devemos praticar constantemente! Quanto mais nos exercitarmos, mais próximos d'Ele estaremos e muito mais receberemos!

— Isto ocorre somente com os Espíritos libertos como nós? Como encarnada, nunca me senti assim!

— Já lhe disse, Margarida, a comunhão com Deus não é privilégio de uns poucos, mas está à disposição de todos, quer encarnados ou libertos como nós. O importante é orarmos com o mais profundo respeito e submissão, elevando o pensamento o mais que pudermos, desprendendo-nos do ambiente que nos circunda e esquecendo-nos dos problemas, que chegaremos a Ele! Quando lá estivermos, é a hora certa de Lhe falarmos, expondo as nossas necessidades com humildade e submissão, pedindo a Sua ajuda. Deus, que nada nega a nenhum de Seus filhos, devolverá em bênçãos de paz, de alívio, de conforto, todas as rogativas que lhe foram feitas com amor.

— Nem todos sabem orar! — acrescentou Eufrásia.

— Tem razão, minha irmã! Mas orar não é difícil, desde que as palavras partam do coração, num todo abrangente e não apenas de lábios. Quanto mais nos exercitarmos nesse desprendimento de nós mesmos, para chegarmos ao Pai, maiores as bênçãos que receberemos.

— Se isso exigir algum esforço de início, com o passar do tempo tomar-se-á muito fácil! Basta querer e se esforçar! Deus está atento, vê o nosso esforço e mais nos devolverá em ajuda. — esclareceu Eufrásia.

— Sempre estou aprendendo, mas este lugar nos ajudou muito na prece que fizemos! — exclamou Margarida.

— Todos os lugares são bons, basta que saibamos como fazê-lo! Entretanto, não resta dúvida de que o silêncio deste recanto, a Natureza aberta e tão pura ainda da mão do homem, nos auxiliou bastante! — explicou Aquilino, completando: — Penso que já fizemos aquilo para o qual viemos! O dia começa a mostrar seus primeiros raios de luz, e deveremos retomar para darmos continuidade ao nosso trabalho, e constatar se, o que conseguimos durante a noite, perdurou em seus Espíritos para as atitudes do dia.

— Aquilino, vejo que a nossa tarefa está por terminar e lhe pergunto se teremos outras oportunidades de aqui retomar antes de partirmos.

— Prometo-lhe que sim! Para a sua alegria, antes da nossa partida, ainda aqui viremos!

— Então voltemos para junto dos meus queridos, que não terei muito tempo mais para estar com eles!

— Partamos!

Capítulo 48 DECISÃO DEFINITIVA

Com a mesma rapidez com que foram, retomaram, e, ao chegarem ao palácio, os que tinham suas obrigações, estavam se levantando.

O príncipe logo surgiu, não pelas obrigações que teria para executar, mas pelas próprias circunstâncias dos acontecimentos que o envolviam.

Quando retomou ao corpo, após a chegada da visita ao pai, não mais conseguiu dormir. Pensara muito e deixara o leito com a firme decisão que já estava instalada em seu Espírito.

Antes que os outros despertassem, foi bater à porta do quarto do criado, que, também acordado de há muito, abriu-a logo.

— O que deseja, Alteza? Perdoe-me ainda aqui permanecer, mas ordene-me que executarei logo em seguida, a sua ordem!

— Não se trata de nenhuma ordem em particular! Venho falar-lhe a respeito do assunto que tem sido a causa das nossas preocupações, nestes últimos dias, e dizer-lhe que a sua tarefa, a que trouxe para realizar por ordem de Sua Majestade, o rei Contini, meu pai, está definitivamente suspensa.

— Sei que essa decisão tem estado na mente de Vossa Alteza, como em mim também o receio de executá-la, mas pergunto-lhe: o que o levou a tomá-la em definitivo?

— São as convicções que me têm penetrado o coração e, nesta noite, até sonhei com meu pai; no sonho, lembro-me de que lhe disse que não mais executaríamos o trabalho.

— E, mesmo no sonho, que não traduz a realidade, qual foi a atitude de Sua Majestade?

— Lembro-me de que ficou enfurecido e chamou-me de fraco, mas não importa. A decisão está tomada e, por minha própria vontade, venho liberá-lo da tarefa.

— Poderei partir, então?

— Sim, partirá hoje mesmo se assim o quiser!

— Apesar dessa tarefa estar me incomodando muito ultimamente, tenho receio de enfrentá-lo! O melhor seria se Vossa Alteza me fizesse portador de uma carta, explicando essa sua atitude, e eu estaria a salvo da sua ira.

— E o que farei hoje mesmo! Assumirei toda a responsabilidade da iniciativa, e ele entenderá! Assim não mandará mais ninguém para substituí-lo, e você estará a salvo.

— Obrigado, Alteza! Essa decisão faz me sentir muito feliz! Se seu pai o chamou de fraco, eu não concordo, porque é mais difícil tomarmos uma atitude que não vai ao encontro do que nossos superiores esperam, mas que nos deixará em paz! Vossa Alteza não é fraco, mas muito cresceu no meu conceito; talvez, quem tenha fraquejado tenha sido eu, mas sinto-me feliz como o sou agora.

— Poderá ir preparando a sua partida, que logo mais lhe darei a carta!

— O que dirá a Sua Majestade, o seu sogro? Como justificará a minha partida?

— Você é responsável minha, não se esqueça! Direi que recebi uma mensagem chamando-o e eu o liberei, sem saber se voltará ou

não. Nesse aguardo, será esquecido e ninguém retomará, pelo menos com as intenções que aqui o trouxeram. Você poderá retomar, sim, porém, para outras empreitadas mais felizes, ou mesmo como mensageiro de meu pai, para alguma comunicação, uma vez que conhece bem os caminhos e tudo aqui; mas, para permanecer, nunca mais!

— Agradeço-lhe muito, Alteza!

O príncipe retirou-se do aposento do criado, sem perceber que essa conversa tinha uma pequena assistência, invisível a seus olhos, e que exultava de alegria por ver o sucesso da tarefa que se impuseram.

— Nada mais há a temer! — exclamou Aquilino, abraçando Margarida. — Fomos bem sucedidos, e seu pai terá sua vida livre para cumprir as determinações de Deus, e tomar as próprias atitudes que lhe possibilitarão progresso.

— Papai é muito bom, Aquilino! Todas as suas ações foram sempre praticadas com ponderação e equilíbrio, visando ao bem-estar dos seus familiares e do seu povo.

— Talvez por isso tenha sido merecedor do que está recebendo do Pai, mesmo sem saber do perigo que corria e do que se realizava para protegê-lo! — acrescentou Eufrásia.

— É sempre assim que deve ser! — explicou Aquilino. — Os que são merecedores das dádivas de Deus, são alvo de suas benesses.

— E agora, Aquilino, o que faremos? A nossa tarefa, aqui, está terminada!

— Aguardaremos a escrita da carta, a partida do criado, e induzirei o príncipe a destruir os pós que retém em sua guarda. Depois prepararemos o seu encontro com ele e teremos a nossa missão, nesta casa, cumprida!

Capítulo 49 APREENSÕES

Esperanças novas envolviam Margarida. Sua tarefa estava praticamente pronta e logo partiria. Não sabia ainda para onde seria levada — se junto de Aquilino, ou se a tarefa terminada significava a despedida.

Gostaria muito de permanecer com ele, pela companhia fraterna que lhe proporcionou, além do auxílio intenso e segurança do sucesso.

Logo aquele ser angelical que a trouxera ali e permitira que permanecesse, voltaria e a levaria. Deveria confiar! Estaria em mãos de um ser tão bom e sublime, que só poderia levá-la a um bom lugar.

Aquilino, vendo-a silenciosa e pensativa, compreendeu os seus receios.

— Margarida, ainda temos algumas realizações aqui, principalmente você, querida amiga! Deixe essa preocupação para depois!

— Como não me preocupar, se o momento se aproxima! Já conversamos sobre isso e gostaria muito de permanecer em sua companhia!

— Entreguemos a Deus essa decisão, e nós, tomemos as nossas aqui, que ainda temos trabalho! Tudo chega no momento certo, e Deus, nosso Pai, não deixa nenhum de Seus filhos ao desamparo, sobretudo aqueles que são submissos e se sacrificam pelo bem-estar dos que amam.

— Tem razão, Aquilino, mas não posso evitar de me preocupar! Se não pudermos ficar juntos, sentirei muito a sua falta!

— Se não nos for permitido, pedirei a Deus a permissão para visitá-la, e estaremos juntos da mesma forma!

— Fará isso por mim?

— Não só por você, mas por mim mesmo, que também me acostumei à docilidade da sua companhia! Todavia, devemos nos submeter à vontade do Pai e aceitar o que Ele nos tem reservado.

— Saberei esperar e aceitar!

— Sempre sou chamado a tarefas semelhantes a esta que estamos por terminar e, mesmo que seja levada para onde estou, ficaremos, às vezes, longo tempo separados!

— Entendo e me submeterei à vontade de Deus, com compreensão e, quem sabe, um dia também poderei ajudá-lo nesse trabalho tão sublime.

— Não nos preocupemos com o futuro, mas apenas com o presente! Precisamos, agora, acompanhar os nossos queridos deste palácio, para a concretização final do que esperamos.

— O que fazer, então? — perguntou Eufrásia, que se mantivera à parte desse diálogo, entendendo que não deveria interferir.

— Faremos como temos feito até aqui! Você ficará com o criado, eu estarei junto do príncipe, intuindo-o quanto ao conteúdo da carta, para que ela seja definitiva em relação aos propósitos de seu pai. Você, minha querida Margarida, estará liberada hoje, para permanecer com os seus, desfrutando de sua companhia amável, sem se preocupar com nada, que o mais importante já conseguimos.

— Agradeço-lhe muito! Quero estar mais junto de papai e mamãe, com quem não tenho podido ficar nos últimos dias pela empreitada que tínhamos a realizar. Quero abraçar papai, e vê-lo, agora, como um homem liberto de cilada tão aterradora que se lhe preparavam.

— Vá, então! Vá, enquanto cuidaremos das nossas atividades. Não se esqueça, porém, de que tem ainda uma parte muito importante a realizar!

— Quando será?

— Dependendo do desenrolar dos acontecimentos do dia, poderá ser nesta noite mesma. Mas não se preocupe, voltaremos a falar sobre isso, à entrada da noite, e eu lhe passarei as instruções, caso seja hoje!

— Terei que orar muito e me preparar!

— Confie em si mesma que não falhará, como não tem falhado em nenhuma de suas tarefas!

Cada um tomou o rumo determinado, e Margarida seguiu feliz à procura dos pais.

Eles ainda permaneciam em seus aposentos, embora despertos. Ela achegou-se, depositou um beijo na face de cada um deles e ficou ali ao lado, observando-os temamente e emitindo-lhes pensamentos de tranquilidade e amor. Nada demorou e a rainha manifestou-se:

— Estou me lembrando da nossa querida Margarida. Quanta saudade sinto dela!

— Interessante que também me recordava de nossa filha, da sua alegria, do seu sorriso meigo quase infantil... Quem diria que a sua paixão pelo príncipe Fernando fosse tão grande, a ponto de tudo sacrificar, até a própria vida, para não interferir no relacionamento dele com Mafalda?

— Você reparou, querido, que depois da notícia da morte dela, eles estão vivendo muito melhor?

— É verdade! Vejo Mafalda cordial e mais amorosa com ele. Nunca mais a ouvi recriminá-lo!

— Deve ser justamente pela partida definitiva de Margarida! Não se deve ter ciúme dos mortos!...

— Imagina que seja por isso?

— Não sei se é, mas tudo mudou entre eles!

Margarida ficou satisfeita que a boa convivência de ambos era sentida pelos seus pais. Não importavam os motivos alegados! O importante era que eles estavam vivendo bem, e, daí para um grande amor, sobretudo do príncipe para com Mafalda, não demoraria muito.

Capítulo 50 ARREMATANDO PONTOS

Aquilino foi à procura do príncipe, encontrando-o às voltas com a pequena Margarida que trazia nos braços. Mafalda ainda permanecia no leito, e como ele se adiantara em levantar para falar ao criado, procurou a filha depois. Não resistiu ao desejo de tomá-la nos braços, mesmo ainda dormindo.

Certamente ele providenciaria a carta, após a reunião para a primeira refeição em família. Mas, como nunca se devem perder oportunidades, Aquilino, mesmo vendo-o com a pequena nos braços, começou a emitir-lhe pensamentos em relação à mensagem, e, a intervalos, observava a sua reação.

Pôde perceber que ele, captando as suas intenções, pensava: — Hoje mesmo, na parte da manhã, escreverei a carta a papai! É-me difícil, mas terei de fazê-lo. Nem sei como começar, contudo, no momento certo, as palavras virão!

Aquilino continuava o seu trabalho e, aos poucos, foi lhe colocando na mente o que deveria dizer. O príncipe ia absorvendo as suas idéias, como quem estivesse descobrindo a melhor forma de realizar aquela tarefa, e pensava satisfeito: — É isso mesmo!... As idéias fluem-me com facilidade e vou aproveitá-las todas! Papai entenderá e não me guardará rancor. Falarei até em nome de Deus e em nome do amor e respeito que aprendi a ter pelo rei, e ele entenderá! Pedirei que ele se coloque no lugar de Sua Majestade, meu sogro, para que sinta o que é ser traído pelas costas, podendo, a qualquer momento, perder a vida por causa de algum ambicioso que se aproxime. Ah, tenho-a toda na mente! Agora não me será difícil! — e, olhando temamente para a pequena Margarida, ao mesmo tempo em que a colocava de volta no berço, pronunciou em voz alta: — Minha querida, você terá a companhia do seu avô, por muito tempo ainda, para fazê-la feliz e para fazê-lo feliz, até quando Deus permitir! Quando puder andar por si própria, e até correr pelo palácio, ele brincará com você, e a alegria desta casa será muito grande!

Ajeitou-a no berço e retirou-se do quarto, para se reunir aos outros que já se encaminhavam para a mesa da refeição.

Aquilino, feliz, acompanhou o príncipe, e viu também Margarida chegar com os pais.

No transcorrer da pequena reunião, puderam ouvir o príncipe dizer ao rei:

— Quero comunicar-lhe, Majestade, que o criado que comigo veio para servir-me, não mais permanecerá neste palácio! Recebi de meu pai, uma ordem para mandá-lo de volta, pois necessita de seus préstimos lá, em seu reino.

Ele já estava bastante habituado aqui e sente ter que partir, mas precisa obedecer. Faz-me portador da gratidão que ele mesmo gostaria de lhe transmitir, mas, por compreender as suas obrigações, incumbiu-me de fazê-lo em seu lugar, reconhecido também, e a todos deste palácio, pela boa acolhida que sempre recebeu.

— Outro virá para substituí-lo? — perguntou o rei.

— Vou liberar meu pai de tal obrigação, Majestade! Não será necessário! Depois deste ano de convivência aqui, sei que não preciso ter nenhum criado particular vindo do meu próprio reino.

— Compreendo os seus receios quando aqui chegou! Precisava ter a seu lado alguém em quem confiasse e que já conhecesse os seus desejos e modo de vida. Mas agora, tão bem aclimatado, e conhecedor de todos os que nos servem, poderá escolher aquele que desejar para substituí-lo.

— Comove-me o seu oferecimento e prometo pensar! Mas, de início, quero tentar conviver, tendo o serviço de todos que também os servem, sem que nenhum precise me atender particularmente. Tenho observado que todos aqui são muito solícitos e prestativos. Talvez não precise de mais ninguém nos moldes em que tinha esse que ora parte.

— Faça como desejar!

Mais uma vitória concretizada! A felicidade de Margarida não tinha limites.

— Aquilino, estou conhecendo um outro príncipe! É esse o mesmo que nunca se mostrou porque não o desejava, ou é aquele que criou com sua ajuda? Que me diz?

— Nós nunca criamos nada, quem cria é Deus! Apenas fizemos sobressair nele as qualidades que estavam adormecidas, e que ele próprio fazia questão de ignorar, pois que estava a serviço e ordens do pai e precisava cumpri-las!

— Foi bom conhecer esse seu lado!

— Não se deixe influenciar por nada! Sabe que tem um encontro com ele, e que deverá consolidar mais as convicções que já penetraram no seu Espírito e não modificá-las.

— Tenho receio desse encontro, sim, mas não pelo que pensa! Meus sentimentos, hoje, são outros, e vejo-o de modo diferente. Receio apenas por ele mesmo, ao ver-me, e que percamos o trabalho realizado junto dele e Mafalda.

— Não haverá perigo! Confiamos em você e devemos cumprir a promessa. Será bem sucedida e partirá tranqüila e feliz da tarefa bem realizada.

— Que devemos à sua ajuda!

— Deus nos inspira e somos Seu instrumento para o bem que Ele mesmo permite, realizemos!

— Sou-lhe muito agradecida, Aquilino!

— Não precisa me agradecer! Sinto-me feliz em realizar trabalhos como esse, que sempre os tenho!

— Que faremos durante o nosso dia de hoje?

— Você continuará a desfrutar da companhia dos seus, e eu cuidarei do que resta realizar! No fim da tarde veremos se pode se encontrar com o príncipe, nesta noite mesma!

Capítulo 51 LIBERDADE PLENA

Aquilino deixou a refeição terminar, sem que mais nada precisasse ouvir. O que o príncipe dissera, significava o arremate final do que esperavam. Depois que a carta fosse escrita, induzi-lo-ia a destruir os pós, e estariam tranqüilos.

Margarida permaneceu desfrutando da companhia dos familiares, e ele foi ao encontro de Eufrásia que se mantinha junto do criado.

Ao encontrá-los, sua alegria foi maior. O criado estava em seu quarto, num afazer muito importante — arrumava a bagagem para a partida! Tudo já se encontrava praticamente pronto, e Eufrásia observava, mas colocava-lhe na mente a alegria da viagem, a liberação de tarefa tão hedionda, e ia além. Fazia-o entrever uma vida diferente com os familiares, mais voltada para os bons sentimentos, sobretudo os de respeito ao ser humano, todos criados por Deus e com as mesmas oportunidades de aqui desempenhar as tarefas para o próprio progresso,, até quando Deus, nosso Pai, permitisse.

Quando ela percebeu, Aquilino estava a seu lado.

— Estou feliz com você, Eufrásia! Tão compenetrada estava na sua atividade, que não percebeu a minha chegada, e eu pude captar o que passava de bom àquele nosso irmão em Cristo!

— Preciso aproveitar a ocasião para que, ao partir, ele leve consigo alguma coisa boa, além de só não ter cometido o crime, que já é bastante, reconheço!

— Nunca devemos deixar perder nenhum ensejo de transmitir um aconselhamento, uma orientação que os faça agir de forma melhor, e mudar conceitos e convicções. Fez muito bem! Continue até que ele parta, pois vejo, será logo mais! Deixá-la-ei aqui e voltarei junto do príncipe para acompanhá-lo na escrita da carta.

Quando Aquilino o encontrou, ele estava sentado à mesa da biblioteca que conhecemos de momentos de tantas esperanças das duas jovens, num passado que, no espaço de tempo, não estava tão longínquo, mas, por todos os acontecimentos que mediaram esses dois pontos, parecia fazer séculos.

O príncipe já a havia começado e, pelo que Aquilino pôde acompanhar, as suas palavras — aquelas que lhe havia inspirado — estavam todas sendo dispostas numa harmonia muito grande de idéias e argumentos, que seu pai não teria dúvidas em acatar.

Nada demorou e ele completou a longa carta que esperava, só lhe levaria alegrias, apesar da decepção de que era portadora. Até notícias da pequena Margarida enviou, todas colocadas no papel com muita ternura, prometendo-lhe que, assim que ela tivesse condições de suportar bem a viagem, levá-la-ia para que ele a conhecesse.

Quando a deu por terminada, resguardou-a num envelope que lacrou, e levou-a ao criado. Ele não estava mais no quarto, mas o príncipe colocou-a sobre a sua bagagem, fechou a porta e foi procurá-lo. Encontrou-o na estrebaria escolhendo o animal que lhe seria conveniente, e, à vista do príncipe, perguntou-lhe:

— Escreveu a carta, Alteza?

— Sim, está pronta! Coloquei-a sobre a sua bagagem, em seu quarto! Convém que volte e a guarde em lugar seguro!

— Eu o farei imediatamente, mas antes, peço-lhe permita-me levar o animal que escolhi, por ter condições de suportar bem a viagem sem ter que trocá-lo.

— Leve o que lhe aprouver, todavia não demore! Quero agradecer a fidelidade que demonstrou em minha companhia, mas vejo que vai muito mais satisfeito que ao vir, assim como eu também me sinto mais feliz!

— Se me perguntassem o que houve, não saberia responder! Mas senti-me transformado de uns dias para cá, e sinto que também Vossa Alteza se transformou!

— Sim, estou bem e você também está, principalmente por nos sentirmos liberados de encargo tão infeliz! Entremos, pois, e depois voltará para preparar o animal.

— Sim, Alteza!

Era ali, naquele momento, a última vez que se veriam. O criado fez o que lhe foi recomendado e, em pouco tempo, partiu.

Quanta alegria envolvia o coração de Aquilino, que foi ao encontro de Margarida contar-lhe o sucedido! Logo após, foi procurar o príncipe para fazê-lo destruir os pós, o que foi feito sem muito empenho. Ah, a liberdade! A liberdade de compromissos tão sinistros, a sensação de leveza do dever bem cumprido, a alegria das ações bem praticadas...

O príncipe era outro! Estava liberto, estava feliz! Procurou Mafalda, convidou-a para um passeio pelo jardim, e ela aceitou prazerosa.

— Quanto tempo perdemos, Fernando! Sinto ter reencontrado a mim mesma, com uma paz que há muito não sentia!

— Sinto-me assim, também!

— Nada mais, ao meu redor, parece atingir-me! Sinto-me senhora de mim mesma, sem receio de nada! Não tenho mais medo de perdê-lo nem ciúme até de seus pensamentos! O que houve conosco, Fernando?

— O que houve, não sei, mas nos reencontramos em bases que, acredito, são muito mais sólidas! Daqui para a frente continuaremos nossa vida, livres de receios e de problemas criados por nós próprios. Nada mais se interporá à nossa felicidade, sobretudo porque temos a nossa pequena Margarida que precisa crescer num ambiente de paz e de amor, enquanto aguarda a chegada de seus irmãozinhos!

— Vamos até à pérgula, Fernando?

— Por que deseja ir até lá? Você nunca mais quis voltar àquele lugar!

— Mas agora eu o desejo! Quero lhe dizer lá, que o cimo muito, e que desejo receber de você, a rosa vermelha mais bonita que encontrar pelo jardim, para que eu também compreenda que me cima!

Capítulo 52 REENCONTRO

Aquilino não precisou acompanhar Mafalda e Ho príncipe para concluir que tudo, entre eles, estava bem. O momento lhes pertencia totalmente e nada mais havia a reear.

Quando retomaram, Mafalda trazendo nas mãos, com muito cuidado, uma rosa vermelha, ele teve a confirmação do que esperava.

O resto daquele dia transcorreu em paz. Aquilino orou muito em agradecimento a Deus, e, nas suas orações, entrou em contato com aquele ser angelical, que era o seu superior naquela missão tão sublime que lhe delegara, bem como a encarregada de levar Margarida onde seria adequado ao seu Espírito.

Tudo estava já preparado mentalmente, e, no fim da tarde, no seu reencontro com Margarida, disse-lhe:

— Minha querida, hoje tudo se completou! A concretização feliz do que tanto aguardávamos, realizou-se. Nada mais nos retém aqui!

— Agora começará um novo período em minha vida, que receio, por me ser desconhecido...

— Nada receie, que você estará muito bem, pelo que já conquistou, pelos débitos que saldou, mas muito ainda a espera em aprendizado e trabalho.

— E o encontro, Aquilino? Não poderíamos partir sem ter que realizá-lo?

— Estranha-me ouvir isto de você, que sempre se empenhou e esmerou em cumprir os compromissos assumidos! Sei que não foi você que o assumiu, mas na causa na qual trabalhávamos, essa promessa nos ajudou muito!

— Eu a cumprirei, sabe disso! Quando será?

— Desde que tudo está resolvido, hoje à noite encontrará o príncipe!

— Como será, Aquilino? Onde o encontrarei?

— Há um lugar que é o mais adequado! Talvez não goste, mas é lá que deve ser, para dirimir qualquer ressentimento ou atitude infeliz que tenha ocorrido num passado não muito distante.

— Não está dizendo que devo encontrar-me com ele na pérgula?

— Sim, estou! É lá mesmo que o encontro se dará, de forma que nada reste — nem em você, nem nele!

— Sabe que mudei meus sentimentos!

— Então nada há a temer! Hoje, um pouco antes de o príncipe se recolher para o repouso, eu a acompanharei até lá, e, quando entender que ele já deva ter se desprendido pelo sono, irei buscá-lo e levá-lo junto a você!

— E permanecerá conosco?

— De modo algum! A certa distância retomarei, mas, se precisar de mim, é só chamar-me pelo pensamento que a atenderei, conquanto saiba que não será necessário.

— Ele irá sabendo que eu o espero?

— Não, ele terá uma surpresa! É melhor assim! As reações demonstradas nos momentos de surpresa, são as mais autênticas e muito valiosas para o teste pelo qual irão passar!

— Ser-me-á mais difícil!

— Não, porque está preparada! Mas deixemos o encontro ao encontro, e aguardemos! Logo depois estará liberto do compromisso, feliz do

trabalho aqui realizado e poderá partir sem preocupações.

As horas passaram céleres. O príncipe já se preparava para o recolhimento do repouso, quando Aquilino disse a Margarida:

— Vamos, querida amiga! Levá-la-ei para esperá-lo!

— Lá você orará comigo para que tudo transcorra bem?

— Naturalmente! A oração sempre nos conforta e pacifica em qualquer momento, basta que a façamos com o coração!

— Vamo-nos, então!

Em poucos segundos chegavam à pérgula, cujas trepadeiras que a envolviam, tão floridas, deixavam exalar no ambiente um perfume suave e delicioso.

O luar estava brilhante, presenteando-os com uma claridade prateada muito intensa, como se estivessem à luz do dia, apenas em tonalidade diversa. Acompanhando a lua que emitia seus raios luminosos, pequenos outros pontos enfeitavam o céu.

Nesse ambiente, Aquilino e Margarida oraram e, terminada a oração, ele despediu-se, transmitindo-lhe palavras de confiança, e foi aguardar o príncipe Espírito sair de seus aposentos.

Quando adentrou o palácio, o príncipe ainda estava desperto.

Enquanto aguardava, encontrou-se com Eufrásia, dizendo-lhe:

— Querida irmã, o nosso trabalho se finda e deveremos partir nesta noite mesma! Outras tarefas nos aguardam, para as quais esperamos o seu auxílio como o tivemos nesta, e as realizaremos com o mesmo amor em Cristo, pela inspiração de que nos dotou, a fim de que nossa empreitada chegasse a bom termo.

— Nossa irmã Margarida ainda tem um compromisso importante a realizar, não é verdade?

— É a conclusão desse trabalho que se coroou de êxito, e a sua parte de hoje será muito importante para o futuro de seu Espírito, como também ao príncipe.

— Estarei aqui em preces e rogativas ao Pai, para que saia a contento!

— Quero encarregá-la de uma tarefa muito importante!

— Sabe que tudo o que me pedir, terá a minha boa vontade em realizar!

— Eu vou estar a distância de ambos e atento, e você permanecerá aqui! Talvez tenhamos a presença daquele ser angelical que comandou esse auxílio, por isso peço-lhe que a recepcione, se ela chegar antes do nosso regresso!

— Farei com muita honra e alegria!

Quando terminava essa instrução, Aquilino foi surpreendido com a saída do príncipe Espírito, do aposento.

Imediatamente, dirigiu-se ao seu encontro, dizendo-lhe:

— Estou muito feliz, Alteza! Tudo o que combinamos, foi realizado.

— Eu é quem devo agradecer-lhe por me abrir os olhos, livrando-me de compromissos tão sérios, afora o desmoronamento desta família.

— Quero regozijar-me com Vossa Alteza, e convido-o a um passeio pelo jardim, quando noite tão bela e agradável se faz lá fora.

— A alegria será minha em poder contar ainda com a sua companhia!

— Pois então vamos!

Aquilino foi conduzindo-o e conversando, até que chegaram, sem que o príncipe percebesse ou desse conta, próximo à pérgula onde Margarida o aguardava.

Quando estavam bem perto, Aquilino falou-lhe:

— Há, neste jardim, logo mais ali, um recanto muito agradável, — e, apontando, prosseguiu: — aquela pérgula perfumada por tantas flores, onde conversaremos mais à vontade! Aguarde-me lá que, logo em seguida, irei ao seu encontro! Lembrei-me de uma providência urgente que preciso tomar, mas não me tomará muito tempo!

Aquilino parou, e o príncipe continuou sem olhar para trás, não vendo, assim, que ele o observava. O momento era deveras importante e decisivo.

O príncipe foi caminhando e, à entrada, parou surpreso.

— Não acredito na visão dos meus olhos neste instante! É você, Margarida?

— Sim, príncipe! Este nosso encontro era importante antes da minha partida!

— Como partida? Então esteve sempre neste palácio?

— Desde que despertei para a vida do Espírito, Deus concedeu-me a felicidade de visitar os meus e aqui permaneci até agora!

— A alegria de vê-la é muito grande, mas sinto-me envergonhado diante da sua presença!

— Nada tem de que se envergonhar!

— Tenho e muito! Se soubesse o quanto sofri quando você partiu! Este foi o local onde tomou aquela decisão tão definitiva, pela minha atitude estouvada. Ah, Margarida, o quanto me arrependo! Mais eu pensava em você, mais sofria por sentir-me o responsável pelo seu afastamento deste palácio! Quando soube da sua morte, então, o meu sofrimento foi mais intenso e a minha responsabilidade, maior!

— Não se aborreça por nada disso!

— Você me amava, eu o sei, e eu também a amei!

— Mas não fui a escolhida e agora eu sei por quê! A minha vida mudou e, por tantos sofrimentos que passei, meus sentimentos se transformaram, e hoje sou outra e muito feliz!

— Diga-me, então, que me perdoa! Preciso ouvir isso de você para ter paz!

— Nada tenho a perdoá-lo! Se sofri, resgatei débitos, e hoje, mais liberta, estou feliz! Tenho estado a observá-lo e compreendo que ama, agora, Mafalda. Se algum respeito ainda lhe mereço, se algum bem ainda me quer, peço-lhe, faça Mafalda feliz, e seja feliz com ela que o ama! Você lhe deve esse amor, porque a escolheu!

— Arrependo-me muito dos desatinos que cometi, casando-me com uma, amando a outra!

— Tinha seus planos que precisavam ser concretizados!

— *Sabe dos meus planos?*

— *Sei de tudo!*

— Então deve saber que nada mais realizarei que me comprometa, ou que comprometa a vida de seu pai!

— Por isso quis encontrá-lo para agradecer-lhe! Meu pai é muito importante para mim, como o é para a nossa família e todo o seu reino!

— Deve agradecer a um anjo bom que tem estado comigo ultimamente, e abriu-me os olhos para muitas coisas que não enxergava antes!

— **Mas** você foi receptivo ao que ele desejou transmitir-lhe, e isso **se** deve **às** suas qualidades!

— Fale-me de você, Margarida! Por que deixou o convívio da Terra tão pouco tempo depois que partiu?

— O que passei não é mais importante! Preocupo-me apenas com o que virá e logo partirei, talvez nesta noite mesma. Mas quero partir feliz e tranqüila, deixando todos aqui, também felizes, sem que nenhum perigo ameace mais ninguém nesta casa!

— No que depender de mim, pode ir em paz, que hoje vejo a vida de modo diferente, e quero ser feliz com Mafalda e a nossa pequena...

— Não tenha constrangimento em pronunciar o nome dela! Eu já o sei e fiquei feliz que outra Margarida aqui continue, dando-lhe o amor filial, para que todo e qualquer sentimento que você abrigou em relação à Margarida de outrora, esteja completamente alijado do seu coração!

— Como é sublime! Eu não merecia mesmo conviver com um anjo assim! Você não foi feita para o mundo, e agora está no lugar que lhe é devido, por tudo quanto se sacrificou em favor de sua irmã e da honra da família!

- Creio, nosso encontro pode encerrar-se aqui! Vejo-o bastante modificado, quero que seja feliz com Mafalda e que também a faça feliz!
- Prometo-lhe que farei! Não tenha cuidados! Este encontro foi muito importante para mim, pois a terei na lembrança, a partir de agora, como um anjo bom que passou pela minha vida, mas ao qual eu não tinha direito, por trazer nas mãos desejos tão sinistros!
- Seja feliz, príncipe! Parta agora, que ainda pretendo ficar aqui um pouco!
- Lembra-se da rosa branca que lhe ofertei um dia?
- Lembro-me bem!
- Que a receba, agora, em pensamento, pela pureza que sempre demonstrou, e pela paz que me transmite neste instante! Adeus!